

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**LIVROS E LEITORES: SABERES E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS E RELIGIOSAS NA *COLEÇÃO FOLHETOS*
EVANGÉLICOS (1860-1938)**

Mirianne Santos de Almeida

Orientadora: Prof^a Dr^a Ilka Miglio de Mesquita

ARACAJU, SE - BRASIL

Fevereiro de 2013

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**LIVROS E LEITORES: SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS E
RELIGIOSAS NA *COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS* (1860-1938)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a Dr^a. Ilka Miglio de Mesquita.

ARACAJU, SE - BRASIL

Fevereiro de 2013

LIVROS E LEITORES: SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS E RELIGIOSAS NA
COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS (1860-1938)

MIRIANNE SANTOS DE ALMEIDA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Aprovada por:

Profa. Dra. Ilka Miglio de Mesquita (Orientadora)

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado (Membro Externo da Banca)

Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (Membro Interno da Banca)

Prof. Dr. (Membro Suplente da Banca)

ARACAJU, SE – BRASIL
FEVEREIRO DE 2013

FICHA CATALOGRÁFICA

A4471 Almeida, Mirianne Santos de
Livros e Leitores : saberes e práticas educacionais e religiosas na coleção folhetos evangélicos (1860-1938) . / Mirianne Santos de Almeida;orientadora: Ilka Miglio de Mesquita. – Aracaju, 2013.

126p. il.
Inclui Bibliografia
Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Tiradentes – (UNIT).

1.Educação. 2.Religião. 3.Brasil Oitocentista. I. Mesquita, Ilka Miglio de. (orient.). II. Universidade Tiradentes – UNIT.

CDU : 371.38

A minha mãe, pelo amor incondicional, pela dedicação e pelo colo, onde posso sempre Me-ninar.

Meu amor maior, eterna fonte de inspiração!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e saúde. Agradeço por renovar as minhas forças e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada.

À minha mãe, minha joia rara, que com dedicação e amor alcança junto comigo essa conquista. Mulher guerreira, minha musa inspiradora. Obrigada por sonhar os meus sonhos, por amparar as minhas quedas – por mais que eu cresça e amadureça, sempre serei seu fruto e orgulho total de minha raiz! Amo-te incondicionalmente.

Aos meus Tios e Primos, que torcem pela minha felicidade e se orgulham de cada conquista, obrigada.

A José Carlos, querido padrasto e amigo, pelo apoio, carinho e prontidão em todos os momentos.

Ao meu Avô Odilon (em memória), por ter ocupado o lugar de pai na minha infância, por toda dedicação e amor, obrigada! Nos rastros da saudade, consigo imaginar a sua presença ao meu lado sorrindo, orgulhoso e te abraço em silêncio com todo amor de neta.

À minha vovó Anúzia, hoje meu bebê, por todo amor e carinho de avó, obrigada por existir. Meu amor por você é incondicional, extrapola o significado das palavras e se reflete nas ações cotidianas. Te amo muito.

Ao ‘Meu Bem’ que ao meu lado enfrentou momentos turbulentos, suportando ‘crises’ e ausências. Você faz parte da minha história.

Meu profundo agradecimento a Professora Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, pelo desafio, confiança e, sobretudo, por ceder-me fontes inéditas de sua própria pesquisa.

Ao Professor Dr. Charliton José dos Santos Machado pelas contribuições e leitura minuciosa no exame de qualificação, foram substanciais para o desenvolvimento do trabalho.

À Professora Dra. Ilka Miglio de Mesquita pela cumplicidade, parceria e estímulos que impulsionaram o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço pela sensibilidade que a diferencia como educadora e pela presença marcante em minha trajetória acadêmica. À você meu carinho e admiração.

À minha querida Professora Msc. Betisabel Vilar pelo incentivo desde a graduação. Ainda guardo na memória seus ensinamentos e no coração as doces palavras. Obrigada por acreditar em mim!

Às minhas queridas Nicole Bertinatti e Priscila Mazêo pelo ombro amigo nas horas difíceis, pela parceria acadêmica e pelos sorrisos partilhados. Vivenciei ao lado de vocês momentos ímpares de uma vida acadêmica, pessoal, profissional.

Aos meus queridos matemáticos Tâmara Sales, Ellen Bonfim e Marcus Oliveira pela partilha cotidiana de alegrias, de angústias, inquietações, fragilidades, incontáveis reflexões. Sou grata por cada momento.

Aos professores do Mestrado em Educação pelos saberes partilhados e construídos ao longo desta trajetória.

A todos os colegas do Mestrado em Educação, em especial a Rogério, Ricardo, Patrícia, Violeta e Lourdes pelo companheirismo, carinho, força e brandura que fizeram desta trajetória, para além da conquista de um diploma, enriquecedora, única e especial. De coração, muito obrigada.

A todos os meus amigos e amigas que foram e vieram durante vida e que, sem sombra de dúvida, deixaram em mim um pouco de si. Agradeço imensamente por todos os momentos que estiveram ao meu lado, suportando minhas ausências e se orgulhando a cada conquista. Obrigada Mara, Priscila Amêndola, Luana, Jéssica, Geane, Yamara, Léa, Iara, Elaine, Carla e Rafael.

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC-SE) e a Universidade Tiradentes pelo apoio financeiro que viabilizou dedicação exclusiva à pesquisa e a divulgação da produção acadêmica.

RESUMO

A investigação empreendida, apoiada nos pressupostos da História Cultural, objetivou compreender a partir da *Coleção Folhetos Evangélicos*, a difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas no Brasil, no período de 1860 a 1938. O marco temporal corresponde ao período de publicação da *Coleção Folhetos Evangélicos*, conjunto de 644 impressos que pertenceu ao Reverendo Vicente Themudo Lessa. O referencial teórico-metodológico está pautado em Carlo Ginzburg (1987) e em Roger Chartier (1990), os quais trabalham com categorias de análise adotadas na exequibilidade da pesquisa, a saber: circularidade cultural e práticas. Busquei amparo metodológico nas orientações elaboradas por Ginzburg (1989) no que concerne ao método indiciário. A análise foi norteadada por indagações que permitiram a apreensão de saberes e práticas educacionais e religiosas veiculados nos impressos: quais os temas dos impressos que compunham a *Coleção Folhetos Evangélicos*? Quais as marcas da leitura de Vicente Themudo Lessa foram deixadas naqueles impressos? Quais tipografias foram responsáveis pela produção daquela bibliografia? O que o referido conjunto de impressos testemunha acerca da Educação? Quais os indícios de saberes e práticas educacionais e religiosas sobrevivem naqueles impressos? Como os catecismos estão organizados, do ponto de vista pedagógico? A hipótese elaborada é que a difusão da palavra impressa propiciou a circulação de saberes e práticas religiosas, favorecendo a consolidação do Protestantismo no Brasil. As páginas amareladas da *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunham saberes e práticas postos em circulação através dos impressos, com vistas a moldar comportamentos. Os grifos e anotações deixam uma representação de um sujeito que atuou na mediação e propagação de saberes e práticas religiosas protestantes, que guardou impressos para se guardar e nos guardar do esquecimento.

Palavras-chave: *Coleção Folhetos Evangélicos*, História da Educação, Impressos Protestantes, História do Livro e da Leitura, Vicente Themudo Lessa.

ABSTRACT

The research, supported the presuppositions of Cultural History, was aimed at understanding from the *Evangelicals Flyers Collection*, the diffusion of knowledge and educational and religious practices in Brazil between the years from 1860 to 1938. The timeframe corresponds the period of publication of *Evangelicals Flyers Collection*, a set of 644 printed which belonged to Reverend Vicente Themudo Lessa. The theoretical and methodological framework is guided by Carlo Ginzburg (1987) and Roger Chartier (1990), which work with categories of analysis adopted in the execution of search: circularity practices and cultural. I sought refuge in the methodological guidance developed by Ginzburg (1989) regarding the evidentiary method. The analysis was guided by questions that allowed the apprehension of knowledge and practice in educational and religious transmitted in the printed: what are the themes that made the printed *Evangelicals Flyers Collection*? Which makes reading Vicente Themudo Lessa were left in those printed? Which printers were responsible for the production of that bibliography? What is the legacy of all the printed about Education? What are the signs of knowledge and educational and religious practices survive in those printed? How the catechisms are organized, of the pedagogical point view? The hypothesis is the dissemination of the printed word favored the circulation of knowledge and religious practices, favoring the consolidation of Protestantism in Brazil. The yellowish pages of *Evangelicals Flyers Collection* testified the knowledge and practices put into circulation through print, aiming to mold behaviors. The gryphons and annotations leave a representation of a guy who worked in mediation and propagation of knowledge and practice religious Protestants, who saved printed to save and keep us from oblivion.

Key-words: *Evangelicals Flyers Collection*, History of Education, Printed Protestants, History of Book and Reading, Vicente Themudo Lessa.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE QUADROS	xiii
LISTA DE GRÁFICOS.....	xiv
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – PRODUÇÃO DE IMPRESSOS: UM OLHAR SOBRE A COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS DE VICENTE THEMUDO LESSA.....	26
1.1 Protestantismo e impressos.....	28
1.1.1 Vicente Themudo Lessa: leitor e colecionador de impressos.....	36
1.2 Apontamentos acerca da materialidade da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	49
1.3 Produção da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> : por uma história das tipografias.....	58
CAPÍTULO 2 – DIFUSÃO DE IMPRESSOS PROTESTANTES NO BRASIL: SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS E RELIGIOSAS NA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS.....	74
2.1 A Educação na <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	76
2.2 Os catecismos da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Documento de Identificação de Vicente Themudo Lessa (1917).....	38
Fonte: Acervo da família Themudo Lessa. Disponível em: www.sitiodosthemudolessa.blogspot.com . Acesso em: ago. 2012.	
Figura 2: Fotografias de cinco gerações da família de Vicente Themudo Lessa	39
Fonte: Acervo da família Themudo Lessa. Disponível em: www.sitiodosthemudolessa.blogspot.com . Acesso em: ago. 2012.	
Figura 3: Periódico O Combate (1912)	47
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 4: Capa da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> (lateral e frente).....	50
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 5: Selo da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	51
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 6: Distribuição das editoras no Brasil	72
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 7: <i>Hymnos de Evangelização</i>	79
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 8: Concepção de ensino tradicional.....	83
Fonte: <i>Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil</i> (1925). In: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 9: Breve Catecismo (1982).....	90
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 10: O Breve Catecismo (1927).....	92
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 11: Breve Catecismo de Doutrina Christã (S/D).....	94
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.	
Figura 12 – Capa do Catecismo de Doutrina Christan (1907)	96

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 13 – Capa do Catechismo Bíblico para Classes Infantis (1895) 98
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 14 – Cartilha com Estampas (contracapa)..... 101
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 15- Cartilha com Estampas (p.1)..... 102
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 16- Cartilha com Estampas (p.15)..... 103
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 17- Cartilha com Estampas (p.29)..... 104
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 18- Cartilha com Estampas (p.25)..... 105
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 19- Catecismo Anti-Sabbatico (1927)..... 107
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 20- Catecismo da Nova Jerusalem ou Nova Igreja Cristão (1902)..... 109
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 21. Um Novo Catechismo (S/D) 112
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010

Figura 22- Catecismo da Expição (1882) 114
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Figura 23- Símbolo da Expição 116
Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dispositivos de condução da leitura	52
QUADRO 2 – Temas da Coleção Folhetos Evangélicos	53
QUADRO 3 – Tipologia e quantidade de impressos da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	62
QUADRO 4 – Nomes e localizações das tipografias em Portugal (1860 a 1938)	66
QUADRO 5 – Nomes e localizações das tipografias dos Estados Unidos (1860 a 1938).....	67
QUADRO 6 – Nomes e localizações das tipografias no Brasil (1860 a 1938)	69
QUADRO 7 – Catecismos da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Temas da <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i>	29
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2012.	
Gráfico 2: Edição dos títulos por década.....	59
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2012.	
Gráfico 3: Tipografias.....;	62
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2012.	
Gráfico 4: Tipografias Protestantes.....	63
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2012.	
Gráfico 5: Produção de impressos por país.....	64
Fonte: <i>Coleção Folhetos Evangélicos</i> . São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2012.	

INTRODUÇÃO

O futuro do livro e da leitura é o cerne de inúmeras discussões na sociedade contemporânea, momento oportuno para voltar a atenção ao passado. Refiro-me ao olhar retrospectivo sobre o mundo dos livros, o universo dos impressos, uma possibilidade de desvelar práticas educacionais e religiosas postas em circulação num dado contexto social e, porque não dizer, da leitura, da salvaguarda de impressos como possibilidades de escrita e construção de si.

O par livro e leitura, elencado para intitular a presente dissertação, compõe uma entre inúmeras possibilidades de acesso ao mundo dos impressos e, segundo Robert Darnton (1990), contribui para mapear o “quem”, “o quê”, “onde” e “quando” da leitura, sobretudo, as circunstâncias nas quais os livros são produzidos, as formas que o materializam, em quais contextos circularam e as práticas culturais difundidas. Se nós, pesquisadores, conseguíssemos apreender respostas para algumas indagações como as que foram citadas “poderíamos vir a compreender melhor como se entendia a vida, e, por essa via – a via histórica –, quem sabe chegaríamos a satisfazer uma parte de nosso próprio anseio por um sentido” (DARNTON, 1990, p.172).

Ao analisar as páginas envelhecidas da *Coleção Folhetos Evangélicos*¹, encontrei indícios e lapidei os achados, idas e vindas às fontes, questionamentos foram respondidos e deram margem a outras indagações que surgiram, práticas de uma pesquisa em andamento que deram movimento à investigação e, assim, a narrativa histórica foi, gradativamente, ganhando forma. O caminho foi percorrido com o objetivo de compreender, a partir da *Coleção Folhetos Evangélicos*, que pertenceu ao Reverendo Vicente Themudo Lessa, a difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas no Brasil, entre 1860 e 1938. Os títulos foram publicados no período de 1860 a 1938, marco temporal da pesquisa. Esse recorte foi escolhido em virtude de o título mais antigo ter sido publicado no ano de 1860 e a publicação mais recente em 1938, ano em que Vicente Themudo Lessa faleceu. O período delimitado reflete o crescimento da circulação e produção de impressos no Brasil.

Nesse sentido, a abordagem histórica teve como ponto de partida o cenário ilustrado por uma vasta população analfabeta, em sua maioria católica, palco de investidas de missionários protestantes que aqui fixaram residência e utilizaram a palavra impressa para

¹ Apesar da nomenclatura, não se trata de uma coleção de folhetos e não é, somente, evangélica.

conquistar adeptos a nova religião e, assim, implantá-la definitivamente. De tal modo, a análise da *Coleção Folhetos Evangélicos* contribuiu para o conhecimento sobre a circulação de impressos protestantes no Brasil.

Alguns motivos presidiram a preferência por esse tema, constituídos no decorrer da minha trajetória acadêmica. O texto, aqui materializado, foi gestado ao longo de dois anos, e trata-se de uma história, composta e narrada por uma pedagoga que ‘visitou’ o passado educacional brasileiro refletido em velhos papéis. Esta dissertação é fruto de uma história: a minha história. As experiências vivenciadas explicam meu posicionamento em relação ao que foi escrito sobre o tema, as opções metodológicas, os resultados alcançados e, por fim, a escrita final do texto. Assim, peço licença ao leitor para apresentar-lhe parte da minha trajetória acadêmica.

O ano era 2007. O cenário, uma cidade litorânea, com belas praias, comemorações carnavalescas e, sobretudo, juninas – a bela Aracaju. Aos 19 anos, estudante de zootecnia, indecisa quanto à carreira profissional que desejaria trilhar, movida apenas pelo desejo de continuar estudando, fui contemplada com uma bolsa de estudos integral – em virtude da pontuação alcançada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – concedida pelo Programa Universidade Para Todos (PROUNI) para cursar pedagogia. Naquele ano, o foco pelo aprendizado da produção animal cedeu lugar à sede de conhecer as múltiplas possibilidades de atuação como pedagoga.

Os primeiros passos para a minha formação de pesquisadora foram iniciados em 2008, quando conheci a Prof^a Dr^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento. O compromisso, seriedade e, sobretudo, a paciência com a qual a professora narrava os objetivos da pesquisa, apresentando-me suas vivências acadêmicas, despertava minha curiosidade e admiração pelo ofício do historiador, pelo universo da pesquisa e, além disso, pela possibilidade de compor uma história a partir de indícios, pedaços de um passado remoto. A decisão estava tomada! Optei por driblar o medo do novo desafio, me tornar bolsista voluntária de Iniciação Científica e mergulhar num outro universo: o da pesquisa. Ao participar das reuniões do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais, liderado pela Prof^a Dr^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, fiz as primeiras leituras teóricas que embasaram a realização da pesquisa. Os debates travados entre os integrantes do grupo esclareciam muitas dúvidas, ampliavam o meu olhar, ainda ingênuo, em formação. Foram momentos pertinentes que enriqueceram a minha formação.

Como dizia a professora Ester Nascimento, ainda na iniciação científica: a vida é feita de escolhas! No mesmo ano, deparei-me com outro momento decisivo, de cunho familiar e, a meu ver, de força maior, suficiente para apartar-me da iniciação científica. Destarte, dei seguimento ao curso de Pedagogia, concluído em 2009. No ano seguinte, o destino se encarregou de me proporcionar um novo encontro com a Profª Ester Nascimento, que me convidou a retomar as atividades no grupo de estudos. Acredito que nada acontece por acaso!

Novamente, integrando o grupo, retomei as leituras, discussões e reflexões acerca do projeto de pesquisa, intitulado *Imprensa Protestante nos Oitocentos* que busca “[...] analisar de que maneira intelectuais protestantes foram referentes de um modelo religioso e educacional difundido no Brasil, a partir de meados do século XIX” e “analisar o acervo de bibliotecas pedagógicas protestantes” (NASCIMENTO, 2007a, p. 3). Tratando-se de um projeto amplo, este deu fruto a projetos menores, como é o caso deste trabalho.

O encontro com a *Coleção Folhetos Evangélicos*, objeto de análise desta dissertação, se deu em 2010, promovido pela Profª Ester Nascimento, que dispunha das fontes digitalizadas no seu acervo pessoal. O projeto de pesquisa aprovado no processo seletivo era o desenho da dissertação, uma orientação para dar seguimento à pesquisa que teria como foco a difusão de impressos protestantes no Brasil oitocentista, de modo a explorar aspectos da produção e circulação da palavra impressa. Entretanto, a curiosidade pela trajetória do dono da coleção seduzia o meu olhar, haja vista a incipiência de pesquisas de cunho biográfico sobre aquele personagem. Era justamente o fato de não encontrar informações sobre a vida daquele sujeito, o que ele fez, porque salvaguardou aquele conjunto de impressos, que me inquietava.

Seduzida pela trajetória do leitor e colecionador de impressos que salvaguardou a *Coleção Folhetos Evangélicos*, o Reverendo Vicente Themudo Lessa, dei os primeiros passos na investigação, ao procurar percursos e desvios da sua trajetória. Confesso que reconstruir facetas de um leitor, a partir de grifos e anotações deixados à posteridade nos títulos que compunham sua biblioteca particular e, para além disso, pensar a leitura e a salvaguarda daquela coleção como uma construção de si, me encantava enquanto pesquisadora. Todavia, esta dissertação se configuraria num estudo biográfico e o que me incentivou, inicialmente, a pesquisar um conjunto de 644 títulos, postos em circulação no Brasil oitocentista e em meados dos novecentos, foi a escassez de pesquisas empreendidas para investigar a difusão de impressos, enquanto instrumentos utilizados para educar e inculcar os ideais protestantes na população brasileira, em sua maioria analfabeta e católica.

Salvo o desvio do olhar, resistindo aos encantos das descobertas acerca da trajetória de Vicente Themudo Lessa, voltei a atenção ao foco inicial, ao garimpar as fontes e lapidar os achados, seguindo o traçado de uma história eternizada nas páginas amareladas da *Coleção Folhetos Evangélicos*, buscando indícios de saberes e práticas educacionais e religiosas postas em circulação no Brasil dos Oitocentos e em meados do século XX. Com o olhar voltado para os impressos, entendendo-os como uma classe de novos objetos e fontes que têm muito a contribuir com a História da Educação, direcionei as lentes da história para a coleção investigada, adotando-a como objeto e fonte de pesquisa. Inspirada, no sentido figurado do termo, adotei o conjunto de impressos como fonte, no sentido primeiro da palavra, que designa uma bica d'água, pois, assim como das fontes d'água, da *Coleção Folhetos Evangélicos* jorraram informações que deram movimento e sentido a composição da narrativa histórica.

A referida coleção é composta por 47 volumes que totalizam 644 títulos entre livro², livreto³, folheto⁴, opúsculo⁵, jornais e revistas. Os títulos que foram publicados no período de 1860 a 1938 pertenceram ao Reverendo Vicente Themudo Lessa e, atualmente, constitui o acervo do Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, localizado na 1ª Igreja Presbiteriana Independente na cidade de São Paulo.

Os historiadores da educação, inspirados nos pressupostos da História Cultural, têm se dedicado a explorar novas fontes e, muitas vezes, a revisitar alguns objetos que possuem uma matriz interpretativa já cristalizada na historiografia. Em ambos os casos, os estudos sobre os impressos têm oferecido relevantes contribuições. Consoante Chartier (1990, p. 16-17), a História Cultural, tal como a entendemos, “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Assim como presume o referido autor, uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. Propor o diálogo com outras áreas do conhecimento, ampliar a noção de fontes para além dos documentos oficiais, contrapor o paradigma tradicional de se fazer

² Livro é uma publicação não periódica, consisti na “reunião de folhas de papel, [...] impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos, composto por mais que 48 páginas” (RABAÇA; BARBOSA, 1995, p. 278).

³ Livreto [Livrete] é um livro pequeno, seja no tamanho, seja no número de folhas, com acabamento em um ou mais cadernos grampeados lateralmente ou a cavalo, com ou sem capa (BEDA, 1993, p. 88).

⁴ Entende-se por folheto uma “publicação não periódica, com no máximo 48 páginas” (RABAÇA; BARBOSA, 1995, p. 274).

⁵ Opúsculo é um folheto de tamanho reduzido, “um livro pequeno, quanto ao formato (ou seja, de acordo com o número de dobras da página), situando-se quanto ao número de páginas entre o folheto e o livro (RABAÇA; BARBOSA, 1995, p. 369).

história dos grandes feitos, considerar mais seriamente as opiniões de pessoas comuns sobre seu passado, são características desta vertente interpretativa.

A História da Educação, como campo de estudos e pesquisas, tem intensificado o diálogo com outras áreas do conhecimento e permitido a adoção de novos objetos e fontes, novas ferramentas conceituais, novos olhares e interpretações que facilitam a compreensão do objeto investigado. Assim, o panorama das produções acadêmicas em História da Educação tem sofrido modificações, sobretudo, no que se refere à produção, circulação e usos de impressos que, atualmente, tem despertado o interesse de muitos pesquisadores.

Norteadas pela perspectiva da história do livro e da leitura, penso que é indispensável considerar os livros “[...] pelas suas formas, pela sua encadernação, pelo seu valor como objeto [...] mas também pelo que são: objetos da arte da palavra” (VENANCIO, 2010, p. 489). Olhar o impresso por dentro, buscando no texto as mensagens expressas, indícios das maneiras como eram transmitidas, considerando a materialidade dos títulos e os conteúdos veiculados, reflete o entendimento acerca dos impressos como instrumentos de difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas, “[...] eles corporificam o saber” (DARNTON, 2010, p. 16). Olhar o impresso por fora, buscando características materiais, exige atenção quanto ao título, autor, editor, quantidade de páginas, local de publicação, presença ou ausência de ilustração, características gerais da capa, disposição gráfica da primeira página, entre outros aspectos que delinearão a análise no decorrer da investigação.

Destarte, a história do livro permite reconstruir um mundo a parte, “[...] compreender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa influenciou o comportamento da humanidade” (DARNTON, 1990, p. 109). Segundo Galvão (2001, p. 41) há uma tendência crescente, nos estudos de história da leitura, visto que “[...] a impossibilidade de captar as leituras *in loco* e os leitores de ‘carne e osso’ [...]” tem encorajado pesquisadores “a buscar, nos próprios textos e na materialidade do impresso, marcas indicativas [...] do leitor pensado” (GALVÃO, 2001, p. 41).

No âmbito da História Cultural, novas propostas de investigação têm sido realizadas no sentido de compreender o modo pelo qual o impresso é pensado, construído, dado a ler em um dado contexto social. No Brasil, desde 1980, as pesquisas realizadas no campo da História da Educação apontam para a pertinência de aspectos da produção e usos dos impressos, compreendendo-os como objetos culturais, que possibilitam a apreensão de práticas postas em circulação. As pesquisas empreendidas acerca da produção e circulação de impressos e seus usos vêm constituindo relevante área de investigação para o campo da História da Educação.

Os estudos sobre impressos religiosos dentro da História da Educação têm se intensificado nos últimos anos, apesar de ainda serem escassos. Dentre os pesquisadores que investigam principalmente impressos protestantes constam os seguintes nomes: Ephraim de Figueiredo Beda, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Alderi Matos, Micheline Reinaux de Vasconcelos e Sandra Cristina da Silva.

Os textos produzidos pela pesquisadora Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento são basilares para a construção deste trabalho, haja vista que o mesmo integra o projeto de pesquisa intitulado “Imprensa protestante nos oitocentos”. Seus trabalhos versam sobre a atuação de intelectuais no território brasileiro por meio do Protestantismo e a circulação dos impressos como instrumentos utilizados para inculcação de ideais religiosos no cenário do Brasil oitocentista, temáticas que tem despertado novos olhares e perspectivas para outras pesquisas, é o caso deste trabalho.

Fruto do projeto citado, a dissertação de mestrado de Nicole Bertinatti (2011, p. 1) “investigou o modelo de educação oferecido pelas Escolas Dominicais Presbiterianas no período de 1909 a 1928, visando compreender a contribuição desta instituição para a implantação do Protestantismo no Brasil”. Com vistas a compreender a atuação de Robert Reid Kalley na propagação de um modelo religioso e educacional, Priscila Silva Mazêo de Alcântara (2011) analisou a atuação do referido missionário protestante, no Brasil, durante a segunda metade do século XIX.

O Protestantismo brasileiro tem sido foco da atenção do pesquisador Alderi Matos. Estudos acerca da atuação de missionários presbiterianos norte-americanos e as estratégias utilizadas para implantar a religião protestante no Brasil são exemplos da contribuição do referido autor para a historiografia. Ressalto, em especial, as relevantes informações concedidas a respeito da trajetória do reverendo Vicente Themudo Lessa e sua atuação no Protestantismo que auxiliaram na construção deste trabalho.

Estudos acerca da circulação de impressos no Brasil tem despertado a atenção de pesquisadores e fomentado investigações. Com o intuito de analisar como “[...] os protestantes conceberam modos de educar voltados para as mulheres” (SILVA, 2009, p. 8), via jornais e periódicos, Sandra Cristina da Silva (2009) investigou o papel da imprensa, no contexto pernambucano em meados dos noventa, na educação de mulheres.

Micheline Reinaux de Vasconcelos, em sua tese de doutoramento, intitulada “As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)”, versa acerca do papel da imprensa e dos impressos protestantes no Brasil com vistas a “demonstrar

que as publicações denominacionais foram parte constitutiva de uma cultura impressa protestante no Brasil, permeando a formação e consolidação destes grupos no país” (VASCONCELOS, 2010, p. 13).

Nessa perspectiva, os estudos desenvolvidos por pesquisadores da história do livro e da leitura despontam a pertinência de investigações acerca da cultura impressa como sendo a ponta de um iceberg para a compreensão de práticas culturais que circularam nas sociedades ocidentais, pelo menos, nos últimos quinhentos anos, quando os impressos imperaram como principal ferramenta de disseminação cultural.

Entre os pesquisadores que investigam aspectos da produção, circulação e uso de impressos destacam-se os estudos de Márcia Abreu, Aníbal Bragança, Ana Maria de Oliveira Galvão, Luiz Carlos Villalta, Nelson Schapochnik, entre outros. Os proprietários de livros na América Portuguesa setecentista e em meados dos oitocentos é foco dos estudos desenvolvidos por Márcia Abreu. Por meio de inventários de bibliotecas e da documentação censória, a autora tem investigado o caminho dos romances, o mercado editorial e a censura de livros. Aníbal Bragança tem percorrido, em suas pesquisas, o caminho da imprensa no Brasil destacando seus precursores. As leituras populares e as modificações sofridas no perfil do público leitor dos cordéis é foco dos estudos desenvolvidos por Ana Maria de Oliveira Galvão. Luiz Carlos Villalta tem se dedicado a investigar, principalmente a posse de livros em Minas Gerais nos séculos XVII e XVIII. Nelson Schapochnik investiga os contextos de recepção do romance no Brasil oitocentista, por meio do estudo dos acervos de gabinetes de leitura e bibliotecas associativas.

No trabalho de Elomar Tambara (2010) sobre “Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil”, pode-se perceber algumas formas de controle no início dos oitocentos. O aprendizado de leitura escolar brasileira baseava-se em textos bíblicos, como “os manuais escolares eram submetidos a um violento processo de censura doutrinária, mormente no que dizia respeito à igreja católica” (TAMBARA, 2010, p. 05). A produção de impressos, mais precisamente o trabalho tipográfico é foco dos estudos de Dutra (1999, p. 479) acerca da Livraria Garnier que “veio para o Brasil em 1844, para instalar uma filial da sua livraria e depois de alguns anos lança o Almanaque Garnier [...] a livraria vai editar e comprar os direitos de edição de obras dos mais renomados escritores da literatura brasileira da metade do século XIX”.

Alguns pesquisadores se debruçaram na construção de trabalhos que apresentam Vicente Themudo Lessa como professor, historiador e líder religioso protestante. A título de

contribuição, é pertinente citar a tese de doutoramento em História, intitulada *Escritos nas Fronteiras: os livros de História do Protestantismo Brasileiro (1928-1982)*, defendida na Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista– UNESP, em 2011, pelo pesquisador Tiago Hideo Barbosa Watanabe, na qual o autor analisou os livros que retratam a história do Protestantismo no Brasil, entre os anos de 1928 e 1982, bem como apresenta Vicente Themudo Lessa como um dos principais escritores que contribuíram para a construção historiográfica do Protestantismo brasileiro.

Vicente Themudo Lessa também é apresentado como escritor e intelectual na tese de doutoramento intitulada “Entre a Sacristia e o Laboratório – Os Intelectuais Protestantes Brasileiros e a Produção da Cultura (1903-1942)” de autoria de Éber Ferreira Silveira Lima, defendida na Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista– UNESP, em 2011.

A diversidade de temáticas tem dado uma nova roupagem aos estudos desenvolvidos no campo pesquisa da História da Educação. Nessa perspectiva, alguns pesquisadores têm movido esforços na investigação de grupos protestantes que atuaram na educação brasileira, como foi o caso de Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior (2010). O autor analisou as práticas de mulheres protestantes da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande – PB, no período de 1927 a 1960, com vistas a compreender as relações de comportamento das mulheres evangélicas e o papel delas como representantes de uma imagem feminina e religiosa.

O pesquisador Iranilson Buriti, através da análise do livro **A Alegria da Casa ou Raios de Luz sobre a Vida Familiar**, de autoria da missionária protestante Sarah Pouthon Kalley, se propôs a estudar “o corpo feminino educado e proscrito pelo saber médico no século XIX, particularmente a partir de 1860” (BURITI, 2011, p. 11). O autor apresenta reflexões acerca da escrita, circulação e recepção de discursos moralizadores, higienizadores e doutrinadores no Segundo Império Brasileiro.

Nesse sentido, ressalto como referência a importância dos impressos na difusão de ideais emergentes na sociedade as publicações de Robert Darnton. O autor reconstrói o percurso das edições, desde a produção de títulos nos centros tipográficos até a chegada às mãos do leitor, enfatizando que existem etapas pertinentes e desconhecidas, uma vez que “os livros têm um ciclo de vida que vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor” (DARNTON, 2010, p. 193).

Convém ressaltar estudos de cunho biográfico, entre os quais menciono a dissertação de Eugênia Andrade Vieira da Silva intitulada “A Formação Intelectual da Elite Sergipana (1822-1889)”, na qual a autora analisou a formação de um grupo de 400 intelectuais reconhecidos e legitimados pela sociedade sergipana com o intuito de “[...] comprovar que ela se originou no período imperial e não no republicano” (SILVA, 2004, p. 16).

As representações e a trajetória do professor Antônio Manoel Carvalho Neto foi foco de análise da pesquisadora Maria do Socorro Lima. O referido trabalho contribuiu para elucidação de lacunas pertinentes à história da educação sergipana, de modo que possibilitou a compreensão “[...] de aspectos significativos da configuração do trabalho docente na primeira metade do século XX em Sergipe” (LIMA, 2008, p. 19).

A salvaguarda de papéis deixa à posteridade rastros de uma trajetória e é também uma maneira de se autobiografar, eternizar uma imagem. Nesse sentido, o professor Charliton José dos Santos Machado investigou a trajetória e atuação da escritora e bibliotecária Zila da Costa Mamede, optando pelo estudo biográfico como possibilidade de compreender “a intervenção do sujeito pesquisado na explicação histórica, rastreando os seus caminhos e descaminhos, articulando suas experiências e aspirações”, descortinando um passado de atuação numa dada sociedade (MACHADO, 2010, p. 24).

Diante do panorama apresentado, a relevância da temática proposta justifica-se pela carência de estudos realizados acerca da difusão de impressos protestantes no Brasil oitocentista e em meados dos novecentos, com vistas a discutir a circulação da palavra escrita como ferramenta para difundir e inculcar ideias. Pensar os impressos como objetos culturais que moldaram o comportamento de grupos sociais e ditaram práticas aderidas e legitimadas num dado contexto social, assim como ressaltar o potencial que os impressos têm para a história da educação é o diferencial desta pesquisa.

A exequibilidade da pesquisa foi norteadada por procedimentos metodológicos. Inicialmente, os títulos foram digitalizados e catalogados no banco de dados do programa *Microsoft Access* informando, quando possível, autor, ano de publicação, editora, número de páginas e tipo de impresso. Para atender aos objetivos traçados, as fontes foram analisadas do ponto de vista material, bem como do conteúdo, em outras palavras, busquei olhar a coleção por fora – atenta aos aspectos materiais desde a capa, número de páginas, ano e local de publicação, autor, presença ou ausência de ilustrações, grifos ou anotações, entre outros aspectos que ganharam importância no decorrer da investigação – e, por dentro, considerando as temáticas veiculadas, organização e escolha dos conteúdos.

Busquei amparo metodológico nas orientações elaboradas por Ginzburg (1989, p. 149) no que concerne ao método indiciário “[...] um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”. Operar com o método indiciário faz do pesquisador um detetive, sujeito de olhar atento aos pormenores, buscando pistas que não estão aparentes nos impressos e interrogando as fontes a todo instante. Destarte, a análise foi norteadas por indagações, de modo a permitir a apreensão das respostas nas entrelinhas. Dentre as questões que rodearam os impressos ressaltar: quais os temas veiculados na *Coleção Folhetos Evangélicos*? Quais as marcas deixadas por Vicente Themudo Lessa na leitura daqueles impressos? Quais tipografias foram responsáveis pela produção daquela bibliografia? Como os conteúdos estão organizados nos catecismos? O que a *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunha acerca da Educação? Quais os indícios de saberes e práticas educacionais e religiosas sobrevivem naqueles impressos?

A hipótese elaborada é que a difusão da palavra impressa propiciou a circulação de saberes e práticas educacionais e religiosos, favorecendo a consolidação do Protestantismo no Brasil. Por conseguinte, esta pesquisa pretende contribuir para a elucidação de impressos protestantes que circularam no Brasil oitocentista e em meados do século XX, verificando os temas abordados, editoras e ano de publicação e, do mesmo modo, a importância da ação de protestantes na produção e circulação de impressos.

A adoção do conceito na investigação parte da necessidade de uma ferramenta para operar na garimpagem e indagação das fontes. Assim, é pertinente ressaltar que ao discorrer acerca da circulação de impressos, tomando como foco o território religioso, não me propus explorar as disputas de campo, fazendo uso do conceito de Pierre Bourdieu. Direcionei as lentes da história ao universo cultural, com o intuito de compreender a circularidade de saberes e práticas educacionais e religiosas, assim como busquei embasamento na acepção de circularidade cultural proposta por Carlo Guinzburg (1987). Entendendo o sujeito como fruto do seu tempo, o pesquisador italiano adotou a noção de circularidade cultural, elaborada por Mikhail Bakhtin, com vistas a compreender a rede de relações do moleiro Menocchio que “[...] com rara clareza e lucidez [...] articulou a linguagem que estava historicamente à sua disposição” (1987, p. 25). Nesse sentido, o entendimento acerca de circularidade esteve, portanto, impregnado de movimento em direção ao que busquei compreender e atribuir sentido: saberes e práticas educacionais e religiosos. A circulação de impressos como ferramenta propagadora de ideais, pressupõe a incorporação dos diferentes saberes e práticas

que conjugam educação e religião e perpassam a igreja, a escola e o lar, abrangendo todo o contexto dos sujeitos sociais.

Pensar os impressos como objeto cultural, instrumento de difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas, exige que se tenha em vista o entendimento do que seriam essas práticas. A tríade prática – representação – apropriação sustenta os estudos desenvolvidos por Roger Chartier⁶. Segundo ele, “as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social” (CHARTIER, 1990, p. 21). A compreensão acerca de práticas perpassa as diversas instâncias da produção cultural. Estão aí incluídas as “instituições várias, às técnicas e às realizações – por exemplo, os objetos culturais produzidos por uma sociedade –, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador” (BARROS, 2006, p. 132). Para Chartier (1990, p. 22), “são práticas culturais a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino”, mas também os modos como, em uma dada sociedade, “os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros”.

Esta dissertação reúne dois capítulos elaborados, com objetivos distintos, que guardam em comum o exercício da escrita, da narrativa histórica. O primeiro capítulo condensa um esboço biográfico de Vicente Themudo Lessa, a análise da *Coleção Folhetos Evangélicos*, com foco na materialidade e nos temas veiculados, bem como nos aspectos da sua produção. O reflexo das práticas educacionais e religiosas veiculadas na *Coleção Folhetos Evangélicos* é tratado no segundo capítulo, no qual propus analisar também a organização pedagógica dos dez catecismos da *Coleção*.

⁶ Tendo em vista a consolidação das pesquisas empreendidas pelo referido autor, saliento que as noções de representação e apropriação foram citadas apenas para informar o tripé que embasa as análises empreendidas pelo autor, todavia não foram utilizadas nesta pesquisa.

CAPÍTULO 1 – PRODUÇÃO DE IMPRESSOS: UM OLHAR SOBRE A COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS DE VICENTE THEMUDO LESSA

Se o corpo do livro é o produto do trabalho feito pelos impressores ou pelos encadernadores, a criação de sua alma não envolve apenas a criação do autor. A alma é moldada também pelos tipógrafos, editores ou revisores, que se encarregam da pontuação, da ortografia ou do lay-out do texto (CHARTIER, 2002, p. 38).

A epígrafe apresentada reflete a compreensão acerca do impresso como objeto cultural, produto humano, constituído não só de tinta e papel, mas sim de ideais, sensações e emoções criadas, moldadas e materializadas por seres humanos. Movida pelo anseio de apreender marcas que testemunham o uso de dispositivos de conformação da leitura, que conservam pistas de saberes e práticas educacionais e religiosas postas em circulação no Brasil dos oitocentos e em meados dos novecentos, compartilho do pensamento que, assim como diferentes atores dão vida, materializam, o texto que transmitem, imprimem e leem, diferentes suportes, cada um à sua maneira, dão sentidos aos textos veiculados. Segundo Chartier (2002, p. 18), “[...] não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, e que não há compreensão de um escrito [...] que não dependa das formas através das quais ele chega ao leitor”, portanto, a materialidade do texto e textualidade do objeto não pode ser separada.

De acordo com Batista e Galvão (2005, p. 16), além das práticas de leituras e suas singularidades, pesquisar os impressos “exige também examinar a qualidade dos textos, apreendendo o *corpus* que constituiria a ‘biblioteca’, [...] descrevendo seus suportes e temas [...]”. Entendo a biblioteca como uma coleção, uma gama de títulos da mesma natureza ou de autores que salvaguardaram o que se produziu acerca de uma mesma temática. Penso no sentido lato, uma *biblioteca imaterial* para além de quatro paredes, uma *biblioteca sem muros* e não “[...] apenas o inventário de livros reunidos em um lugar específico [...]” (CHARTIER, 1998, p. 74). Esse capítulo analisa a materialidade e dos temas veiculados na *Coleção Folhetos Evangélicos* e apresenta aspectos da sua produção, informando as tipografias responsáveis e, quando possível, sua localização e denominação religiosa. No entanto, como pesquisar uma gama de impressos, previamente selecionados e encadernados, sem informar a quem pertenceu? Que imagem aquele conjunto de títulos conserva do dono? Quando foram produzidos? Quais tipografias foram responsáveis pela produção? Em quais localidades

estavam instaladas? Todas as tipografias eram protestantes? O que a materialidade daqueles títulos reflete?

Para elucidar as indagações apontadas, fez-se necessário investigar as fontes de modo a apreender aspectos da trajetória de Vicente Themudo Lessa e a sua atuação no Protestantismo bem como, a convivência e o contato com os impressos, partindo do pressuposto de que a salvaguarda de impressos e atuação no grupo religioso fez parte da construção de si enquanto sujeito, enquanto leitor, enquanto protestante. A materialidade e os temas veiculados na *Coleção Folhetos Evangélicos*, as tipografias responsáveis pela produção e suas respectivas denominações religiosas também são foco deste capítulo.

1.1 Protestantismo e Impressos

Esta dissertação é fruto de indagações elaboradas a partir da análise das fontes, somadas a inúmeras outras que ganharam espaço no decorrer da investigação. O título *Coleção Folhetos Evangélicos* sugere, inicialmente, se tratar de um conjunto de títulos protestantes, me refiro ao aspecto da produção e do conteúdo. Ora, uma gama de impressos salvaguardados por um sujeito protestante que, provavelmente, elaborou o título, visto que a coleção é composta por livros, livretos, opúsculos e folhetos avulsos encadernados em 47 volumes, mas que comporta outros temas além do Protestantismo. Segundo Vasconcelos (2010, p. 35), “Simonton⁷ pensou o jornal com uma série de fascículos, que seriam, posteriormente, encadernados pelos próprios leitores, fazendo, às vezes, de um livro ou enciclopédia para ser consultado oportunamente”. Organizar coleções, compostas por diferentes tipologias desde folhetos e outros impressos avulsos a livretos, opúsculos e livros seria uma prática comum entre líderes protestantes, com vistas a unir maior quantidade de informações?

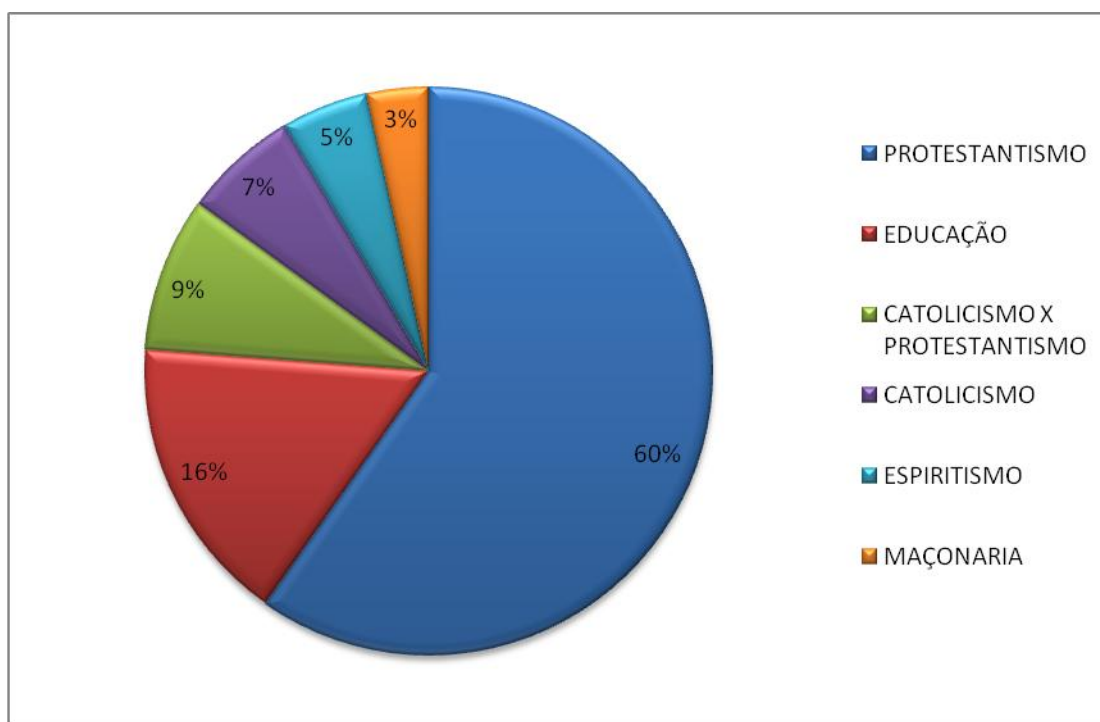
Para Venancio (2006, p. 89), “o ato de colecionar livros traduz talvez o sonho de acumular a maior quantidade possível de saber, materializada em páginas escritas, organizadas, catalogadas e acessíveis ao desejo pessoal de conhecer”. Esse desejo de reunir numa biblioteca ou numa coleção um conhecimento universal ou exaustivo inspirou as chamadas “bibliotecas imateriais”, “bibliotecas sem muros”, conforme a designação de Roger Chartier (1998), como a única forma possível, segundo ele, para uma biblioteca com pretensão universal. Nessa perspectiva, Dutra (2006, p. 299) retoma o século III A.C. para relembrar a “desaparecida biblioteca de Alexandria, originada do sonho de Ptolomeu Filadelfo de reunir todos os livros e todo o saber do mundo, foi a matriz da associação emblemática entre a ideia de biblioteca e coleção, e a totalização e completude do conhecimento”. Essa associação perdurou do mundo antigo até a modernidade, e “se

⁷ Ashbel Green Simonton foi o primeiro missionário presbiteriano a chegar ao Brasil, nasceu em 20 de janeiro de 1833 na Pensilvânia. “Filho de médico e político, possuía formação em magistério e advocacia. Sua dedicação à obra missionária no exterior foi consequência de um sermão proferido por seu professor de teologia, durante seus estudos no Seminário de Princeton, em 1855. Sua candidatura oficial diante da Junta de Missões ocorreu no mês de novembro de 1858, ao citar o Brasil como campo de preferência para realizar o trabalho missionário. Exatamente um ano após sua licenciatura, em 14 de abril de 1859, foi ordenado ao trabalho. Desembarcou no Rio de Janeiro em 12 de agosto do mesmo ano, aos 26 anos de idade” (BERTINATTI, 2011, p. 33).

concretizou, sobretudo, a partir da segunda metade do século XVIII europeu, em vários projetos editoriais e iniciativas intelectuais” (DUTRA, 2006, p. 299).

O apreço pela leitura é destacado nas reflexões, acerca da relação do bibliófilo⁸ com a leitura e a posse de livros, cogitadas por Midlin (1999), no que tange à constituição de uma biblioteca e, sobretudo, na construção de uma coleção. De acordo com o autor citado, “na formação da biblioteca, acabam se formando coleções, porque se lê um livro de um autor, gosta-se desse livro e vai se querer ver as outras obras desse autor”. Posteriormente, “passa-se às primeiras edições, e então procuram-se exemplares autografados, depois entra a questão das raridades [...] mas, a origem disso tudo deve ser o interesse pela leitura” (MIDLIN, 1999, p. 101-102). No que tange à formação da *Coleção Folhetos Evangélicos*, quais são as suas particularidades? Quais escolhas foram feitas quanto ao conteúdo? Quais os temas veiculados?

GRÁFICO 1. TEMAS DOS IMPRESSOS DA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS



FONTE: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

⁸ Amante do livro, sobretudo, da leitura, aquele que os coleciona, conserva reedições, coleções.

Por que salvar e ler impressos sobre Espiritismo, Maçonaria e Catolicismo? Isso demonstra um perfil intelectual? Seria uma estratégia para conhecer os ideais dos adversários na disputa pelo espaço religioso? É recorrente encontrar impressos de autoria de personagens protestantes que criticam o Catolicismo e suas crenças e vice-versa. Conhecer os ideais de diferentes correntes religiosas, além de conhecer a doutrina protestante, é um traço do perfil de um difusor de saberes e práticas educacionais e religiosas? Essa problemática perpassa toda a construção do texto, uma vez que me propus a compreender, a partir da *Coleção Folhetos Evangélicos*, a difusão de saberes e práticas educacionais protestantes no cenário brasileiro, entre 1882 e 1927, e o gráfico apresentado reflete indícios dos temas que circularam no contexto investigado.

O que movimentou essa pesquisa foi pensar a difusão de impressos protestantes, a partir da *Coleção Folhetos Evangélicos*, no Brasil dos oitocentos e em meados do século XX, enquanto instrumentos de circulação de saberes e práticas educacionais e religiosas.

A transição do século XIX para o século XX foi marcada por mudanças no cenário brasileiro, em especial na esfera religiosa. O Catolicismo, outrora predominante, foi perdendo espaço para outras práticas cristãs, a exemplo do Protestantismo. Segundo Silva (2009, p. 37), “os grupos protestantes, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo têm tido um cuidado especial com a instituição de centros educacionais”. Para a autora, a gênese do Protestantismo Reformado no século XVI nos leva, provavelmente, a uma das causas desta propensão, de modo que uma atitude muito incentivada pelos Reformadores do século XVI, “em especial Calvino e Lutero, bem como de seus discípulos diretos residia no fato de acreditarem na Educação como um meio para se construir um povo sábio” (SILVA, 2009, p. 39). A maneira mais fecunda de conduzir os fiéis iletrados ao conhecimento da Bíblia era através da sistematização do ensino, daí a necessidade da criação dos catecismos projetados para instruir o cristão às verdades da fé e de escolas para formar os crentes e solidificar os grupos. Outra herança da Reforma foi a possibilidade de acesso direto à Deus, por meio da leitura da Bíblia. Consoante Nascimento (2008, p. 6),

as consequências culturais da Reforma ficaram muito evidenciadas. Uma sofisticada literatura teológica foi produzida e obrigatoriamente conduziu a um determinado esforço pedagógico, como a organização de escolas. Mas a literatura da Reforma foi além da quantidade, sendo apresentado um novo formato, o que atualmente denomina-se de livro de bolso ou livreto. Os reformadores também não se utilizaram de uma prosa tediosa, mas escreveram no vernáculo, quebrando a tradição, pois os tratados teológicos nunca tinham sido publicados numa linguagem popular.

A missão de divulgar a Bíblia, preconizada na Reforma, norteou a ação de grupos protestantes também na imprensa, veículo de difusão largamente utilizado. Quando a “vertente inglesa do Protestantismo veio para a América do Norte (EUA) – apesar de já bastante alterada em relação ao que era no séc. XVI – trouxe consigo a importância da educação de seus líderes e membros” (SILVA, 2009, p. 38). A Constituição brasileira de 1824 consagrou a liberdade de expressão e atraiu a presença de missionários protestantes com o objetivo claro de difundir o Protestantismo. Naquele contexto, os protestantes que se embrenharam pelo país, enfrentaram “sérias restrições no que diz respeito ao casamento civil, uso de cemitérios e educação” (MATOS, 2004, p. 17). A estratégia adotada pelos missionários, para driblar as dificuldades no território brasileiro, foi a difusão de impressos protestantes. A divulgação de impressos religiosos chegou ao Brasil durante o Oitocentos através do trabalho de propaganda desencadeado pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS) e pela Sociedade Bíblica Americana (ABS), fundadas em 1804 e em 1816, respectivamente, com finalidade a divulgar a Bíblia na língua vernácula de cada povo.

Seus homens se embrenharam pelo país vendendo Bíblias e Novos Testamentos, fazendo conhecido e amigos entre a população, transferindo a religião protestante os benefícios de seu martírio, quando perseguidos; pregando em casas onde se hospedavam (RIBEIRO, 1981, p. 13).

Segundo Nascimento (2007), as sociedades bíblicas eram associações voluntárias, funcionavam desde o início do século XIX como instrumentos de intervenção internacional na área religiosa. Organizações administrativas, pertencentes a comunidades protestantes, tinham o objetivo de manter a propaganda evangélica no seu país e no estrangeiro. Essas instituições prescreviam o percurso de comunicação dos seus impressos, definindo os temas, os autores, os agentes e os colportores⁹ que, no Brasil, se caracterizou como vendedor ambulante de impressos protestantes. Este, geralmente, tinha formação escolar primária. Cabia a ele vender os impressos e observar a cidade mais apropriada para futuras instalações de igrejas e escolas protestantes. Estrategicamente, quando se deparava com pessoas que não sabiam ler, oferecia o envio de um professor, que era um missionário vinculado à Missão Presbiteriana no Brasil, para ensiná-los a ler. Esta foi a maneira que encontraram para preparar o território para a inserção de suas igrejas e escolas.

⁹ O mascate carregava sempre consigo uma sacola ou cesta comprida, aberta e sua frente, pendurada no pescoço, com almanaques, livros e folhetos. Por causa dessa sacola portátil ao pescoço, foi que os franceses denominaram-no de *colporteur* (NASCIMENTO, 2007a, p. 8).

Os colportores trabalhavam nas ruas, mantinham contato direto com as pessoas, visitavam as residências com o objetivo de divulgar os impressos e, com isso, inculcar novas ideias e concepções acerca da realidade através do evangelho, com o principal intuito de conquistar novos cristãos. Eles tinham por obrigação fazer um relatório diário, bastante minucioso para apresentar semanalmente ao seu agente. Registravam data, locais por onde passaram, os títulos e a quantidade vendida e a distribuída gratuitamente. Deviam descrever a cidade visitada, seu comércio, a presença da Igreja Católica e os prováveis pontos de fixação. Se seu chefe estivesse fora, o documento seria enviado semanalmente pelos Correios, de modo que o agente acompanhasse todo o movimento de seus subordinados (NASCIMENTO, 2007a, p. 15).

Segundo Silva (2009), no curso do século XVIII, a independência dos Estados Unidos refletia para os demais países americanos um emblema de progresso a ser seguido, adotando, com base na democracia, os ideais do liberalismo econômico e a noção de liberdade para os cidadãos. Muito “mais que um projeto político [...], a proposta americana transformara-se em um *estilo de vida* cuja proliferação era uma obrigação a ser levada a cabo por seus compatriotas” (SILVA, 2009, p. 38). De acordo com Weber (2003, p. 81), o Protestantismo contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo justamente por preconizar uma conduta religiosa, na qual onde o trabalho é racionalizado de tal forma que se torna “um culto em ação de graças”.

As origens deste tipo de vida se estendem em certas raízes, como diversos aspectos do espírito do capitalismo, à Idade Média. Mas foi na ética do protestantismo ascético que encontrou fundamentos éticos consistentes. Seu significado para o desenvolvimento do capitalismo é óbvio. Este ascetismo secular protestante [...] agiu poderosamente contra o desfrute espontâneo das riquezas; restringiu o consumo, em espécie, supérfluo.

As práticas educacionais protestantes foram influenciadas por esse tipo de conduta, de modo que o comportamento econômico se desloca para o educacional, é inerente do ser humano. Segundo Nascimento (2007), a inserção do Protestantismo no Brasil foi possibilitada pela execução de um “projeto civilizador” que compreendia três eixos: educação, religião e saúde, destinados a educar, restabelecer a saúde e curar a alma das pessoas. Na sua tese de doutoramento, a supracitada autora investigou o Instituto Ponte Nova, fundado em 1906, na Bahia, instituição que ofertava a educação voltada para a “formação do verdadeiro homem cristão, honesto, defensor e difusor da verdade embasadas na Palavra de Deus”

(NASCIMENTO, 2007b, p. 38). O método adotado pela instituição era o intuitivo, o que dava ao ensino um caráter prático e adequava-o ao contexto social e a prática pedagógica adotada abolia os castigos físicos. O trabalho era considerado mais do que uma atividade, uma ocupação do corpo, mas uma missão estreitamente relacionada à vocação, visto que, no trabalho, os jovens encontrariam o crescimento individual e coletivo e, dessa forma, estariam honrando a Deus.

As marcas de tais práticas educacionais, nos moldes protestantes, veiculadas na *Coleção Folhetos Evangélicos*, sobrevivem à ação do tempo. No que se refere ao comportamento, é pertinente citar a obra de autoria de Benjamin Franklin, intitulada *A Sciencia do Bom Homem Ricardo – ou – Meios de Fazer fortuna*, publicada no Rio de Janeiro (s/d) pela Typographia Episcopal Antonio Gonçalves Guimarães & Cia que traz, em seu bojo, regras de conduta e de postura voltadas à dedicação ao trabalho. Para o autor do referido impresso, o trabalho engrandece e enobrece o homem, pois é através do trabalho que a vida cotidiana é santificada.

O plano de inserção e expansão do Protestantismo no Brasil durante o século XIX proposto por missões norte-americanas, previa, além da estratégia de circulação de impressos, a instalação de escolas. De acordo com Nascimento (2007), a instituição educacional idealizada pelos missionários norte-americanos deveria formar o “cidadão consciente dos seus direitos e deveres para com Deus, com a pátria e com a sociedade”. A escola deveria desenvolver “um programa ambicioso, conforme os princípios da educação integral–formação intelectual, moral e física” (NASCIMENTO, 2007b, p.119).

O empreendimento missionário norte-americano, através da ação educativa de seus colégios, tinha como meta o estabelecimento de uma civilização cristã, diferente da que eles encontraram no Brasil, na qual os ideais, o modo de pensar, os costumes e hábitos sociais do povo e suas instituições políticas tinham relação com a religião católica. Com o intuito inculcar novos ideais, adotaram como estratégia a disseminação dos impressos protestantes e infiltraram-se no território brasileiro, até então desconhecido.

Para Nascimento (2007), a estratégia de distribuir impressos protestantes num país que tinha um alto índice de analfabetismo antecedeu a organização de escolas e funcionou como um estímulo para a massa analfabeta que viu a possibilidade de ter acesso a uma literatura de leitura fácil, além da Bíblia em português, que geralmente era restrita aos clérigos católicos, e escrita, muitas vezes, em latim. Segundo Nascimento (2007a, p.15) “para iniciar o processo de disseminação da religião protestante, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América

criou, no ano de 1837, a Junta de Missões Estrangeiras, sediada em Nova Iorque”. Por ser um país vasto e com um campo missionário atraente e promissor, o Brasil foi alvo de uma proposta missionária protestante, intitulada Missão Brasil, organizada em 1859, na Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana, nos Estados Unidos da América.

Explorar o território, verificar os meios de atingir com sucesso a mente dos brasileiros e testar a legislação vigente acerca da tolerância religiosa foram os objetivos traçados para a Missão do Brasil. Em função da extensão territorial do país, “em 1896, a Missão do Brasil dividiu-se administrativamente em Missão Sul, compreendendo os Estados do Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso” (NASCIMENTO, 2007b, p. 69) e, em Missão Central, compreendia a Bahia, Sergipe e norte de Minas Gerais. A Missão era uma instituição voluntária, “uma organização religiosa, vinculada a um escritório administrativo – a Junta [...]” (NASCIMENTO, 2007b, p. 71). Pastores, médicos, enfermeiras, professoras, engenheiros eram os missionários subordinados àquela organização, que se viam “[...] como os homens de Deus, seus mensageiros, enviados por Ele para difundirem Sua Palavra, [...] procurando cumprir a ordem divina de ir ‘por todo o mundo’ pregando ‘o evangelho a toda criatura’” (NASCIMENTO, 2007b, p. 71).

O grupo de estrangeiros, além de divulgar o material evangélico, oferecia aulas para alfabetizar a quem desejasse aprender a ler, para desfrutar da Palavra Sagrada. As pessoas passaram a frequentar as escolas dominicais e escolas protestantes para ter acesso à palavra impressa. Aqueles que, até então, não tinham acesso à cultura letrada, encontraram nos impressos, muitas vezes distribuídos em lugares públicos, o passaporte para a leitura e, conseqüentemente, ao conhecimento religioso. A distribuição de títulos funcionou como uma estratégia para expandir o Protestantismo por meio da educação, uma educação para religião protestante.

Para consolidar os novos princípios religiosos e sociais, as igrejas protestantes organizaram um sistema de escolas dominicais, utilizando-se de revistas pedagógicas religiosas próprias e apresentando estratégias pedagógicas de remodelação das práticas religiosas e sociais através da apresentação de estudos bíblicos sistemáticos aplicados ao cotidiano. Até meados da década de 1930, as instituições protestantes tinham distribuído no Brasil cerca de dez milhões de impressos (NASCIMENTO, 2007b).

A estratégia de distribuir impressos religiosos num país que tinha um alto índice de analfabetismo antecedeu a organização de escolas e funcionou como um estímulo para aquela massa analfabeta que viu a possibilidade de ter acesso a uma literatura acessível, de fácil

compreensão, além da Bíblia em português, que geralmente era restrita aos clérigos católicos, e escrita, muitas vezes, em latim (NASCIMENTO, 2007b).

1.1.1 Vicente Themudo Lessa: leitor e colecionador de impressos

[...] aos poucos o indivíduo vai acumulando papeis e passando a existir através deles, indicando à posteridade caminhos para a narração da memória da sua própria vida (MACHADO, 2010, p. 31).

Guardado com esmero. Entre livros e folhetos encadernados, folhas amareladas pela ação do tempo. Em meio a centenas de títulos colecionados por Vicente Themudo Lessa, percorri indícios de caminhos trilhados, leituras feitas e ações desenvolvidas. Discorri sobre o leitor, o colecionador, o escritor, o pastor, o professor, o sujeito que se fez protestante por meio dos impressos lidos e salvaguardados, sobretudo, abordando a construção do ‘eu’. A construção deste tópico parte das seguintes indagações: quem foi o Reverendo Vicente Themudo Lessa? Por que salvaguardou a *Coleção Folhetos Evangélicos*? A leitura daqueles títulos favoreceu sua atuação no grupo protestante ao qual pertenceu?

Nesse sentido, penso que a salvaguarda de impressos reflete uma formação intelectual, no caso de Vicente Themudo Lessa, a construção de si como protestante. Todavia, ao investigar a trajetória de um sujeito que vivenciou o contexto do social do Brasil oitocentista e, principalmente, do século XX, há que se considerar o valor simbólico que foi dedicado à posse do livro, momento em que “o tamanho das bibliotecas era frequentemente associado ao refinamento intelectual de seus proprietários”, assim o fato de possuir “um grande acervo de livros significava ser visto e respeitado como um intelectual erudito, além de ser, evidentemente, um registro de suas atividades intelectuais” (VENANCIO, 2006, p. 90).

A *Coleção Folhetos Evangélicos*, parte da biblioteca de Vicente Themudo Lessa, certamente possui, na sua origem, vários motivos. Talvez o objetivo fosse demonstrar erudição ou, quem sabe, resíduos de suas atividades profissionais no âmbito do Protestantismo. Como descobrir? Ora, a pesquisa histórica não permite ao historiador “fazer reviver o passado”, mas nos concede a possibilidade de “reconstruir” de acordo com as fontes que se tem acesso (LE GOFF, 1984, p. 161).

A possibilidade de reconstruir trajetórias de personagens, homens e mulheres, “[...] por intermédio das ‘vozes’ que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados” (BORGES, 2006, p. 212), ocupa maior espaço entre os estudiosos e pesquisadores História da Educação, ancorados nos pressupostos da História Cultural. A realização dos estudos biográficos possibilita compreender a atuação do “[...] sujeito

pesquisado na explicação histórica, rastreando os seus caminhos e descaminhos, articulando suas experiências e aspirações, para descortinar um passado de atuação numa dada sociedade” (MACHADO, 2010, p. 24). Segundo Darnton (1990, p. 147), “a leitura tem uma história” e para recuperá-la ele sugere buscar leitores em documentos ou arquivos. Sendo assim, o que Vicente Themudo Lessa comentou de suas leituras? Penso que a coleção de impressos salvaguardada “revela uma faceta importante do trabalho intelectual [...] permitindo que se identifiquem aspectos singulares de uma trajetória de leitura e escrita” (VENANCIO, 2006, p. 91).

Pernambuco, o ano era 1874. Dia 22 de janeiro, num dos tradicionais engenhos, chamado Estrela do Norte, localizado no município de Palmares, nasceu Vicente Themudo Lessa, filho de Antônio Prisciano Themudo Lessa e Hermínia Eduarda do Rego Monteiro Themudo Lessa. Na figura abaixo a fotografia do documento de identificação de Vicente Themudo Lessa, emitido em 17 de dezembro de 1917.

Na figura abaixo, montagem encontrada em um álbum de fotografias da família, é possível identificar acima os dois avôs de Vicente Themudo Lessa, à esquerda Ignácio Themudo e à direita A. C. Rego Monteiro. No meio está seu pai, Antônio Prisciano Themudo Lessa. À esquerda e à direita estão as fotos do próprio Vicente Themudo Lessa. Pela anotação acerca da data, é possível inferir que ele estivesse com 21 anos na fotografia da esquerda, já na foto da direita, pressupõe-se que estivesse com 60 anos. Tais anotações causam estranheza pelo fato de as duas fotos serem praticamente iguais. Abaixo, está Vicente Themudo Lessa Júnior, filho do Reverendo Vicente Themudo Lessa, por último está Alba Christina, nascida em São Paulo, em 23 de dezembro de 1930, neta de Vicente Themudo Lessa.



Figura 2. Fotografias de cinco gerações da família de Vicente Themudo Lessa (1805-1934)

Fonte: Acervo da família Themudo Lessa. Disponível em: www.sitiodosthemudolessa.blogspot.com. Acesso em: agosto de 2012.

Como a própria figura sugere, são apresentadas cinco gerações da família Themudo Lessa na montagem. A tentativa de postergar a história familiar através da preservação de fotografias antigas é partilhada entre as novas gerações. Os integrantes da família criaram um espaço virtual na internet no qual compartilham, entre eles, além de fotos, documentações históricas, como certidões de casamento e nascimento, documentos de identificação, cartas pessoais.

A referência familiar foi determinante na formação do leitor e colecionador de impressos Vicente Themudo Lessa. Corroborando com tal reflexão, Giselle Martins Venancio, ao investigar a trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Vianna, afirmou que “o fato de ter nascido numa família letrada – sua mãe o havia ensinado as primeiras letras – contribuiu seguramente para que Vianna viesse a ampliar a sua condição de ‘grande leitor’” (VENANCIO, 2006, p. 91). História similar a de Vicente Themudo Lessa que, aos cinco anos de idade, na companhia e auxílio maternal, aprendeu a ler:

Aos sete, já devorava os livros que caíam ao alcance de minhas mãos. Os primeiros que li foram o **Roldão amoroso**, o **Gil Braz de Santilhana**, o **Moço louro** de Macedo, o **Simão de Mântua**, as **Flores silvestres** de Bittencourt Sampaio, as **Horas marianas** (PEIXOTO, 1976, p. 275).

No tradicional engenho pernambucano viveu até os oito anos de idade. Em virtude de uma mudança de endereço, Vicente Themudo Lessa foi matriculado na escola primária de Água Preta. Numa entrevista concedida a Silveira Peixoto (1976, p. 275), lembrou Vilela Araújo, seu primeiro professor que deixou recordações pelo uso frequente da palmatória – a Santa Luzia. “Era homem enérgico, que não poupava a palmatória. [...] Possuía caligrafia magnífica e ainda conservo um livrinho de poesias de João Duarte Filho, que ele me ofertou, com primoroso autógrafo”. O curso primário foi concluído aos 10 anos de idade e, naquele momento, Vicente Themudo Lessa aprendeu rudimentos de francês com seu primeiro professor, um ano depois foi para Recife e ingressou no Ginásio Pernambucano. Naquela instituição teve como “professor de francês, o futuro Cardeal Arcoverde” e como “professor de latim, o admirável latinista [...] Pereira Guimarães, autor de uma apreciada gramática latina” (PEIXOTO, 1976, p. 276).

Naquele momento, configurou-se a preferência pela História, decorrente das leituras de obras históricas, bem como pela Geografia. O ingresso na escola de primeiras letras aguçou o gosto pela leitura e o interesse pelo aprendizado de outro idioma como o francês.

Em seus textos, Midlin (1999) destaca os primeiros contatos com a leitura e a importância dedicada à língua francesa na sua trajetória, segundo ele, “a leitura foi algo que começou na infância e prolongou-se pelo resto da vida”, assim como Vicente Themudo Lessa, fez “parte da geração de influência francesa”, leu “francês quase antes de ler coisas brasileiras” (MIDLIN, 1999, p. 104).

A convivência com um tio, durante a infância, que dispunha de uma biblioteca particular composta por obras seletas, dentre as quais a Bíblia, facilitou o contato de Vicente Themudo Lessa com a leitura. Sobre o acervo da referida biblioteca ele afirmou:

Não tardei a entrar em contato com esses volumes, entre os quais figuravam a Bíblia e obras históricas de valor, como a sinopse de Abreu e Lima, as Memórias históricas de Fernandes Gama, Os mártires pernambucanos do padre Dias Martins, a Revolução de 1817 de Muniz Tavares, a Crônica da rebelião praieira de 48 de Figueira de Melo, a Dicionário Bibliográfico de Pernambucanos Célebres de Pereira da Costa (PEIXOTO, 1976, p. 276).

Segundo Venâncio (2006, p. 90), no contexto social do século XIX, onde “as letras representavam importantes bens simbólicos”, o acesso à cultura letrada era para poucos. Destarte, saliento o fato de dispor de uma biblioteca particular e dos estímulos à prática da leitura no ambiente familiar, embasada no que afirmou Chartier (1996, p. 36): “de acordo com a sociologia das práticas culturais, a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende”.

As dificuldades financeiras foram o empecilho suficiente para afastar Vicente Themudo Lessa do espaço formal de educação, a escola. Todavia, não foi suficiente para apartá-lo da leitura. Numa entrevista concedida a Silveira Peixoto, ele narrou detalhes do seu primeiro emprego, conquistado aos 13 anos, como caixeiro comerciante e, naquela época, da sua relação com a leitura:

O trabalho ia das seis da manhã às nove da noite. Nada disso, porém, conseguiu dominar minha inclinação para os livros. No sótão em que dormia, ficava até cerca de onze horas da noite, lendo e estudando, à luz de uma vela. Aos quinze anos, era sócio subscritor do Gabinete Português de Leitura, que mantinha imensa biblioteca [...] Júlio Verne empolgava-me. A Geografia e a História atraíam-me. Naquele sótão, à luz de uma vela, quanto sonho eu sonhei! (PEIXOTO, 1979, p. 276-277).

De índole um tanto aventureira, desejava, em meio aos livros, novos mundos e contextos que a leitura lhe apresentava, percorrer o mundo. No emaranhado de sonhos e aventuras vivenciados através da leitura que tinha acesso no Gabinete Português de Leitura, Vicente Themudo Lessa não percebia em si uma vocação para o comércio.

Fiz-me sócio da Associação dos Empregados no Comércio e matriculei-me nas aulas de Português, Francês e Aritmética, mantidas por essa entidade. Estudei uns dois anos. As aulas começavam pouco depois das nove da noite, hora em que as lojas fechavam suas portas. Depois das aulas, ia para minha água-furtada, preparar as lições. (PEIXOTO, 1979, p. 278).

O desejo de abandonar o comércio foi concretizado depois de assistir a um culto protestante, aos 16 anos de idade, quando teve a oportunidade de ouvir a pregação do evangelho na Igreja Presbiteriana, no dia 3 de agosto de 1890, na ocasião ministrada pelo Rev. William Calvin Porter, ordenado poucos meses antes. Não tardou a abraçar a religião evangélica, passados três anos, no dia 12 de novembro de 1893, optou por exercer a profissão de fé perante o Rev. Dr. George W. Butler. Para seguir a carreira no ministério sagrado, iniciou os estudos preparatórios e teve como professores “Eduardo Carlos Pereira, F.J.C. Scheider, Remígio de Cerqueira Leite, Augusto Baillot, Canuto Thormann, Oscar Nobiling e Ernesto de Oliveira” (PEIXOTO, 1979, p. 277). Naquele contexto, os missionários presbiterianos erguiam igrejas, hospitais e escolas, com o objetivo de evangelizar e educar cidadãos brasileiros, grande parte analfabetos, nos moldes protestantes.

Após a conversão, Vicente Themudo Lessa dedicou-se ao ministério pastoral no Seminário Presbiteriano, localizado em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro e estudou, com afinco, Inglês, História, Geografia, Aritmética e rudimentos de Grego e Hebraico. Em 25 de janeiro de 1895, foi transferido para o seminário localizado em São Paulo. Em junho do mesmo ano, o jovem estudante pernambucano realizou sua primeira viagem na qual pregou seu primeiro sermão, baseado em João 3.16, na cidade de Bragança. Visitou Jundiaí, Itatiba, Rio Claro, Brotas, Ventania, Dois Córregos e Jaú.

Aos 26 anos, Vicente Themudo Lessa concluiu os estudos teológicos. Teve como mestres John Rockwell Smith, Eduardo Carlos Pereira¹⁰, Francis J. C. Schneider, Remígio de Cerqueira Leite, Baillot, Oscar Nobiling e outros. Durante o período de formação, estudou

¹⁰ Autor de 24 folhetos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*, “foi um dos ministros evangélicos mais ilustres do evangelismo brasileiro. Em 1888, foi o primeiro ‘pastor colado’, isto é, eleito pelos votos dos membros da comunidade e não por indicação do presbitério” (BEDA, 1983, p. 116).

com Francisco Lotufo, Erasmo Braga, Baldomero Garcia, Manoel Alfredo de Guimarães, entre outros, além de trabalhar no campo de Jaú como auxiliar do Reverendo Herculano de Gouvêa.

Vicente Themudo Lessa foi o primeiro ministro presbiteriano brasileiro ordenado no século XX. Sua ordenação, pelo Presbitério de São Paulo, ocorreu em Jaú e teve como membros da comissão examinadora Herculano de Gouvêa, João Vieira Bizarro, Laudelino de Oliveira Lima e o presbítero Arlindo Ferraz. Doravante, procurou seguir sua profissão de fé disseminando a Palavra Sagrada. Visitou os estados de Sergipe, Bahia, Alagoas, Ceará e Maranhão, em 1904, disseminando o conhecimento religioso a serviço do Presbitério.

As marcas de um sujeito que tomou para si a missão de difundir saberes e práticas educacionais e religiosas são refletidas nas páginas envelhecidas dos títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*. Através das assinaturas de Vicente Themudo Lessa, é possível inferir que muitas publicações foram compradas, ganhadas ou tomadas de empréstimo ao longo de suas viagens. Nos impressos figuram também dedicatórias dos próprios autores destinadas a Vicente Themudo Lessa.

Assumindo a missão de professar a fé protestante, galgou espaços para além dos muros da igreja, visitando lares e proferindo a Palavra Sagrada em diversos espaços, Estados brasileiros e públicos diferenciados, convivendo com pessoas desconhecidas e em lugares diferentes. Das experiências vividas até aquele momento, teve início a carreira de escritor, estreada com a publicação do seu primeiro artigo no jornal *O Estandarte*. Dedicou-se em especial a escrever necrológicos, uma maneira de homenagear aqueles que considerava personagens importantes e que deveriam ser lembrados. Ao passo que Vicente Themudo Lessa consagrou sujeitos como intelectuais, criando uma representação social, ele também se elegeu um intelectual.

O contato com a leitura se fez presente em vários momentos na vida de Vicente Themudo Lessa. Entre grifos e poucas anotações ele fez comentários breves, descrições sintéticas do que leu. Na *Coleção Folhetos Evangélicos*, é possível identificar uma vasta quantidade de títulos sobre o Protestantismo e outras correntes religiosas que, provavelmente, contribuiu para a construção de si como protestante. Afinal, o protestante se faz protestante por meio da leitura. Os ensinamentos apreendidos nas leituras eram aplicados no cotidiano da vida de um difusor protestante, seja nas pregações como pastor, seja nas suas aulas que ministrou, seja nas obras que escreveu. O folheto *Visão de um domingo de manhã*, publicado em 1922, em São Paulo, traduzido do inglês por Vicente Themudo Lessa é um indício de que

ele era poliglota. A compreensão de outros idiomas também é evidenciada pela presença, na *Coleção Folhetos Evangélicos*, de títulos em espanhol¹¹. Vicente Themudo Lessa dedicava-se à leitura de obras em português, inglês, francês, italiano, espanhol, latim, grego e esperanto.

Da formação sólida dos líderes protestantes, dependia a consolidação do Protestantismo no território brasileiro, por meio da difusão de saberes e práticas religiosas desenvolvidas em diversos espaços sociais e atuações de professores, pastores, escritores, historiadores. Inúmeras foram as maneiras e os espaços galgados por personalidades visando firmar a religião protestante no Brasil. Em 1907, transferido para São Luís do Maranhão a serviço do Presbitério, Vicente Themudo Lessa desempenhou atividades evangelísticas desde Manaus até a Bahia. Sua volta para São Paulo foi marcada por novas atribuições no Colégio Evangélico da Igreja Presbiteriana Independente, onde foi diretor até meados de 1919, vice-reitor do seminário da referida instituição e docente de algumas disciplinas. Tais atividades datam os anos de 1912 a 1919. Foi considerado, no meio protestante, um dos pilares da história da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, haja vista sua participação junto a outros intelectuais protestantes, na criação de um novo segmento da denominação¹² presbiteriana brasileira.

Fundada na noite de 31 de julho de 1903, na cidade de São Paulo, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil surgiu do confronto que envolvia questões de ordem religiosa mescladas entre ideais maçônicos e presbiterianos. O descontentamento oriundo dessas tendências religiosas encorajou um grupo de sete pastores, dentre eles Vicente Themudo Lessa, a fundar uma igreja livre do segmento maçônico. Conforme Venancio (2006, p. 90), colecionar livros era uma etapa importante para a formação intelectual e possuir uma biblioteca particular, coleções, “estantes cobertas de livros, uma quantidade de raridades ou de livros [...] simbolizavam para os seus pares sua importância intelectual”. De acordo com Freitas (2006, p. 150), ao estabelecer contato com os grupos nos quais o sujeito pesquisado esteve inserido pode-se apreender suas individualidades, pois, “[...] diferentes interações que estabeleceram para a ação no espaço público [...] produziram conquistas pessoais”.

Na missão de propagar a fé protestante, o Reverendo Vicente Themudo Lessa percorreu todos os Estados brasileiros, visitando 754 localidades. Seu ministério durou quase 40 anos e, nesse período de atuação, esteve no Estado de São Paulo em 293 lugares, pregou a

¹¹ Entre outros títulos figuram: Las cartas de Pablo, El Sandero Perdido, Il Camino Perduto, Che credono i protestante, La oracion de um chino y su respuesta, La paz de Dios.

¹² Expressão utilizada para designar as diferentes igrejas evangélicas que se originaram da Reforma e de seus desdobramentos históricos.

Palavra Sagrada 5.319 vezes, organizou 20 igrejas, batizou 1.490 crianças. No ano de 1925, foi presidente do Sínodo, órgão maior da Igreja Presbiteriana Independente, após ter ocupado o cargo de presidente do presbitério 12 vezes. Vicente Themudo Lessa foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, bem como dos Institutos Históricos de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo e Santa Catarina. A produção de livros e textos estava atrelada ao objetivo maior: consolidar e perpetuar o Protestantismo no Brasil.

O contato com a Palavra Sagrada e imprensa tornou-se frequente e necessário no exercício do ministério sagrado. Ao exercer as funções de pastor, professor, escritor e historiador do Protestantismo brasileiro, Vicente Themudo Lessa buscava por meio da salvaguarda e leitura daqueles impressos religiosos, veículo de aquisição de conhecimento, seu crescimento pessoal, profissional e intelectual. O hábito da leitura “não é somente uma operação abstrata; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1998, p. 16). Nesse sentido, o líder religioso encontrou na leitura a possibilidade de se fazer protestante, compreendendo os ideais religiosos, para então poder atuar e contribuir para a consolidação do Protestantismo no Brasil.

As marcas e anotações de leituras ainda se fazem presentes nas páginas da *Coleção Folhetos Evangélicos*, e, nesta pesquisa, dão luz a indícios da leitura de Vicente Themudo. Nas anotações mais tímidas figuram palavras recorrentes, a exemplo de paz, salvação, Deus, fé e amor. Entre comentários e reflexões que resistiram à ação do tempo é pertinente mencionar as folhas amareladas do folheto *A Origem do Protestantismo*. Trata-se de uma publicação em defesa dos princípios da religião protestante e daqueles que se converteram, na qual Vicente Themudo Lessa deixou marcas de sua interpretação afirmando que “ainda hoje os padres dizem que o amor de Deus é dado pelo sofrimento, pela dor e pela morte. É o pecado e não a religião que nos causa sofrimento. A religião é bálsamo de nosso sofrimento”. Esses vestígios são peças de uma formação leitora e protestante. Os argumentos apresentados refletem a discordância da religião católica em favor do Protestantismo, somados aos títulos que versam sobre o embate entre católicos e protestantes ou que proferem críticas ao Protestantismo, são indícios de que Vicente Themudo Lessa tomou para si a missão de propagar os ideais religiosos, para tanto, dedicou-se a conhecer o Catolicismo.

As múltiplas facetas adotadas por Vicente Themudo Lessa em prol da difusão dos ideais religiosos protestantes foram alimentadas pela missão de professar a fé. A leitura contribuiu para enriquecer os seus conhecimentos e nortear a sua prática enquanto líder do

grupo ao qual pertenceu e esteve engajado. O folheto *Porque ignoramos a eternidade?* foi escrito pelo ex-padre José Manoel da Conceição e conserva as marcas de uma reflexão: “serei fiel até a morte e eu te deixarei a coroa da vida”. O referido título não informa o ano de publicação, mas permanece com uma anotação datada de março de 1899, período no qual Vicente Themudo Lessa estava concluindo seus estudos, com vistas a seguir o ministério pastoral.

Os indícios do engajamento em prol da causa protestante sobrevivem à ação do tempo: “eleva a Palavra Sagrada e termina este combate”. Suas anotações refletem suas escolhas e permitem inferir que após a conversão ao Protestantismo, Vicente Themudo Lessa tomou para si a missão de conquistar novos adeptos à religião, formar e solidificar os grupos protestantes. Essa atuação teve um efeito público, no sentido da intervenção social, e propiciou a disseminação dos saberes e práticas religiosas e educacionais protestantes, postos em circulação no Brasil dos Oitocentos e em meados dos Novecentos.

O reconhecimento no meio evangélico se deu por meio de homenagens em periódicos, entre as que foram deixadas para posteridade e realizadas em vida, é pertinente destacar o periódico religioso intitulado *O Combate*, publicado em São Paulo, em junho de 1912.

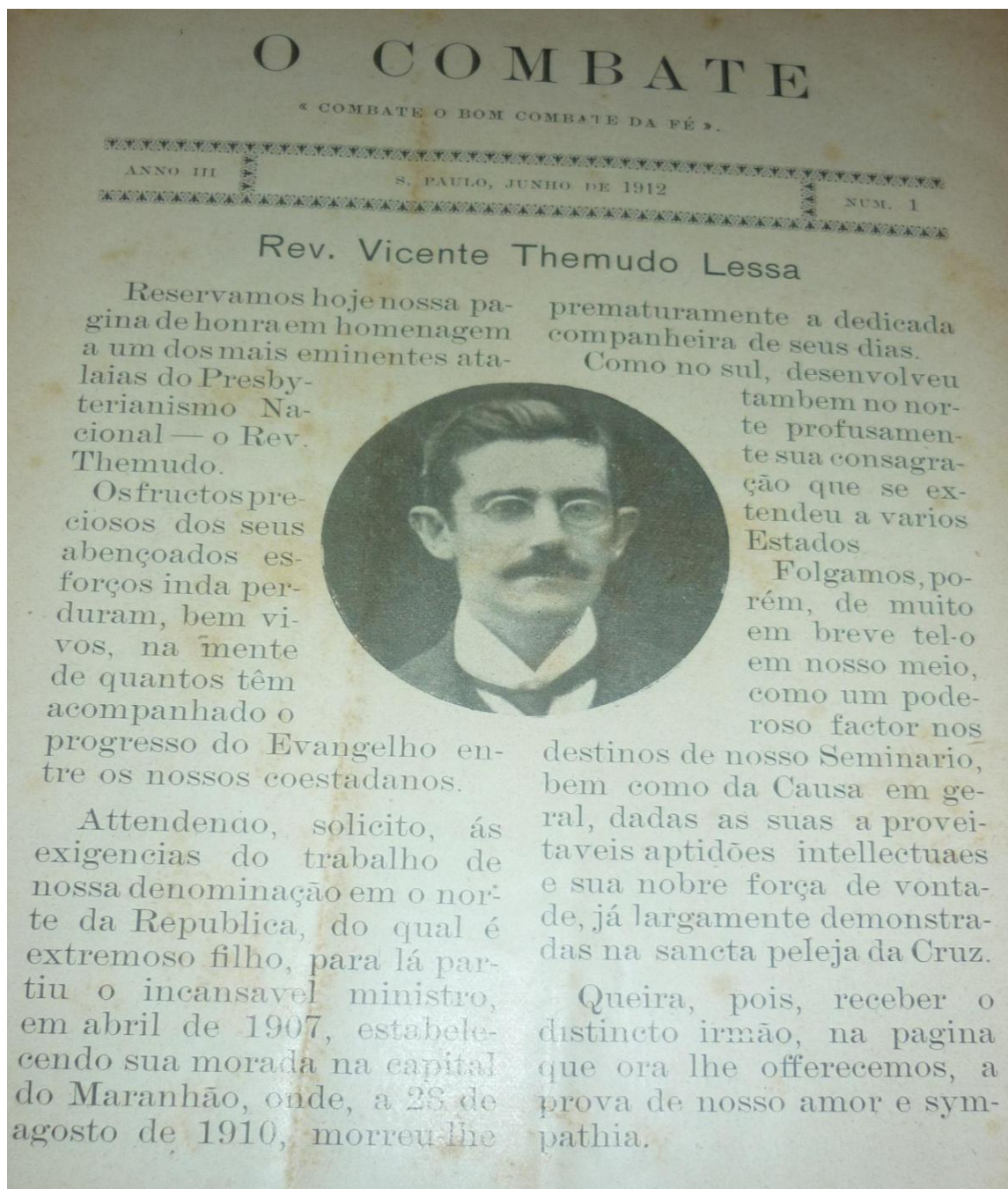


Figura 3. Periódico O Combate (1912, p. 1).

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

O *Combate* foi um periódico organizado por estudantes, do qual Vicente Themudo Lessa foi redator. O texto destina-se ao reconhecimento da sua atuação em prol da consolidação do Protestantismo no Brasil. O prestígio social, no grupo protestante, se fez presente durante a atuação de Vicente Themudo Lessa no Protestantismo brasileiro seja como professor, pastor, escritor, leitor ou colecionador de impressos. A salvaguarda e leitura de

impressos revelam o investimento na aquisição do conhecimento da Palavra Sagrada. A *Coleção Folhetos Evangélicos* é composta de títulos que foram oferecidos ao Vicente Themudo Lessa, alguns títulos têm dedicatórias de autores ou de amigos, outros com a assinatura de outras pessoas, indícios de que ele tomava livros emprestados.

No início de seu ministério, casou-se pela primeira vez com Henriqueta Pinheiro, com quem teve seis filhos. Em 1913, casou pela segunda vez com a professora Francisca Leme, haja vista que sua primeira esposa veio a falecer ao dar a luz ao sexto filho. Vicente Themudo Lessa faleceu no dia 19 de novembro de 1939, depois de suportar cólicas hepáticas e crises de asma, e foi sepultado no Cemitério dos Protestantes, em São Paulo. De acordo com Pinheiro (1941, p. 6), “[...] prevendo sua morte no Sul, trouxe consigo do seu querido Pernambuco o travesseiro de terra em que repousou a cabeça no seu último sono”.

No dia 19 de dezembro, completado um mês da sua morte, foi realizada na 1ª Igreja Presbiteriana Independente, em São Paulo, uma sessão memorial, na qual Albertino Pinheiro, seu cunhado e velho amigo de mais de 40 anos, leu um texto em sua homenagem, que foi consultado no decorrer da investigação. Em 7 de julho de 1940, Francisca Leme (1874-1952), membro da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, viúva do Reverendo Vicente Themudo Lessa, doou à biblioteca da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente os títulos colecionados pelo marido. Em sua homenagem, a instituição que recebeu a doação deu seu nome ao Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa, localizado na 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

1.2. Apontamentos acerca da Materialidade da *Coleção Folhetos Evangélicos*

Segundo Roger Chartier (2002), para compor uma história dos impressos é necessário traçar um perfil dos títulos analisados e, principalmente, a materialidade dos textos. Para o autor mencionado, o texto não existe em si mesmo, pois cada suporte, cada forma, cada estrutura da transmissão da escrita interfere na construção do sentido. Ao longo da história os textos tiveram vários suportes: o rolo, o códice, o livro impresso e a tela. Chartier (2002) defende que ao mudar o suporte do texto o entendimento também é modificado. Por essa razão ao estudar o impresso é preciso estar atento às particularidades do seu suporte. Na sua construção, os produtores lançam mão de diversos dispositivos formais para definir o público que irá consumi-lo e garantir uma determinada leitura. Desse modo, considere pertinente analisar a materialidade dos títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*, compreender as especificidades do suporte e os dispositivos de conformação da leitura.

A *Coleção Folhetos Evangélicos* é composta por 644 títulos, encadernados em 47 volumes. É pertinente ressaltar o bom estado de conservação do referido conjunto de impressos, visto que muitos títulos foram produzidos na segunda metade do século XIX. Cada volume da coleção possui mais de 14 títulos, mas há alguns com menos, encadernados com material resistente. A uniformidade e sistemática da sua composição são refletidas desde a identificação na capa, seguida pelo sumário manuscrito informando a ordem dos títulos, com identificação da autoria. Segundo Martins (1998), as capas representam a identidade da coleção e possuem, também, a função de auxiliar o leitor na escolha do conteúdo.

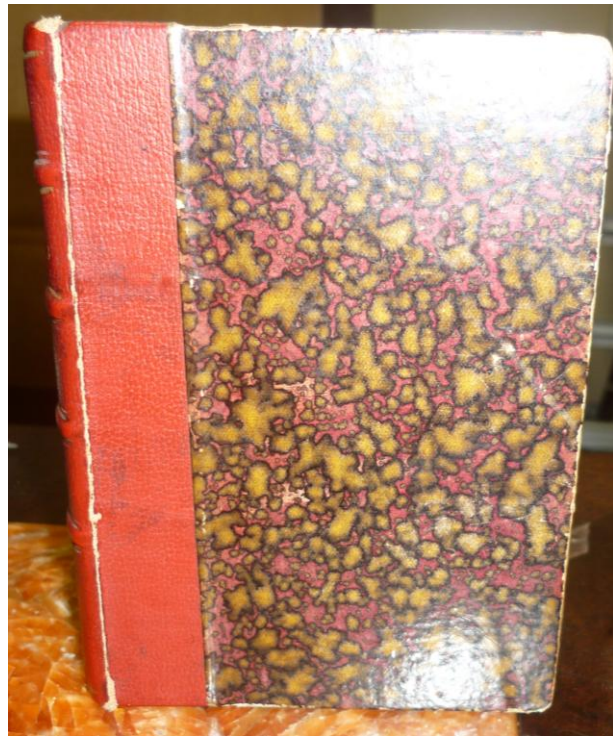
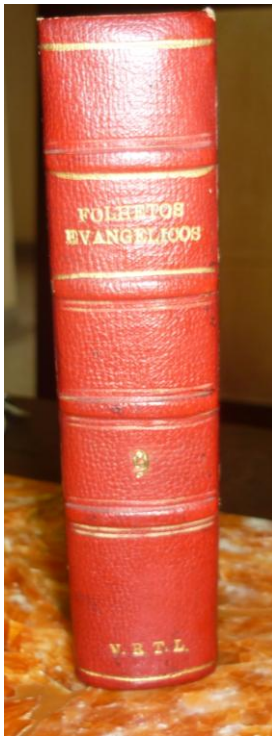


Figura 4: Capa da *Coleção Folhetos Evangélicos* (lateral e frente)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

A figura apresentada corresponde à lateral e à frente da capa do volume 9, assim como todos os outros volumes, contem informações em letras douradas, iniciando pelo nome da coleção, o número do volume e as iniciais V. R. T. L. que corresponde ao nome completo do seu dono: Vicente do Rego Themudo Lessa. A opção de colocar as informações apenas na lateral da capa, provavelmente, se justifica pela praticidade e organização da coleção na estante, favorecendo o acesso e ordem sequencial. A maioria dos títulos é do mesmo tamanho, o que possibilitou compor os volumes; entretanto, uma pequena quantidade foi cortada em uma de suas extremidades para ajustar-se à encadernação. Após o sumário, cada volume apresenta um selo de identificação da biblioteca.

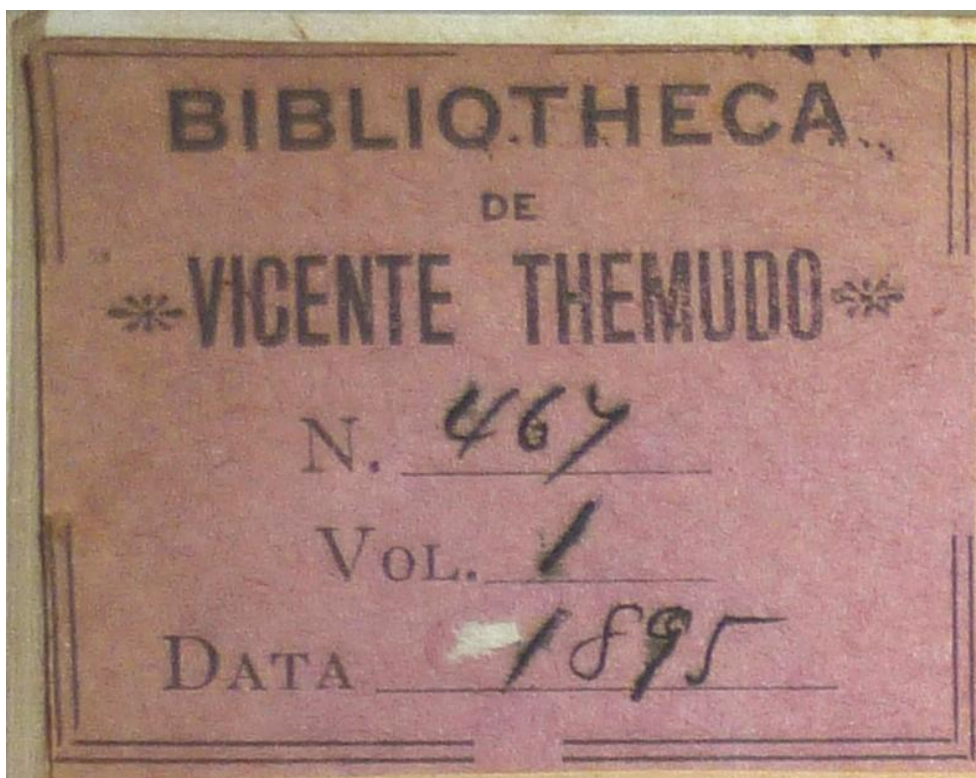


Figura 5: Selo da *Coleção Folhetos Evangélicos*

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

O selo apresentado corresponde ao primeiro volume e, provavelmente, foi adotado antes da composição da coleção investigada, um vez que outros títulos possuem o mesmo selo, com variação das cores azul e verde, além do rosa. A informação apresentada acerca do ano de publicação e número, representado pela letra 'N', possivelmente, sugere o controle dos títulos da biblioteca.

Segundo Souza (2006, p. 101), na produção de impressos, foram utilizadas algumas estratégias para atrair os leitores, uma delas era o embelezamento da obra, feito pelos ilustradores, “era comum o uso de vinhetas, ornatos tipográficos”. Na *Coleção Folhetos Evangélicos* constam 213 títulos com vinhetas, contudo, deve-se considerar que nem todos os impressos possuem capa, por problemas de conservação ou por terem sido produzidos sem as mesmas. As capas, quando existem, são coloridas em tons de rosa, azul ou verde. Outro adereço utilizado para decorar o texto é primeira letra do capítulo que, no conjunto de impressos analisado, figuram 357 títulos com a letra do capítulo estilizada. Particularidades como essas eram consideradas relevantes na confecção do texto de modo que garantisse a sua

legibilidade. Na maioria dos volumes da *Coleção Folhetos Evangélicos* foram utilizados caracteres simples como o romano¹³

[...] que pertence à família de tipo redondo, se distingue pela variação na espessura dos traços, no desenho da letra e pela existência de remates ou serifas. Os editores sabiam que caracteres mais elaborados forçam a atenção dos leitores, distraíndo-os e irritando-os, fazendo-os abandonar a leitura (SOUZA, 2006, p. 102).

Outro foco de atenção considerado para produção de impressos é a margem, parte do papel em branco entre a parte impressa e as extremidades da folha, esta permite o descanso da visão bem como serve de espaço para pequenas anotações. As margens dos títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos* são irregulares que, em virtude do processo de encadernação, muitas foram cortadas. A análise das especificidades materiais da *Coleção Folhetos Evangélicos* permite inferir uma estratégia utilizada não para vender os títulos, mas para conduzir as leituras. Dispositivos críticos como notas explicativas, prefácios e resumos, destinados a controlar as apropriações do leitor figuram nos títulos investigados.

QUADRO 1. DISPOSITIVOS DE CONDUÇÃO DA LEITURA

TIPO	QUANTIDADE
Prefácio	437
Notas de Referência	389
Notas Explicativas	282
Apêndice	61
Resumo	35
Índice remissivo	19
Anexo	16
Notas do Tradutor	11

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

¹³ Os caracteres tipográficos que obedecem a um desenho com características determinadas, incluindo maiúsculas (caixa alta), minúsculas (caixa baixa), números e sinais de pontuação que formam o conjunto denominado *fonte*. As variações de uma fonte (itálico, *bold*, *medium*, *light*, *black*) formam uma *família*.

Conforme Souza (2006, p. 103), os aparelhos críticos, como os que estão listados no quadro acima, “procuraram conduzir as leituras, fazer o leitor aceitar as representações elaboradas pelos produtores, mas nem sempre essas estratégias lograram o êxito desejado”.

Os impressos, aqui analisados, são considerados objetos culturais, fruto de um contexto social que, ao tempo que o legitima, também é instruído por ele. Pensar o livro como objeto cultural é assumir e refletir a sua potencialidade de agir diretamente na mentalidade dos leitores que interagem com ele. A *Coleção Folhetos Evangélicos* conserva particularidades da construção de um sujeito protestante, visto que cada título foi previamente selecionado, encadernado e organizado em 47 volumes.

QUADRO 2. TEMAS DA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS

TEMA	QUANTIDADE
Protestantismo	389
Educação	106
Catolicismo X Protestantismo	55
Catolicismo	41
Espiritismo	31
Maçonaria	22

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Diante das categorias expostas no quadro apresentado, ainda assim, surgem indagações: quais os temas figuram no que se intitulou Protestantismo? O que se priorizou dentro da categoria Educação? O que se pode inferir acerca da presença de títulos de outras correntes religiosas num conjunto de impressos que recebeu o nome de *Coleção Folhetos Evangélicos*? Teria sido projetada para a construção de outros sujeitos, possivelmente, transformados em difusores da palavra protestante? Os 389 títulos reunidos na categoria Protestantismo versam sobre diversas temáticas da religião, como a Bíblia, Cristo, Fé, Salvação, Domingo, Oração, Reforma, Oração, Batismo, culto, além de relatórios de despesas, estatutos e regimentos de instituições educacionais, livros de cânticos e sermões, biografias de personagens de prestígio no meio evangélico.

Os folhetos devocionais também foram incluídos, entre eles figuram *Nosso Pae que está nos céos* (1886), de autoria do reverendo Eduardo Carlos Pereira, centrado na oração do Pai Nosso. *O Único Caminho da Salvação – Estabelecido por Deus* (1907) publicado pela tipografia Livrarias Evangélicas, em Lisboa, de autoria de Alex Marshall; *O Caminho de*

Deus – Para a Paz (1877), produzido pela Typographia Luso-Britannica e *A Bíblia, A Palavra de Deus* (1918), título traduzido do inglês pelo reverendo Jose Severo da Silva e publicado pela Typographia do Diário Popular são exemplos dos impressos que foram incluídos no tema Protestantismo.

Segundo Watanabe (2011, p. 46), os primeiros escritos acerca das obras iniciais dos protestantes no Brasil foram os relatórios dos missionários norte-americanos, para informar sobre “as possibilidades de implantação de uma obra protestante no Brasil, alguns missionários foram enviados para coletar dados geográficos, sociais, históricos e religiosos dos brasileiros”. Alguns historiadores têm dedicado suas elucubrações analisando correspondências trocadas por sujeitos que atuaram na missão de difundir a Palavra Sagrada via circulação de impressos. Nesse prisma, a documentação e bibliografia sobre a ação de 47 homens e uma mulher que trabalharam pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (BFBS) no Brasil durante o século XIX foi colhida em *Cambridge University Library* (UK) para análise. “O *corpus* documental coletado é formado por 120 cartas e relatórios expedidos pelos 47 homens denominados de agentes da BFBS”, todos digitalizados pela pesquisadora Ester Nascimento, em 2010 (NASCIMENTO et alli, 2012, p. 481).

Fruto de uma investigação inicial, “até o momento, foi possível verificar que, no período de 1818 a 1839, a BFBS enviou 17 agentes e, de 1840 a 1895, outros 28 homens” (NASCIMENTO et alli, 2012, p. 481). A partir das 21 cartas traduzidas e analisadas, os autores apontam, dentre outros aspectos, o empenho e compromisso na exequibilidade da “missão evangelizadora e alfabetizadora”, da mesma forma que “a constante preocupação com o tratamento respeitoso e fraterno entre os membros da BFBS e seus superiores, ao usar termos como ‘Verdadeiramente seu’, ‘Respeitosamente seu’, ‘Fielmente seu’ e ‘Caro Senhor’”, indícios da “devoção e o comprometimento com o trabalho que realizavam” (NASCIMENTO, E. et alli, 2012, p. 498).

Dentre os títulos que versam acerca da relação fé e ciência, vale ressaltar alguns: *A Bíblia e as theorias Scientificas* (S/D), *A ressurreição de Christo perante a Sciencia*, *Auctoridade do Texto do Novo Testamento* (S/D), exemplares pertencentes a *Collecção “Sciencia e Religião”* e produzidos pela Editora de José Pereira de Castro, localizada em São Paulo. Nascimento (2007b, p. 203) destacou que a formação do cidadão exigia uma soma de conhecimentos, “ancorados nos princípios da fé, da ciência e nas exigências da preparação para o trabalho”. A tentativa de deixar à posteridade subsídios para perpetuar a história do Protestantismo, das igrejas e dos sujeitos que pertenciam ao grupo é encontrada em alguns

títulos, a exemplo de *Balanço Historico da Egreja Presbyteriana Independente Brasileira*, escrito pelo reverendo Eduardo Carlos Pereira e publicado em São Paulo; o impresso intitulado *Traços Históricos e Pontos Principais de Divergência das Igrejas Evangelica protestante e catholica Romana* (1874) de autoria Erch Stiller e o impresso *A Origem e História dos Baptistas* (1860), de autoria de S.H. Ford, publicado pela editora Sociedade Baptista Americana de Publicação, localizada nos Estados Unidos.

No tocante à ‘Educação’, encontram-se os títulos que versam sobre Escola Dominical, Educação no lar, Catecismos, Hinários e Instrução Pastoral. Os títulos reunidos conservam pistas do perfil de um difusor de saberes e práticas protestantes, visto que os impressos destinados ao uso nas escolas dominicais foram elaborados para o professor e para o aluno. Já os catecismos, por sua vez, também projetados para as escolas dominicais, foram elaborados para instruir leigos, iniciantes quer na igreja, escola, quer no lar. Ressalto que os hinários foram incluídos no grupo que intitulei Educação pelo seu potencial pedagógico, à primeira vista pode não inferir uma relação ao ensino, todavia, os títulos analisados na *Coleção Folhetos Evangélicos* apresentam conteúdo e objetivos pedagógicos.

Ainda na categoria ‘Educação’ figuram títulos como *O ensino religioso nas escolas públicas* (1933), produzido em São Paulo e de autoria de Aureliano Fonseca, versa sobre a importância da religião no ambiente escolar. Já o impresso intitulado *Padrões para as escolas dominicais do Brasil*, publicado no Rio de Janeiro, traz informações acerca do papel do professor, da literatura apropriada, da organização da sala de aula das escolas dominicais. Os catecismos também figuram neste grupo, ferramenta pedagógica para o ensino da fé, elaborados em forma de pergunta e resposta, e, alguns, ilustrados com o alfabeto ou com textos curtos que narram histórias de personagens bíblicos, provavelmente, para atrair a atenção e facilitar a assimilação.

A imprensa também foi palco de batalhas no cenário religioso brasileiro. A disputa entre católicos e protestantes fica evidente na identificação dos títulos e na análise dos mesmos. São impressos de autoria de pastores e ex-padres narrando a sua conversão ou refutando crenças católicas quanto ao culto a imagens e santos; outros, de autoria de padres católicos, acusando os protestantes de hereges. Entre outros títulos, destaco o folheto *Religião do Estado – Propaganda pela igualdade de cultos, perante a lei* (1900) que, como o próprio título sugere, trata-se de um combate à proteção oficial ao culto católico. O impresso intitulado *Era duro o coração do padre, mas com Deus não se brinca*, escrito por um ex-padre conta como se deu a sua conversão; já o folheto *A minha conversão: revelações de uma*

senhora à sua amiga cathólica (1885), publicado no Rio de Janeiro pela Typographia Universal de Laemmert & Cia-Imprensa Evangelica, reflete a tentativa de sensibilizar e atingir a todos os públicos e futuros convertidos.

Princípios de liberdade, consciência social, embates entre católicos e protestantes são temáticas que figuram na *Coleção Folhetos Evangélicos*. Entre os achados, destaco uma carta escrita por Robert Reid Kalley, intitulada *Observações á Instrução Pastoral do Excellentíssimo Bispo do porto, D. Americo* (1879), no qual o mesmo teceu comentários acerca dos princípios religiosos católicos e protestantes. As críticas às crenças católicas são frequentes na carta:

[...] o que podemos dizer sobre os motivos de confiar na bemdita mãe do Salvador? – Ella é << bemdita entre as mulheres >>, e, conforme as palavras do Anjo << cheia de graça >>, mas não está presente por todos os lugares, não sabe todas as cousas, não é toda poderosa, não possui todos os recursos do universo – pois não é Deus. (...) O bispo nos diz que o nome de Maria lhe communica mais confiança nas suas orações do que o nome de Jesus, e manifesta sua aprovação de que todos em todos os perigos e aflição invoquem Maria. (...) A confiança em Jesus, conforme o Evangelho de S. Paulo, proíbe o peccador de seguir o Evangelho do Bispo (KALLEY, 1879, p. 1).

Através da análise dos títulos, pode-se observar uma gama de temas distintos do Protestantismo apresentando argumentos que, ora refutam ora defendem o Catolicismo, o Espiritismo e a Maçonaria, instituições fortes no Brasil. Teria sido uma maneira adotada por Vicente Themudo Lessa para conhecer o contexto de outras visões religiosas e saber como portar-se diante da “batalha” religiosa na consolidação do Protestantismo?

Em contrapartida, os católicos publicavam folhetos como *Contra que cousa protestam os protestantes?* criticando o Protestantismo, as injúrias que, segundo o autor do título, são feitas a Deus, a Bíblia e ao senso comum. Títulos que justificam o acesso limitado a Bíblia católica e dão vários motivos para não se converter ao Protestantismo e ler as ‘Bíblias Falsificadas’ figuram entre a *Coleção Folhetos Evangélicos*. *Colheita de breves conselhos para santificação e felicidade da vida* (1880), publicado em Lisboa pela Livraria Cathólica, é outro exemplo dos títulos católicos colecionados pelo reverendo Vicente Themudo Lessa para, provavelmente, conhecer os artifícios e argumentos dos adversários religiosos. É possível localizar entre os impressos analisados, títulos de autoria de padres católicos contendo narrativas de viagens como *Peregrinação aos Santos Lugares da Palestina*, escrito

pelo padre Anselmo Goud e publicado em 1884 pela Tipografia do Thabor. O folheto intitulado *Dae-nos Padres* versa sobre a vocação de ser padre, um dom dado por Deus e aceito pelo homem, este considerado uma alma piedosa que faria triunfar nas igrejas, escolas católicas, imprensa e na sociedade em geral a palavra de Deus, produzido pela Tipografia da Ave Maria em 1933, São Paulo, e escrito pelo Arcebispo Metropolitano Duarte.

Entre outras temáticas, a Maçonaria foi pauta das publicações e reflexões entre protestantes. Segundo Vieira (1980), entre outros grupos que colaboraram para a consolidação de projeto evangélico no Brasil, a maçonaria fortaleceu a religião protestante no país. Alguns títulos identificados corroboram com a afirmativa do autor, a exemplo de *A Maçonaria e a Igreja Evangélica*, escrita pelo pastor da igreja metodista reverendo João Borges da Rocha. Publicado em Pernambuco, no referido folheto, a maçonaria é defendida como uma sociedade humana compatível com qualquer religião e não seria diferente com o Protestantismo. Essa defesa deu-se em função, segundo relatos do escritor no folheto citado, de uma publicação de autoria do reverendo Eduardo Carlos Pereira, líder do movimento anti-maçônico que culminou na criação da Igreja Presbiteriana Independente, em 1903, acerca de uma provável incompatibilidade entre a Maçonaria e a igreja.

O Protestantismo, sob a ótica da ciência e da história, é refletido nos títulos que versam sobre da relação fé e ciência, entre os quais estão: *A Bíblia e as theorias Scientificas*, *A ressurreição de Christo perante a Sciencia*, *Auctoridade do Texto do Novo Testamento*, exemplares pertencentes a *Collecção “Sciencia e Religião”* e produzidos pela Editora de José Pereira de Castro, localizada em São Paulo. Segundo Nascimento (2007b, p. 203), a formação do cidadão exigia uma soma de conhecimentos, “ancorados nos princípios da fé, da ciência e nas exigências da preparação para o trabalho”.

A tentativa de deixar à posteridade pistas da história do Protestantismo, das igrejas e dos sujeitos que pertenciam ao grupo é encontrada em alguns títulos, a exemplo de *Balanço Historico da Igreja Presbyteriana Independente Brasileira*, escrito pelo reverendo Eduardo Carlos Pereira e publicado em São Paulo, o impresso intitulado *Traços Históricos e Pontos Principais de Divergência das Igrejas Evangelica protestante e catholica Romana* (1874), de autoria Erch Stiller e *A Origem e História dos Baptistas* (1860), de autoria de S.H. Ford, foi publicado pela editora Sociedade Baptista Americana de Publicação, localizada nos Estados Unidos.

1.3. Produção da *Coleção Folhetos Evangélicos*: notas para uma história das tipografias

A imprensa teve significativa responsabilidade pela circularidade de práticas e saberes, uma vez que possibilitou a socialização da palavra impressa, rompendo com a posse da cultura letrada somente daqueles mais abastados. A disseminação de impressos, enquanto estratégia para difundir novos ideais religiosos, saberes e práticas educacionais e religiosas pôs a palavra escrita religiosa ao alcance de muitos brasileiros que não tinham acesso a cultura letrada.

[...] A invenção do alfabeto - que cerca de quinze séculos antes de Cristo quebrou pela primeira vez esse monopólio - não foi suficiente, contudo, para pôr a palavra à disposição de todos. Somente a imprensa tornou mais concreta essa possibilidade. [...] A ideia de cultura como privilégio fora gravemente ferida (com certeza não eliminada pela invenção da imprensa) (GINZBURG, 1987, p. 128-129).

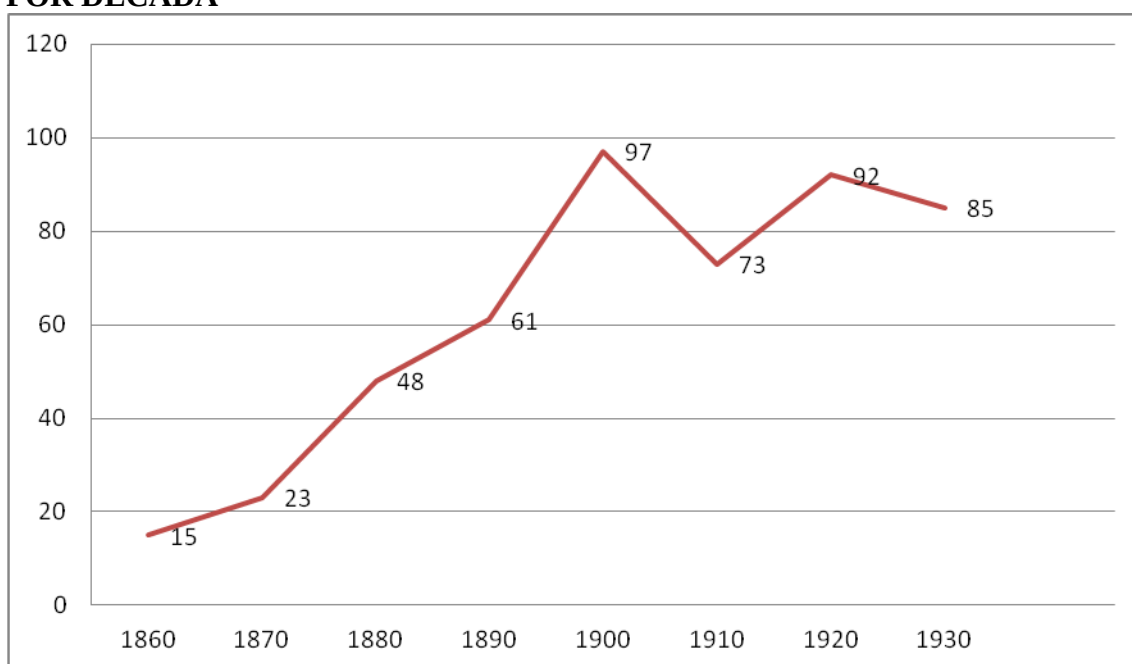
Consoante Nascimento (2001, p. 8), é recorrente encontrar em documentos do século XIX “queixas como as formuladas pelos missionários norte-americanos Kidder e Fletcher em 1850, quanto a ausência de livros didáticos produzidos em território brasileiro ou, ao menos, adequados às condições locais”. Diante de tal problema, considerado empecilho ao desenvolvimento da educação brasileira, Fletcher importou, em 1850, “[...] a versão de 1821 da Sociedade Bíblica de Londres, [...] os brasileiros puderam ter acesso às Escrituras em sua própria língua” (HALLEWELL, 1985, p. 26).

O aumento da circulação de impressos no Brasil incentivou a produção de títulos no próprio país. “Se o mercado de livros já crescera de maneira substancial no século XVIII, nos anos 800 o número de títulos e autores em circulação aumentou sobremaneira [...]. Era visível a circulação das novas ideias nesse período” (NASCIMENTO, 2001, p. 3). O período de publicação da *Coleção Folhetos Evangélicos* reflete o crescimento da produção, do comércio e da circulação de impressos no Brasil oitocentista e em meados dos novecentos.

O Brasil foi palco da circulação de impressos, durante o século XIX as “sociedades bíblicas, juntamente com as missões protestantes estrangeiras distribuíram no país aproximadamente dez milhões de exemplares de Bíblias, folhetos, Novos Testamentos, livros” (NASCIMENTO, 2007b, p.93). No que tange ao desenvolvimento da indústria editorial brasileira, Hallewell (1985, p. 4) afirma que “as edições impressas no Brasil são

somente comparáveis aos países com boa tradição editorial e [...] as exportações do livro brasileiro aumentam sensivelmente a cada ano”. A partir da análise da *Coleção Folhetos Evangélicos*, podemos inferir o aumento da circulação de impressos no Brasil dos oitocentos e em meados dos novecentos, como consta no gráfico abaixo. Ressalto que o gráfico que segue foi elaborado apenas com os títulos que trazem a informação acerca do ano de publicação, exatamente 494 impressos, os demais (150) não possuem identificação e, por essa razão, não foram utilizados no gráfico.

GRÁFICO 2. EDIÇÃO DOS TÍTULOS DA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS POR DÉCADA



FONTE: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

A concentração de títulos publicados entre o período de 1860 e 1930 leva-nos a crer que no final da vida Vicente Themudo Lessa, falecido em 1938, não abdicou da leitura e salvaguarda de impressos, tendo em vista que o número de títulos seguiu em crescimento considerável. Os presentes dados refletem a crescente circulação de impressos no Brasil no período abordado.

QUADRO 3. TIPOLOGIA E QUANTIDADE DE IMPRESSOS

TIPOLOGIA	QUANTIDADE
Folheto	377
Livro	195
Opúsculo	65
Livreto	7

FONTE: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Na referida coleção foram identificados 377 folhetos, além destes, enfatizo a quantidade de livros, correspondente a 195 títulos. De acordo com Beda (1993, p. 90), “em matéria de evangelização o folheto é o mais eficiente meio de proselitismo. Quando chegaram aqui os primeiros missionários evangélicos, em pouco tempo eles formaram congregações e igrejas, porque usaram folhetos”. A quantidade de páginas e preço baixo, muitas vezes distribuídos gratuitamente, contribuíram para o folheto alcançar popularidade, visto que “[...] assim como alguns livros, os impressos baratos permitiam o acesso dos leitores às verdades sagradas e às práticas das cerimônias e ritos religiosos” (VILLALTA, 1999, p. 203).

Segundo Alcântara (2012, p. 81), a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira solicitou, no ano de 1866, “um total de 3.100 impressos, divididos entre livros e folhetos, [...] alguns desses impressos eram ilustrados [...] para atrair diferentes públicos”. A partir da quantidade de folhetos identificada na *Coleção Folhetos Evangélicos*, pode-se inferir que estes figuravam significativamente na literatura evangélica. No Brasil dos oitocentos, “cada editora faz imprimir livros em tiragens de 3, 5 a 10 mil, porém a tiragem de folhetos começa nos 50 e vai, na maioria das vezes até centenas de milhares” (BEDA, 1993, p. 89). Dentre os folhetos que figuram na *Coleção Folhetos Evangélicos*, encontra-se *O único advogado dos pecadores*, escrito pelo reverendo Eduardo Carlos Pereira e publicado em 1884, em defesa do Protestantismo considerando Jesus como o único salvador.

Percorrendo o traçado da história da imprensa, com ênfase na produção de impressos e, portanto, na relevância das tipografias nesse processo, fez-se pertinente adentrar, brevemente, na seara do designer gráfico, para discorrer acerca do processo de criação e composição de texto. A palavra tipografia é de origem grega, *typos* – “forma” e *graphein* – “escrita”, e seu significado está associado à divisão do próprio termo, tipo de grafia ou forma escrita, desse modo, a tipografia passou a ser um modo de se referir à gráfica que usa uma

prensa de tipos móveis. Em 1452¹⁴, Gutenberg imprimiu a Bíblia de 42 linhas e foi o responsável pela criação dos tipos móveis, com capacidade de impressão em papel, com uma tinta fabricada por ele (MARTINS, 1998, p. 75). Com o advento da junção de tipos móveis, deixamos de falar apenas de manuscritos e passamos a falar de “letras fundidas”, de fontes.

Assim como no design gráfico, o objetivo principal da tipografia é dar forma e ordem estrutural ao texto impresso, tal atividade sempre exigiu um planejamento gráfico. A composição do impresso era feita manualmente, o tipógrafo ajustava o componedor¹⁵ na medida da linha e o preenchia com os tipos¹⁶. Para justificar as linhas, era necessário acrescentar espaços entre palavras e letras e, por isso, eram utilizadas placas de metal entre as linhas. A sequência era feita até que o componedor chegasse ao limite e a etapa seguinte era transferir as linhas para uma bandeja rasa, conhecida como galé. Essa técnica era utilizada na composição da página.

Missionários presbiterianos que chegaram ao Brasil, a partir de 1859, utilizando-se da palavra impressa para divulgar seus ideais religiosos e consolidar seu trabalho de evangelização e educação, além de traduzir, começaram a produzir sua própria literatura. O jornal presbiteriano *A Imprensa Evangélica* foi o primeiro periódico evangélico a circular no Brasil, saindo do prelo no dia cinco de novembro de 1864, no Rio de Janeiro. Foi o primeiro órgão de comunicação presbiteriano brasileiro, fundado pelo missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, subvencionado pela Junta de Missões da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, de Nova Iorque.

Em dezembro de 1867, com a morte de Ashbel Green Simonton, seu cunhado, o missionário Alexander Latimer Blackford, assumiu a direção do periódico *A Imprensa Evangélica* e pretendia publicá-lo na Tipografia Universal de Laemmert. Entretanto, após os irmãos Laemmert sofrerem ameaças, passou a imprimir na Tipografia Perseverança, localizada à rua do Hospício, nº 99, no Rio de Janeiro. Segundo Ribeiro (1981, p. 97), aquele jornal foi “o grande integrador da jovem denominação religiosa”, apresentando as suas propostas sociais e religiosas, oferecendo quinzenalmente “assistência pastoral”.

Em 1899, sob os auspícios da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, foi fundado o jornal “O Puritano”, tendo como redatores, Antonio Bandeira Trajano, Álvaro Reis, Franklin Nascimento e Erasmo de Carvalho Braga. Tornou-se o órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, sendo publicado ininterruptamente até julho de 1957. Segundo Efraim Beda (1993, p.

¹⁴ Segundo Wilson Martins (1998), essa data varia de acordo com a fonte consultada.

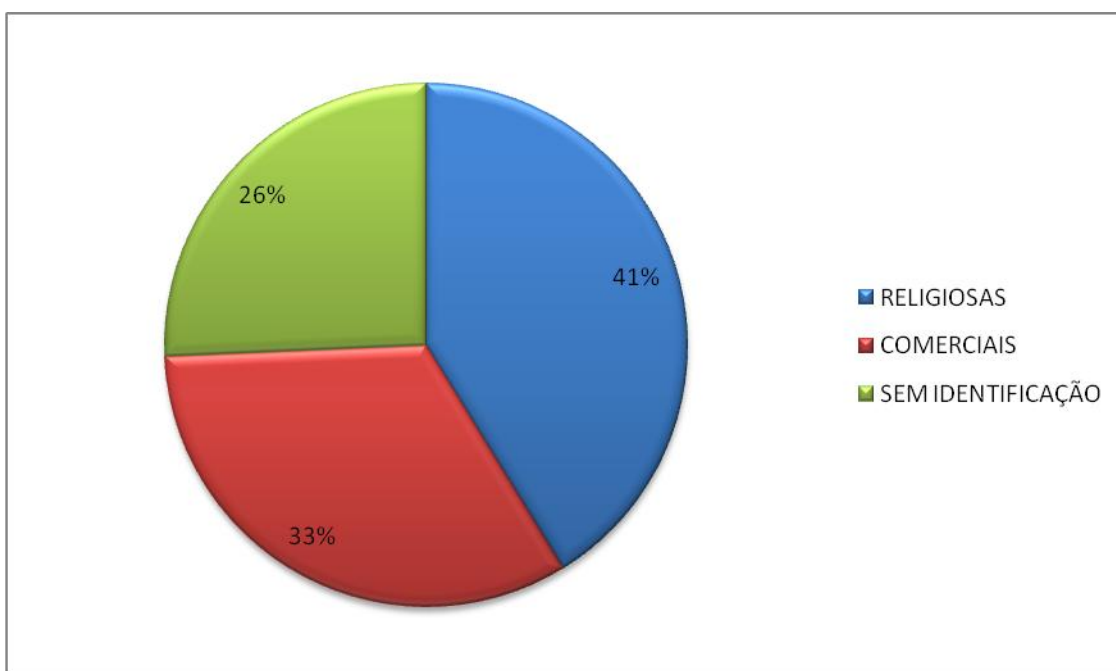
¹⁵ Aparelho utilizado para receber os tipos e formar uma linha de texto.

¹⁶ O termo tipo é o desenho de uma determinada família de letras como por exemplo: times new roman, arial, etc.

113), “quase todo ministro se transformava num polemista, mesmo que a sua discussão se limitasse à sua paróquia ou à sua cidade, por força das suas pregações, ou de artigos escritos num jornal da cidade”.

Os centros editoriais responsáveis pelas produções dos impressos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos* eram comerciais, protestantes, católicas e estavam localizadas nos Estados Unidos, Portugal e Brasil. O percentual de tipografias religiosas e comerciais que produziram os impressos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos* pode ser visualizado no gráfico que segue. Muitos dos títulos catalogados por Vicente Themudo Lessa eram direcionados como resposta ou crítica aos ex-padres, que tinham voltado sua crença para uma nova corrente religiosa. Tendo como referência o nome das tipografias, o país de edição e a quantidade de publicação registrada, foi possível elaborar alguns gráficos e analisar dados pertinentes à temática.

GRÁFICO 3. TIPOGRAFIAS



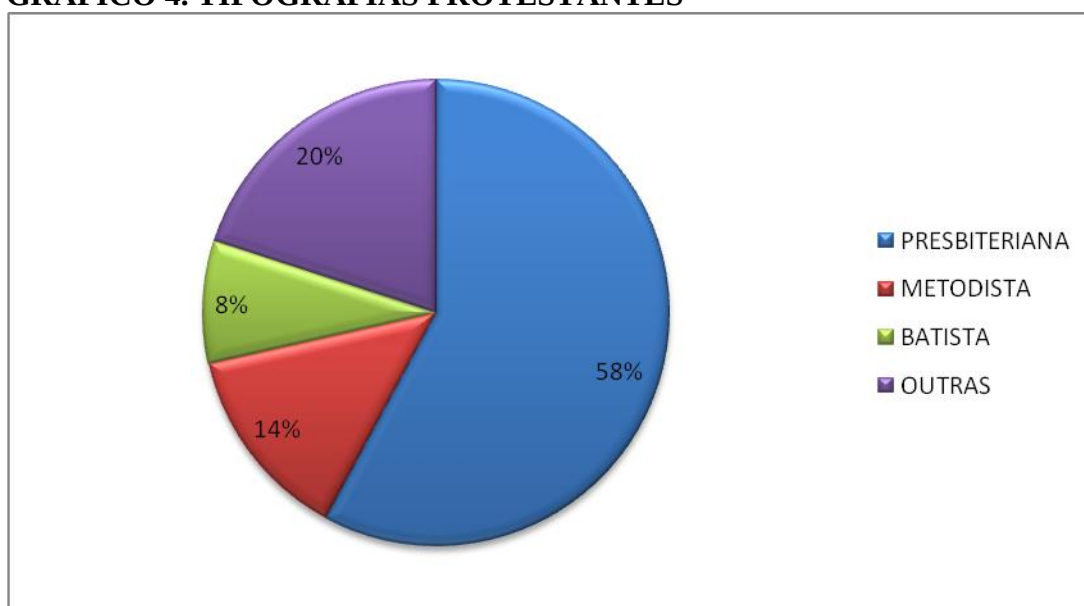
FONTE: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

As tipografias chamadas de ‘Religiosas’, são as editoras protestantes (Batista, Metodista e Presbiteriana) e católicas (Salesiano, Ave Maria, dentre outras), o percentual dessa categoria é semelhante ao percentual de tipografias comerciais que, por seu turno, não possuíam vínculo com instituições religiosas. Os primeiros textos protestantes produzidos no

Brasil eram encomendados a tipografias comerciais, destas a *Tipografia Universal Laemmert*¹⁷ editava os impressos protestantes. Alguns títulos não informam o nome da tipografia responsável pela produção, o que justifica a categoria ‘Sem identificação’, no gráfico apresentado.

A tipografia Imprensa Industrial publicou um livro intitulado *Perolas preciosas – Collecção de Promessas Divinas, extrahida das escripturas Sagradas* de autoria Rev. Dr. Samuel Clark, vertido do inglês por Emma Mortom Ginsburgde, no ano de 1901, com 224 páginas. Assim como este exemplo, muitos outros títulos foram traduzidos para a língua vernácula brasileira, indício de que parte dos missionários protestantes atuantes no Brasil Oitocentista era poliglota. No que tange às tipografias protestantes, foram identificadas na *Coleção Folhetos Evangélicos* as denominações Presbiteriana, Metodista e Batista, identificadas no gráfico que segue.

GRÁFICO 4. TIPOGRAFIAS PROTESTANTES



Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

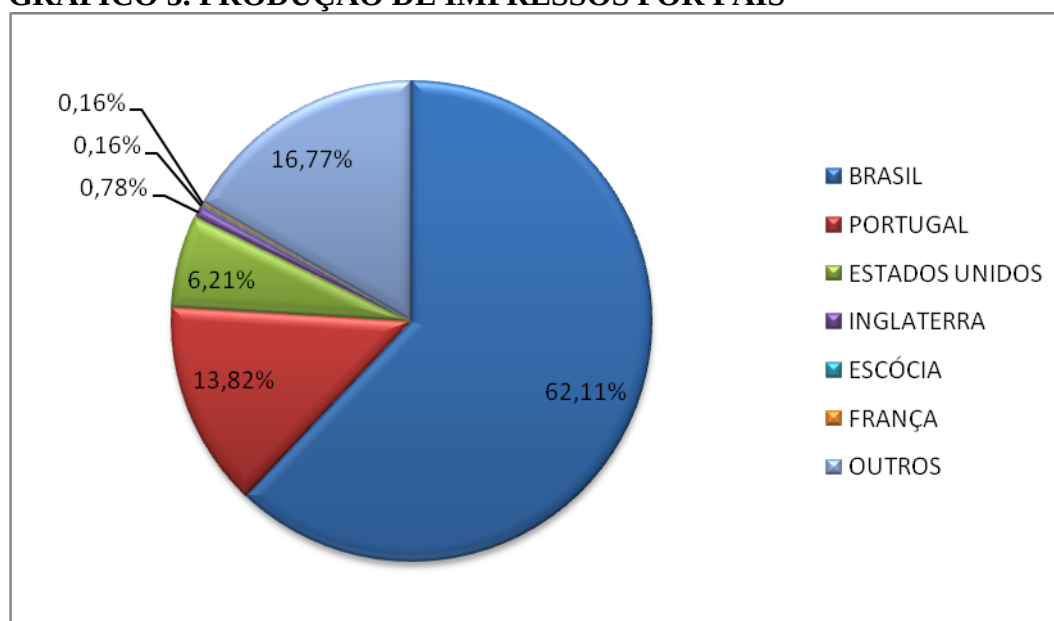
O percentual em amostra refere-se às tipografias protestantes, segundo as denominações identificadas, responsáveis pela produção de impressos que circularam no Brasil no período de 1860 a 1938. A partir da análise dos 644 títulos catalogados pelo

¹⁷ Segundo BEDA (1993, p.112) a mais importante do país ao longo da segunda metade do século XIX e a principal ao final dos oitocentos, que foi responsável por editar.

Reverendo Vicente Themudo Lessa, foi constatado um número significativo de impressos que não informam a denominação das editoras, como o *Centro Brasileiro de propaganda Evangélica*, localizado no Rio de Janeiro, na rua da Liberdade, 28 – Casa I; *Aliança Evangélica* situada em São Paulo; e a *Casa Bíblica de Los Angeles* – Los Angeles, Califórnia. Estas foram incluídas na categoria, exposta no gráfico, intitulada ‘Outras’.

Os títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos* foram produzidos no Brasil, Portugal, Estados Unidos, Inglaterra e Escócia. Segundo Alcântara (2012, p. 77), no período de “[...] 1842 a 1853, a ABS fez circular no Brasil cerca de 600 Bíblias e 900 Novos Testamentos [...] em 1850, a BFBS enviou 200 Novos Testamentos [...] e, no ano seguinte, 1.000 Bíblias para o Rio de Janeiro e 36 Bíblias para a Bahia”. No gráfico que segue pode-se identificar o percentual correspondente a cada país.

GRÁFICO 5. PRODUÇÃO DE IMPRESSOS POR PAÍS



Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

O Brasil apresenta um percentual considerável que corresponde à quantidade de 414 títulos produzidos por tipografias brasileiras, seguido de Portugal, que foi responsável pela produção de 79 títulos, Estados Unidos com 45, Inglaterra cinco impressos e França e Escócia cada um com um título. Elucido que classifiquei na categoria ‘Outros’ aqueles títulos que não informam o país de origem, não sendo possível, portanto, identificar.

Márcia Abreu (2003) atenta para algumas estratégias utilizadas para driblar a censura e o controle da produção e circulação de impressos, entre as quais a ausência de informações acerca dos locais de publicação, data e autoria. Nesse caso, os impressos protestantes, postos em circulação no Brasil católico, eram considerados apócrifos em virtude da disputa pelo espaço religioso. Provavelmente, esse motivo justifique a ausência de informações bibliográficas em alguns folhetos, visto que vigilância recaía sobre “cada súdito leitor [...]”. Esse controle tinha por objetivo manter sob vigilância a difusão de ideias” (ABREU, 2003, p. 24).

Na esfera protestante em Portugal, “notam-se as iniciativas das Uniões Cristãs [...] pelas publicações editadas, até 1925, no âmbito da Associação Cristã da Mocidade, do Porto [...]” (AFONSO, 2009, p. 284). Vários centros editoriais produziram impressos protestantes, dentre os quais a Livraria Evangélica, localizada em Lisboa. Segundo Afonso (2009, p. 296), a referida livraria “protagonizou o duplo movimento de renovação literária e de reivindicação cristã”. Segundo Abreu (2003, p. 28), o Porto é a cidade portuguesa para a qual “há maior número de requisições de autorização para circulação de livros no reino [...]. Assim como no Rio de Janeiro, a maior procura não se dirigia aos livros beletrísticos e sim aos religiosos e aos jurídicos”.

A Livraria Evangélica, criada em Portugal em 1864, era uma Agência da Sociedade de Tratados Religiosos que, “em 1913 se separou da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Apesar de continuarem a cooperar, à Sociedade Bíblica coube continuar a difusão de Bíblias, Testamentos e Porções [...]” pela intensificação da ação de colportagem, por outro lado, “a Livraria incidiu na atividade editorial. Com a redefinição operada, cada uma das instituições seguiu caminhos diferentes” (AFONSO, 2009, p. 296).

A Sociedade de Tratados Religiosos contribuía, “anualmente com uma determinada quantia que permitia a manutenção regular do trabalho da Livraria em Portugal, nas Colônias e no Brasil” (AFONSO, 2009, p. 295). Em 1935, a Livraria Evangélica cessa as atividades, naquele período calcula-se que “conseguiu uma colocação anual superior a 2.000 exemplares de Livros e Tratados” (AFONSO, 2009, p. 297).

Dentre as publicações produzidas em Portugal, figuram estatutos e relatórios que exibem aspectos financeiros especificados. Segundo Afonso (2009, p. 287), “o rigor em publicitar os prelos e em apresentar as contas, demonstra o zelo ao cumprimento rigoroso do legado e também se procura rentabilizar o legado”. O referido autor afirma que a produção de documentos para a evangelização, “enquanto projeto editorial, foi central, mas, tendo sempre

presente que tais documentos fossem uma marca identitária para os cristãos reformados [...] daí a grande aposta na difusão gratuita através do correio” (AFONSO, 2009, p. 287).

QUADRO 4: NOMES E LOCALIZAÇÕES DAS TIPOGRAFIAS DE PORTUGAL (1860 A 1938)

NOME DAS EDITORAS	LOCAL
Livraria Evangélica	Rua das Janelas Verdes, 32- Lisboa
Typographia de Vicente da Silva & Cia	Rua de S. Mamede, 26- Lisboa
Typographia de A.I.S. de Bulhões	Calçada de Santa Anna nº- 110, 1º Andar- Lisboa
Typographia Luso-Britannica	Lisboa
Typographia e Lythographia de Adolpho, Modesto & Cia	Rua Nova do Loureiro –Lisboa
Typographia de João Ferreira de Medeiros	Rua da Rosa, nº- 9 – Lisboa
Centro Missionario Nacional	Rua Febo Muniz, 19 – Lisboa
Typographia e Lithographia a Vapor da Papelaria Progresso	Rua do Ouro, nº151 a 155 – Lisboa
Casa ventura Abrantes, Livraria – Editora	Rua do Alecrim, 80,82- Lisboa
Typographia a Vapor de Eduardo Rosa	Rua da Magdalena 29, 31- Lisboa
Typographia Gutenberg	Rua dos Caldeireiros, nº- 43- Porto
Imprensa Civilização de Santos & Lemos	Rua de Santo Ildefonso – 8 a 10 – Porto
Tipografia Mendonça	Rua da Picaria, 30- Porto
Sociedade Internacional de Tratados- TypographiaPeninsular	Rua do Bomfim, nº 124 e Lisboa: Rua de São Bernardo, nº 120 – 1 D – Porto
Typographia a Vapor da Empresa de Guedes	Rua Formosa, nº-s 244 – 248 – Porto
Tipografia Progresso	Rua Dr. Souza Viterbo, 91 – Porto
Tipografia Sequeira, Limitada	Rua José do Falcão, 114, 122- Porto
Typographia de José da Silva Mendonça	Rua Largo de S. Domingos, 11 e 13 – Porto
Typographia J.P. da conceição	Rua L. Arca de Água, 289,928 – Porto

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Segundo Afonso (2009, p. 276), “num país avesso a qualquer inovação [...] a fixação, em território português, da Sociedade Bíblica [...] foi responsável por inúmeras iniciativas editoriais e por prelos de inequívoca componente protestante” que marcaram a criação de uma “identidade evangélica”. O trabalho de propaganda protestante desencadeado em Portugal pôs em circulação livros e folhetos. Para Afonso (2009, p. 277), muitos missionários estavam convictos de que “a dimensão escrita é uma forma de afirmação identitária que não pode ser

subestimada e que com rigor tem que ir se consolidando e expandindo de modo que possa ir formando uma consciência informada”.

Dentre os títulos procedentes de Portugal *A Primeira Oração de Jéssica; Nova Tradução, de 1884*, que foi editada pela Livraria Evangélica, instalada na Rua das Janellas Verdes nº 32, é a obra mais antiga. Escrito por um ex-padre, o livro intitulado *O Padre, a Mulher e o Confessiário* (1887), foi produzido pela Typographia de José da Silva Mendonça. Trata-se de um impresso traduzido do inglês, na sua 24ª edição e, segundo anotações no impresso, perfaz 120 mil exemplares.

Pioneiros na produção e difusão de impressos, os centros editoriais localizados nos Estados Unidos também atuaram na produção dos impressos analisados. A tipografia Sociedade Americana dos Tractados, localizada em Nova York, na rua de Nassau nº 150, foi responsável pela editoração de 21 títulos registrados, dos quais 18 não constam a identificação de autoria nem o ano de publicação.

QUADRO 5: NOMES E LOCALIZAÇÕES DAS TIPOGRAFIAS DOS ESTADOS UNIDOS (1860 A 1938)

NOME DAS EDITORAS	LOCAL
Sociedade Americana dos Tratados	Nova York: Rua de Nassau, 150
Bible Truth Depot	California, Los Angeles: R.T. Grant. Box 830 -
Los Angeles Bible Institute	Los Angeles, California
Bible House 31	Nova York: , New York, U.S.A.
Casa Bíblica de Los Angeles	Los Angeles: Califórnia South Olive Street 634
Presbyterian Board of publication	Chestnut Street, nº- 821- Philadelphia
Imprensa de La Sociedad Biblica Americana	Nueva York: Astor Place

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Grande parte da literatura protestante que circulou no Brasil a partir do século XIX foi editada pela gráfica e editora Livraria Evangélica da Rua das Janelas Verdes, em Lisboa, e no Brasil, pela Casa Vanorden, enquanto as Bíblias vinham da Inglaterra e dos Estados Unidos. A Casa Vanorden foi a primeira tipografia instalada no Brasil para imprimir e editar literatura evangélica. O proprietário, o ministro presbiteriano holandês Emanuel Vanorden, converteu-se em Londres, estudou Teologia nos Estados Unidos e veio para o Brasil como missionário, em dezembro de 1872, trabalhando no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1887, montou em

São Paulo, a “Typographia a vapor Vanorden & Cia”. Lançou “A Aurora”, um periódico ilustrado para crianças; “A Opinião”, um jornal secular, além de publicar vários folhetos e livros (NASCIMENTO, 2007a, p. 17).

Em 1894, o missionário metodista J. W. Wolling montou a “Casa Publicadora”, uma oficina gráfica na Rua Esperança nº 15, também em São Paulo, passando a imprimir o jornal metodista “O Expositor Cristão”. Lançou também periódicos especializados, como “O Bem-te-vi”, para crianças, “A voz missionária”, para senhoras, “Cruz de malta”, para os jovens, “Flâmula juvenil”, para adolescentes, e “O Cenáculo”, um devocionário para orações diárias, editado mundialmente (NASCIMENTO, 2007a, p. 17).

Vasconcelos (2010) afirma que a primeira Igreja Batista no Brasil, por sua vez, foi formada pela comunidade de imigrantes norte-americanos, em Santa Bárbara do Oeste, interior do estado de São Paulo, que se organizou em 1871. No entanto, a primeira igreja Batista Nacional data do ano de 1882, na cidade de Salvador. O *Christão Batista* foi um dos primeiros jornais batista editado no Brasil por volta de 1885, no Rio de Janeiro.

Os presbiterianos tiveram seu primeiro jornal publicado no Brasil em 1864, denominado a ‘Imprensa Evangélica’. O seu segundo jornal foi o ‘Púlpito Evangélico’ fundado em 1874, pelo missionário holandês Emanuel Vanorden, desembarcado no Rio de Janeiro em 1872. Como a demanda por impresso estava grande, muitos protestantes buscavam editoras comerciais para fazer a impressão dos títulos utilizados na evangelização como também nos cultos. Para reduzir os custos com impressão nestas editoras, os protestantes criaram as Casas Publicadoras Protestantes, estas, por sua vez, ofertaram o suporte necessário para as editoras das suas respectivas denominações.

Com o passar dos anos muitas editoras foram criadas, quer fruto da fusão, como no caso do jornal ‘O Século’¹⁸ com a ‘Imprensa Evangélica’¹⁹, que resultou no ‘Norte Evangélico’²⁰, quer fruto da necessidade de reduzir os gastos por parte de cada denominação protestante. No tocante à produção em território brasileiro dos impressos analisados, o quadro a seguir informa os nomes e localizações dos centros editoriais brasileiros.

¹⁸ Fundado pelo Órgão Evangélico Presbiteriano, em Natal (RN), em 1895 (VASCONCELOS, 2010, p. 40).

¹⁹ Jornal Publicado em 1864, tendo como seus redatores; Ashbel Green Simonton e seu cunhado Alexander Latimer Blackford, além do ex-padre Manoel da Conceição, tendo como colaborador Robert Kalley (VASCONCELOS, 2010, p. 34).

²⁰ O jornal Norte Evangélico fundado em fevereiro de 1909, resultado da fusão d’ O século com a Imprensa Evangélica. Sua criação atendia à dificuldade de circulação em outras do Brasil (VASCONCELOS, p. 40).

QUADRO 6: NOMES E LOCALIZAÇÕES DAS TIPOGRAFIAS NO BRASIL (1860 A 1938)

NOME DAS EDITORAS	LOCAL
Typ. De Leroy King Bookwalter -	São Paulo
Carimbo na 1ª- página da Livraria Evangélica M. Flexa & Cia	São Paulo: Rua da Esperança, 7, C
Typographia Commercial de H. Rossi	São Paulo: Rua Dr. Falcão nº-s 16 e 18
Livraria do Globo	Porto Alegre: Alberto L. Dunstan, Caixa Postal, 118
Imprensa Methodista	São Paulo: Rua da Liberdade, 177
Typographia da “Gazeta Caxiense”	Caxias
Comissão Brasileira de Cooperação	Rio de Janeiro: Rua 1º- andar
“Classe Atalaia” da Escola Dominical da Igreja Presbiteriana de Sengés	Estado do Paraná
Escola Dominical da Igreja Presbiteriana Independente	Rio de Janeiro
Irmãos Ferraz	São Paulo: Rua Vergueiro, 48-A
Typographia Aurora	São Paulo: Rua 24 de Maio, 50
Typographia Salesiana	São Paulo
Typographia do Thabor	São Paulo: Rua do Carmo nº- 42
Casa Eclactica	São Paulo: Rua Arão João, 24
Typographia a Vapor Impressora Paranaense	Curitiba
Casa Editora Presbiteriana	Rio de Janeiro
Casa Publicadora Baptista	Rio de Janeiro: Rua São José, 60
Typographia Imp. E Const. De J. Villeneuve & Cia	Rio de Janeiro: Rua do Ouvidor nº- 65
Comissão Nacional das Associações Cristãs de Moços do Brasil	Rio de Janeiro: Rua da Quitanda, 39
Tipografia e Litografia, Encadernação e Pautação de Jayme Seixas & Cia	Paraíba do Norte: Rua Maciel Pinheiro, 30 e 32
Typographia Universal de Laemmert& Cia- Imprensa Evangélica	Rio de Janeiro: Rua dos Inválidos, 71
Typographia da Sociedade Brasileira de Tractados Evangélicos	São Paulo: Rua 24 de Maio, 50
Typographia de M. Barreto Filho & Octaviano	Rio de Janeiro: Rua da Quitanda, nº- 55
Typographia do Correio Mercantil	Rio de Janeiro
Typographia do “Puritano”	Rio de Janeiro: Rua Silva Jardim nº- 23
Typographia da Casa Mascote	Jahu: Rua Lourenço Prado, nº- 48
Casa Publicadora Methodista	Rio de Janeiro: Rua da Ajuda, nº- 20
Typographia do Apostolo	Rio de Janeiro: Rua Nova do Ouvidor, nº- 14 a 16
Typographia de J. de A. Almeida & Cia	Maranhão
Typographia do Estandarte	São Paulo: Rua Visconde de Ouro Preto, 32

Typographia Evangelia Baptista	Bahia: Rua do Collegio, nº- 32
Typographia Paul Schneider	Rio de Janeiro: Rua Carlos Sampaio, nº- 79
Typographia de Fonseca & Filho	Belém – Pará: Rua 13 de Maio, nº- 120
Typographia de Pereira Braga & Cia	Rio de Janeiro: Rua Nova do Ouvidor, nº- 28
Typographia Levi	São Paulo: Rua Brigadeiro Tobias, nº-21
Typographia da “Província”	São Paulo: Rua Imperatriz, nº- 53
Typographia Franceza	Bahia
Typographia Internacional	São Paulo: Rua Florêncio de Abreu nº- 78
Typographia da “Ave Maria”	São Paulo: Rua Jaguaribe, 99
Typographia Ramos D’Almeida & Cia	Maranhão
Typographia Nova D’O Evangelista”	São Paulo: Rua 13 de Maio
Sociedade Ltda. De Artes Graphics	Paraná-Curitiba: Rua Alferes Poli, 595
Typographia Perseverança	Rio de Janeiro: Rua do Hospício, 99
Typographia Americana	Juiz de Fora: Rua Halfeld, 15
Typographia do “ Libertador”	Fortaleza: Rua da Palma, nº 56
Typografia “ Norte Evangelico”	Garanhuns
Livraria Evangélica - Com Casas Filiais em Jaguarão e Bagé	Rio Grande do Sul
Typographia d’ “O Século”	Natal
Typographia e Papelaria Vanorden& Cia	São Paulo: Rua do Rosário nº 9 e 11

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

No período de 1860 a 1938, alguns dos impressos protestantes que circulavam no Brasil foram produzidos no próprio país. O Brasil já possuía casas publicadoras de Norte a Sul, fossem elas comerciais, católicas ou de denominações protestantes. Segundo Silva (2009, p. 31), “após a abertura dos portos vieram para o Brasil missionários ingleses posteriormente, de outras nacionalidades a partir da Constituição de 1824 com o objetivo claro de difundir o protestantismo”. De acordo com Abreu (2003), a transferência da Família Real para o Brasil teve forte impacto no cenário cultural e, por conseguinte, “na circulação de livros, fazendo aumentar significativamente o número de belas-letas” (ABREU, 2003, p. 40). Ao passo que se abre nova possibilidade de circulação dos livros, nova forma de controle se instala: “em 22 de abril de 1808, instituiu-se a Mesa do Desembargo Paço no Rio de Janeiro, por Alvará Régio. Composta por leigos formados pela Universidade de Coimbra e por religiosos, seu objetivo “era controlar o despacho de livros e papéis que passassem pelas alfândegas” (ABREU, 2003, p. 40-41). De acordo com a autora, a aquisição de impressos estava sujeita a aprovação do órgão censor.

A partir de 1808 passou a ser possível adquirir livros no Brasil pela Impressão Régia, ou importá-los de outras localidades além de Portugal, uma vez obtida a autorização da Mesa do Desembargo do Paço – instituição de controle e censura sediada no Rio de Janeiro com atribuições similares à lusitana. [...] Os livros submetidos à apreciação eram os mais variados, pois toda matéria impressa estava sujeita ao parecer do censor para que pudesse circular (ABREU, 2003, p. 29).

A referida autora afirma que entre a vinda da Família Real e o reconhecimento da independência do Brasil por Portugal, a Mesa do Desembargo do Paço esforçou-se por controlar a impressão e a circulação de livros no Brasil, verificando sua entrada e saída “nos portos, examinando as obras postas à venda por livreiros, estudando inéditos com vistas à impressão, avaliando pedidos de concessão de privilégio de edição e venda, observando a finalidade de reimpressões” (ABREU, 2003, p. 30).

A partir da Constituição de 1824, a liberdade de expressão foi consagrada: “[...] todos podem comunicar seus pensamentos por palavras, escritos e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura; contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício desse direito, nos casos e pela forma que a Lei determinar” (SILVA, 2009, p. 33). Ancorados nos pressupostos da referida legislação, protestantes que atuaram na imprensa brasileira valeram-se, de início, dos espaços de tolerância garantidos pelo Estado, o que permitiu que “ao longo do século XIX alguns periódicos fossem editados e distribuídos vários folhetos, livros e opúsculos” (VASCONCELOS, 2010, p. 32).

Conforme Abreu (2003, p. 82), dentre as medidas tomadas para transformar o Brasil em sede do governo português, D. João VI fez instalar “o material tipográfico trazido de Portugal, que havia sido importado da Inglaterra para a Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra”. A instalação do maquinário e o início de seu funcionamento precederam a redação do “ato formal de instituição da Impressão Régia do Rio de Janeiro, fazendo com que esse documento pudesse ser impresso no próprio órgão que a dava vida” (ABREU, 2003, p. 83).

Na figura que segue é possível visualizar a distribuição de tipografias e editoras, sejam elas de denominação protestante, católicas ou comerciais, em vários Estados brasileiros, responsáveis pela produção da *Coleção Folhetos Evangélicos*.

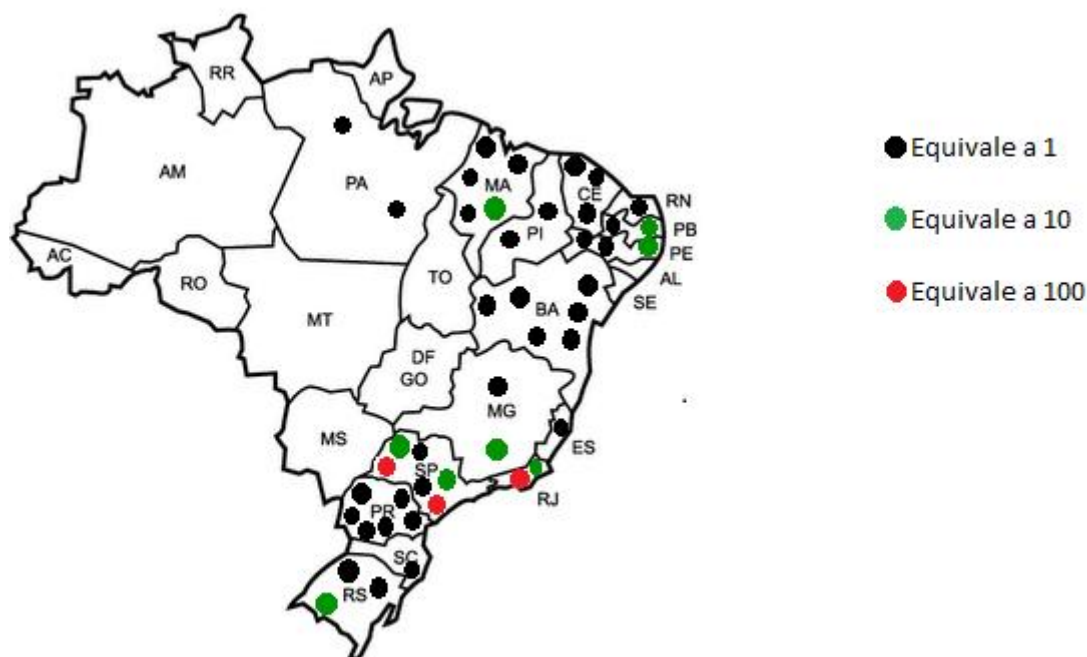


Figura 6: Distribuição das editoras no Brasil

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

A figura apresentada corresponde a quantidade de títulos produzidos no Brasil e identificados na análise, os quais totalizam 414 impressos. É notório o destaque dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Para Hallewell (1985, p. 54), “[...] o Rio de Janeiro atraía a nata do talento literário e intelectual do país [...]” devido, entre outros aspectos, à “sua conveniente posição geográfica que garantia-lhe um mercado muito mais amplo que os de seus concorrentes”.

O referido autor ressalta que “a primeira província a desenvolver sua própria atividade editorial foi a Bahia [...]”. A partir de 1837, houve um declínio²¹ no comércio livreiro de Salvador, “até então o que se publicava na província parece ter estado, em sua maior parte, voltado para a religião e a filosofia” (HALLEWELL, 1985, p. 59). A crise enfrentada na atividade editorial baiana, “no fim da década de 90, deu lugar a uma revitalização [...]” Salvador possuía então 10 livrarias, contra 47 do Rio de Janeiro” (HALLEWELL, 1985, p. 59).

²¹ Provavelmente, o declínio ao qual o autor referiu-se foi ocasionado pelos efeitos da Sabinada, uma revolta ocorrida naquele ano e presidida por militares, liderados pelo jornalista e médico Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira. A revolta se estendeu entre os anos de 1837 e 1838.

Pernambuco era visto como uma das Províncias mais empreendedoras do Império e foi palco de investidas missionárias desencadeadas por Robert Reid Kalley que, além da criação da “Igreja Evangélica Pernambucana, tomou proveito diante do rompimento da censura real religiosa católica após o ano de 1821, para disseminar os impressos protestantes e evangelizar as pessoas” (ALCÂNTARA, 2012, p. 57). No ano de 1875, “a capital da província possuía quatorze firmas impressoras” (HALLEWELL, 1985, p. 117) e,

depois do Pará, a tipografia [...] chegou às demais províncias na seguinte ordem: Ceará (o mais importante partidário de Pernambuco na Confederação do Equador) recebeu um prelo em 1824, quando Manuel de carvalho Paes de Andrade trouxe-o de Recife. São Paulo começou a imprimir em fevereiro de 1827, o Rio Grande do Sul em junho de 1827, Goiás em março de 1830, Santa Catarina em agosto de 1831. (...) O Rio Grande do Norte recebeu também um prelo de Recife em 1832, embora as publicações oficiais do estado continuassem a ser impressas em Olinda até 1878. O início da impressão em Sergipe data de 1832, a do Espírito Santo de 1840, a do Paraná de 1853 (HALLEWELL, 1985, p. 121).

Segundo Ribeiro (1981, p. 39), o reverendo Simonton chegou a São Paulo em meados de dezembro de 1860, atendendo a um dos objetivos da Missão que era explorar o território. Para o supracitado autor, “as informações que recebeu o convenceram de que a Província oferecia excelentes oportunidades para a pregação evangélica” (RIBEIRO, 1981, p. 39). Era significativo o número de protestantes ingleses e alemães em São Paulo, número que tendia a aumentar com a imigração.

Investigar uma gama de impressos buscando indícios da sua produção, marcas de um leitor e para, além disso, compreender o impresso como um objeto cultural, uma ferramenta de difusão de saberes e práticas que moldou o comportamento de grupos sociais, fazendo circular aspectos de diferentes culturas num dado contexto social, deu movimento à composição desse capítulo. À medida que percorri os impressos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*, visitando seus locais de produção, discorri sobre títulos que foram instrumentos para inculcar saberes e práticas na mentalidade de brasileiros num passado remoto. Do mesmo modo, compus neste capítulo facetas de um leitor em construção, de um sujeito que encontrou nos impressos a possibilidade de fazer-se protestante.

CAPÍTULO 2. DIFUSÃO DE IMPRESSOS PROTESTANTES NO BRASIL: SABERES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS E RELIGIOSAS NA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS

[...] o ensino da leitura é um meio de transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais que são o seu alvo (CHARTIER, 1996, p. 35).

A epígrafe que ilustra este capítulo reflete a dimensão e a relevância que foi dedicada à leitura num Brasil marcado pela ação da propaganda evangélica protestante. A circulação de impressos protestantes favoreceu a propagação de saberes e práticas educacionais e religiosas, pois eles foram projetados para inculcar novos hábitos e valores na mentalidade dos brasileiros. A história do livro permite reconstruir um mundo a parte, “[...] compreender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato como a palavra impressa influenciou o comportamento da humanidade” (DARNTON, 1990, p. 109). Segundo Galvão (2001, p. 41), há uma tendência crescente, nos estudos de história da leitura, visto que “[...] a impossibilidade de captar as leituras *in loco* e os leitores de ‘carne e osso’ [...]” tem encorajado pesquisadores “a buscar, nos próprios textos e na materialidade do impresso, marcas indicativas [...] do leitor pensado”.

Norteadada pela perspectiva da história do livro e da leitura, entendo que é pertinente considerar os livros “[...] pelas suas formas, pela sua encadernação, pelo seu valor como objeto [...] mas também pelo que são: objetos da arte da palavra” (VENANCIO, 2010, p. 489). Uma fonte em potencial para a História da Educação, a *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunha, mais do que crenças religiosas, práticas educativas que moldaram o comportamento de grupos sociais num dado contexto. Nesse sentido, os catecismos funcionaram como um instrumento prescritivo de inculcação de hábitos e valores que deveriam ser externados através de atitudes e comportamentos, demonstrando o caráter cristão. Projetados para divulgar e fazer circular a Palavra Sagrada compreendo “os catecismos como instrumentos pedagógicos utilizados para padronizar os modos de pensar, modelando as práticas do meio evangélico, via educação” (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2012, p. 27). Assim, dediquei-me a olhar o catecismo por dentro, buscando no texto, as mensagens expressas, indícios das maneiras como eram transmitidas, considerando a

materialidade dos títulos e aos conteúdos veiculados, tendo em vista que, assim como qualquer outro tipo de impresso “[...] eles corporificam o saber” (DARNTON, 2010, p. 16).

Por conseguinte, este capítulo condensa os reflexos de práticas educacionais e religiosas veiculadas nos títulos da *Coleção Folhetos Evangélicos* e projetadas para auxiliar a prática docente, a organização de escolas dominicais, impressos que ditam os alicerces de instituições educacionais protestantes, desde a organização da sala ao método utilizado e a postura adotada pelo professor, a educação no ambiente familiar e a instrução de leigos em diferentes faixas etárias. Os reflexos da educação figuram no primeiro tópico e, no segundo, as lentes da investigação deslocaram-se para os catecismos, aqui compreendidos como instrumentos pedagógicos utilizados para padronizar os modos de pensar, modelando as práticas do meio evangélico, via educação.

2.1. A Educação na *Coleção Folhetos Evangélicos*

Toda educação, física, intelectual ou moral, consiste na criação do hábito. [...] A ciência da educação estuda o hábito e suas relações com o instinto, com a inteligência e com a vontade religiosa. [...] O ensino da religião, tem como objetivo prático a formação por meio de exercícios, na acepção pedagógica desta palavra, dos hábitos do homem religioso. O nosso assunto compreenderia então, se não o limitássemos, a educação religiosa por todos os meios a seu alcance – todos os institutos da educação: física, intelectual, desde a escola elementar até a Universidade; e a moral, com a igreja e suas agências educativas – o lar, a escola dominical e o púlpito (KERR, 1925, p. 24).

Extraída de um dos títulos que compõe a *Coleção Folhetos Evangélicos – Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil*, de autoria de W. C. Kerr, publicado em São Paulo pela tipografia Irmão Ferraz, em 1925 – a epígrafe acima sintetiza os principais pontos abordados neste capítulo. Para além da importância dada à educação para a consolidação do Protestantismo num Brasil predominantemente católico, o pequeno trecho reflete a dimensão da educação religiosa, em âmbito físico, intelectual e moral, para além da estrutura física de uma igreja ou escola. Nesse sentido, penso que a própria circulação do impresso, embutido de ideais, saberes e práticas foi uma ferramenta importante para moldar comportamentos de grupos sociais, títulos que foram difundidos num Brasil oitocentista marcado pela oralidade, levando-se em consideração a massa analfabeta, e pela religião que predominava – o Catolicismo. Contudo, como analisar a construção de uma sociedade protestante dentro de um espaço católico? O que a *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunha acerca das práticas educacionais e religiosas? Como elas estão postas nos papéis envelhecidos?

Para além da construção deste tópico busquei embasamento, ao longo da investigação, na circularidade cultural proposta por Carlo Ginzburg (1987), no sentido de investigar, a partir da *Coleção Folhetos Evangélicos*, a circulação de impressos como ferramenta propagadora de saberes e práticas próprias do Protestantismo. Na esteira de tais discussões, a História da Educação que pode ser evidenciada pelos títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*, anuncia mais do que crenças religiosas, mas também práticas educativas que moldaram o comportamento de grupos sociais. Tal como os manuais de civilidade estudados

por Norbert Elias, os catecismos protestantes são importantes fontes documentais, quer para a compreensão do desenvolvimento de comportamentos e relações sociais, quer para a apreensão de práticas educativas. Segundo Jorge Carvalho do Nascimento (1997, p. 45), a civilização “[...] refere-se a uma grande variedade de fatos que dizem respeito a padrões de tecnologia, maneiras, conhecimentos científicos, ideias religiosas e costumes” [...] enfatiza as regularidades, o que é comum a todos os indivíduos. Nesse sentido, os convertidos a nova religião deveriam carregar consigo as marcas do Protestantismo. Para tanto, os impressos se tornaram veículos de propagação de saberes e práticas educacionais e religiosas, para a construção da sociedade cristã.

Muitos dos livros, textos e impressos que a escola considerou adequados para auxiliar o desenvolvimento de suas tarefas não foram, originalmente, destinados à escola, mas por ela utilizados. Assim, por exemplo, livros de catecismo e – tal como prescrevem a Constituição do Império e a lei de 1827 – o Código criminal e a Bíblia foram, em maior ou menor grau, utilizados pela escola para servir como livros de leitura, seja porque o pensamento pedagógico de então considerasse que o objeto fundamental da leitura se identificava ao aprendizado dos conteúdos dos textos que se liam (era o catecismo e o código que deveriam, antes de tudo, ser aprendidos por meio da leitura), seja porque vivia-se, então, numa sociedade em que o impresso pedagógico possuía, ainda, uma produção e circulação muito restritas (BATISTA, 1999, p. 540-541).

Diante de tal escassez, muito mais do que manuais religiosos, os catecismos assumiram o papel de livros didáticos²² em escolas protestantes, sintetizando, de maneira clara e objetiva, os conhecimentos pertinentes às atividades escolares. A importância do ensino “patenteia-se em outras publicações, parcial ou totalmente voltadas a colaborar para o aprendizado. Mesmo os jornais foram utilizados para tal fim, indo além da publicação de textos para as escolas dominicais” (VASCONCELOS, 2010, p. 101). Alguns jornais, a exemplo do Jornal Batista (1903), deram início a uma seção “cujo objetivo era essencialmente didático. A seção foi efetivamente inaugurada, chamando-se Perguntas e Respostas, recebendo diversas indagações acerca da Bíblia. [...] Tratava-se, portanto, de prover um conteúdo eminentemente pedagógico” (VASCONCELOS, 2010, p. 102). O catecismo, como

²² O termo didático, aqui empregado, refere-se ao “livro que vai ser utilizado em aulas ou cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista sua utilização escolar e sistemática [...] por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor” (LAJOLO, 1996, p. 4).

qualquer outro “livro escolar é compreendido como uma interessante fonte para o estudo do cotidiano e dos saberes” que circularam no Brasil, num dado período, e para “conhecer melhor esse impresso que terminou por se converter na principal referência para a formação e a inserção protestante” (BATISTA, 1999, p. 530-531).

Os protestantes deram ênfase ao impresso e “usavam-no, como aos periódicos, para consolidar a igreja mediante doutrinação e motivação dos fieis para atenderem às novas formas de comportamento” como vistas a integra-los na religião Reformada (RIBEIRO, 1981, p. 107). Para Vasconcelos (2010, p. 107), a falta de instrução do povo era um obstáculo “ao aprendizado da doutrina e à participação nos cultos protestantes, informais e discursivos, que caracterizam o início da atuação missionária, tendo no cântico um forte elemento conversionista”, um bom exemplo disso é o título *Hymnos de Evangelização*, publicado em São Paulo, em 1916, pela *Typographia do Estandarte*, localizada à rua Visconde de Ouro Preto, 32, 1916.

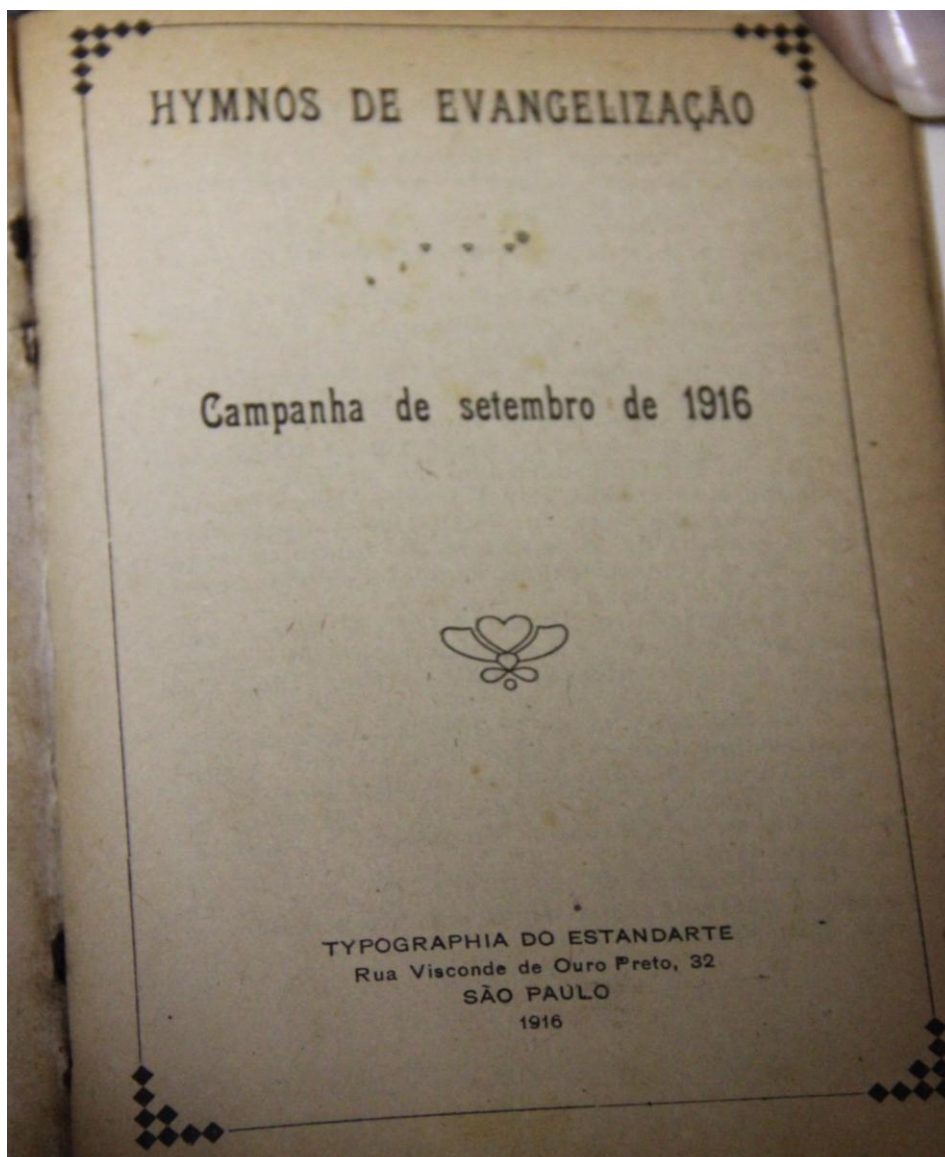


Figura 7: *Hymnos de Evangelização* (1916)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

À primeira vista, é provavelmente questionável pensar um livrinho de cânticos sob o prisma de seu potencial educativo. Todavia, dediquei-me a pensar o impresso como objeto cultural, produto humano tanto no âmbito da sua produção quanto no seu uso. Ora, os hinários foram projetados para uso dos membros das igrejas e tinham um caráter pedagógico, à medida que possibilitavam, inclusive aos iletrados, ao aprenderem a música, a incorporação da doutrina e trechos da Bíblia. De tal modo, seu papel extrapolava a função litúrgica, ainda que não se tratasse especificamente de uma publicação dedicada à pedagogia doutrinal.

Que fazes tu por mim?

1 Morri na cruz por ti, morri na cruz para te livrar.
Meu sangue, sim, ver-te, e posso te salvar

*Morri, morri na cruz por ti
Que fazes tu por mim?*

2 Vivi assim por ti, com dor, com dissabor
Sim, tudo fiz aqui, pra ser teu salvador

3 Sofri na cruz por ti afim de te salvar
A vida consegui, e breve t'a vou dar

4 Eu trouxe a salvação dos altos dos céus
É livre o meu perdão, é grande o meu amor (S/A, 1916, p. 5).

Distribuídos em 14 páginas, 23 cânticos compõem o impresso *Hymnos de Evangelização*, precedidos de um índice. Os hinos presentes no referido título, assim como o transcrito acima, são compostos, em sua maioria, por quatro ou cinco estrofes, sinalizadas pelo numeral em negrito. A organização das frases, rimadas ou não, bem como das estrofes, curtas e com conteúdo, separadas por um espaçamento em branco que sugere uma pausa rítmica, auxiliam a memorização da letra e o aprendizado da canção. Vasconcelos (2010, p. 107) pontua que “a hinologia acompanhou o desenvolvimento do Protestantismo [...] desde cedo, os missionários que chegaram ao Brasil se preocuparam com a produção de hinários”, traduzindo e, em sua maior parte, fazendo versões dos hinos cantados em sua terra natal.

Segundo Ribeiro (1981, p. 155), “todos os cânones de comportamento se modificam no sistema religioso dos convertidos à fé evangélica” e essa alteração se propaga nas diversas instâncias do cotidiano dos fiéis. Nas entrelinhas dos impressos analisados é possível identificar uma espécie de agenda com obrigações, práticas educacionais e religiosas como a assiduidade a igreja, a dedicação do domingo aos deveres e necessidades religiosas, a eliminação de qualquer participação em eventos ou praxes católicas romanas como missa, procissão, culto a santos ou à Maria, além de eliminar imagens de santos ou de Jesus Cristo. As relações sociais e de lazer também estão incluídas práticas de uma educação protestante, difundida nos títulos investigados. A embriaguês, os jogos de azar, relações extraconjugais eram exemplos de comportamentos abolidos do ciclo social dos adeptos a nova religião. O que se pode notar nas entrelinhas dos textos analisados é que devem manter todos os sistemas sociais nos cânones de comportamento que se consideram resultantes da crença Reformada, fundamentados na Bíblia.

O ambiente apertado da nova igreja, pouco numerosa, os fiéis contíguos uns dos outros, em contatos primários frequentes, o zelo exacerbado de todos (e não apenas dos pastores) pelo bom relacionamento dos irmãos e pela imagem de nova vida a ser projetada na sociedade (RIBEIRO, 1981, p. 167).

A educação passou a ser vista como um dos principais instrumentos privilegiados para elevar o país ao seu verdadeiro posto, mas faltava determinar qual o tipo de educação mais apropriada para cumprir as exigências do futuro. É a partir da década de 1870 que o Protestantismo missionário norte-americano instala-se definitivamente no Brasil, com suas escolas com ênfase no pragmatismo, na maior participação do aluno, na educação física. Para Ribeiro (1981, p. 184), entre os valores difundidos para construir a almejada “sociedade cristã, nos moldes protestantes, nenhum obteve maior êxito que o da instrução”, pois a leitura da Bíblia é indispensável a fé Reformada. O impresso intitulado *A educação dos Filhos* (1921) de autoria de Annibal Nora e publicado pela Typographia Nova d' O Evangelista, em São Paulo reflete o valor da instrução, intrínseco à nova vida espiritual evangélica:

Ao batizar uma criança o pastor devia receber dos pais o compromisso de ensinar a criança a ler a palavra de Deus. Ao apresentar a criança ao batismo os pais os pais devem prometer a Congregação ensinar ou mandar ensinar-lhe a ler, para que venha ler por si mesmo a Santa Escritura. (...) Os filhos dos membros da Igreja, e dedicados a Deus pelo Batismo, estão sob a inspeção e governo da Igreja, e dever-se-lhes ensinar a ler (NORA, 1921, p. 3).

A circulação dos impressos, aos poucos, possibilitou a inserção do Protestantismo e, consequentemente, o hábito de ler “até das mais rústicas famílias do sertão”. À medida que a nova religião se consolidava, incorporava novos hábitos e práticas nos brasileiros. Segundo Bertinatti (2011, p. 13), “os impressos foram adotados também como material didático nas escolas protestantes e nas escolas dominicais, já que outro objetivo era o de moldar um campo pedagógico baseado nos princípios protestantes”.

No processo de transição do século XIX para o século XX, os ventos republicanos apontam a necessidade de construir a nação, formar o cidadão, o homem público, via educação – redentora dos males sociais. Desse modo, a educação estava associada ao progresso do país, portanto, carecia de um espaço próprio para o funcionamento das escolas e de um método de ensino. Foi empreendido o movimento de renovação da escola primária, promovido pelos primeiros governos republicanos:

Tratava-se não apenas de uma difusão no meio popular e da democratização do acesso à leitura e escrita – instrumentos culturais cada vez mais valorizados nas sociedades urbanas e nos regimes republicanos –, mas, também, da implantação de uma instituição educativa comprometida com os ideais republicanos e com as perspectivas de modernização da sociedade brasileira (SOUZA, 1998, p. 34).

Naquele momento, a ignorância simbolizava o atraso da nação tomada pelo anseio do progresso. A modernização da sociedade estava atrelada à instrução do povo e, conseqüentemente, o progresso seria alcançado. Nesse sentido, a educação do povo, para o governo, extrapolava um dever, era um interesse – era preciso reformar a instrução pública e estabelecer padrões pedagógicos. De acordo com Carvalho (2003, p. 25), “educar era a aspiração uníssona que se levantava em todos os países. Não bastava, contudo, ensinar: era preciso saber ensinar”. Diante de tal impasse, os padrões aqui adotados foram mediados por norte-americanos, muitos deles, convertidos ao Protestantismo e atuantes nas instituições educacionais religiosas firmadas no Brasil, é o caso Maria Guilhermina, que

[...] viajou para os Estados Unidos, em 1883, onde permaneceu por um período de quatro anos em busca de uma aproximação com os métodos de ensino lá utilizados [...] conseqüentemente, com o método de ensino intuitivo. [...] Ela converteu-se ao Protestantismo na década de 60 do século XIX, um ano após a chegada de Simonton, primeiro missionário presbiteriano no Brasil. Essa aproximação com os missionários presbiterianos foi o que permitiu à educadora viajar e vivenciar a prática de novos métodos educacionais (BERTINATTI, 2011, p. 64).

A conversão à fé reformada e convívio com missionários e educadores protestantes, oriundos do norte dos Estados Unidos, foi substancial para o conhecimento dos métodos pedagógicos praticados nos Estados Unidos, nos quais ela se especializou estudando em Nova York, na década de 1880. Segundo Bertinatti (2011, p. 64), histórias como a de Maria Guilhermina “reafirmam a aproximação e o domínio que os protestantes apresentaram em relação ao método de ensino intuitivo”, utilizado nas Escolas Dominicais.

Alguns impressos da *Coleção Folhetos Evangélicos* corroboram com a afirmativa da autora, a exemplo do título *Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil* (1925), de autoria de W. C. Kerr. O autor discorre acerca da educação religiosa, sobretudo os métodos que deveriam ser adotados, a importância do professor, o papel do aluno. Discorre, como o próprio título anuncia, acerca da pedagogia religiosa a ser

adotada para a formação do homem religioso, levando em consideração as contribuições de Pestalozzi.

No que tange aos aspectos metodológicos, ao propor a organização de uma escola moderna, o autor diferencia a concepção de educação moderna da antiga, exemplificada na figura que segue.

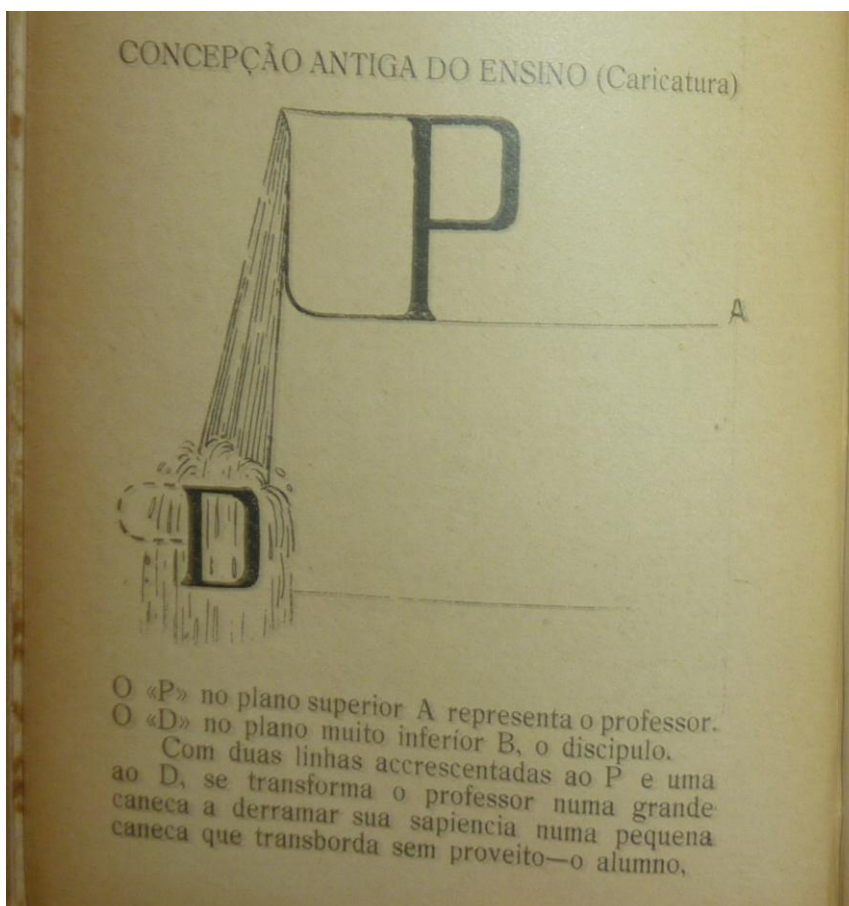


Figura 8: Concepção de ensino tradicional

Fonte: *Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil* (1925). In: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Na figura acima, estão representados o professor (P), no plano superior, e o aluno, discípulo (D), no plano muito inferior. Na explicação do autor, “com duas linhas acrescentadas à letra P e uma à letra D, se transforma o professor numa grande caneca a derramar sua sapiência numa pequena caneca que transborda sem proveito – o aluno” (KERR, 1925, p. 8). Para o autor, não se trata de derramar a sabedoria sobre o aluno, com o risco de afogá-lo, mas sim de desenvolver suas faculdades. Nesse sentido, o professor deve exercitar a

atividade, de acordo com as leis da natureza, dando à criança apenas o auxílio, nas palavras do autor:

A educação partia de fora para dentro. Era encher a mente da criança como quem derrama com um funil, ainda que transbordasse. Parte, hoje, de dentro para fora: é tratar a criança com grande carinho, como uma planta delicada que tem em si mesmo forças latentes de desenvolvimento. Partindo desse princípio, acompanhando de perto os passos da ciência da educação, procura por à serviço de Deus tudo que a inteligência humana tem descoberto de útil no terreno da pedagogia. Faz mais que isso. Adapta às suas condições especiais os métodos pedagógicos (KERR, 1925, p. 8).

Conforme Bertinatti (2011, p. 66), Pestalozzi defendia a educação como processo que deveria ocorrer de dentro para fora; sendo assim, “era necessário ao professor conhecer o desenvolvimento físico, intelectual e moral do seu aluno, para que compreendesse como ele aprende e então aplicar métodos eficazes”. O professor teria o objetivo, então, de “estimular a criatividade, desafiar seus alunos, auxiliá-los em suas necessidades para não sobrecarregá-los com conteúdos sem que houvesse interpretação e entendimento”.

Os padrões pedagógicos sugeridos pela referida obra coadunam-se com as efervescentes discussões que compunham discurso renovador da escola brasileira, na passagem do século XIX para o século XX. Durante século XX, “o esforço para realizar uma escola eficaz numa sociedade em crescimento e transformação foi realmente enorme, em relação a aspectos políticos e normativo-jurídicos e a aspectos didáticos” (CAMBI, 1999, p. 413). O método intuitivo abordado na obra mencionada foi incorporado no Brasil como uma das propostas metodológicas do movimento da Escola Nova.

Desse modo, a instalação de instituições educativas e a própria circulação dos impressos era essencial para formar o caráter cristão. O acesso à Palavra Sagrada possibilitava a propagação de saberes fundamentais à prática evangélica, como o conhecimento de Deus, o amor para com Deus e o próximo, o respeito para com as coisas de Deus, os hábitos de devoção, obediência à Lei de Deus, atitude para redenção dos pecados, a fé no Salvador, o prazer na companhia do Povo de Deus, a posse de si e o amor para servir a outrem. As práticas educacionais e religiosas propagadas pela circulação de impressos extrapolavam o ambiente escolar, deveriam ser externadas no âmbito do convívio social. O combate à ociosidade, ao uso do álcool e à prática dos jogos de azar, as instruções quanto a regras de higiene, os modos de administrar as finanças e o patrimônio, orientações ao trabalho intenso,

à poupança e à acumulação são exemplos de práticas que foram postas em circulação, refletidas nas páginas envelhecidas da *Coleção Folhetos Evangélicos*.

2.2. Os Catecismos da *Coleção Folhetos Evangélicos*

Pensar os catecismos como um objeto cultural, um instrumento de ensino da fé e doutrina protestante, projetado para difundir a Palavra Sagrada, é o objetivo deste tópico. Nesse sentido, discorro sobre esse tipo de impresso protestante, com vistas a analisar os títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*. Orientada pelos pressupostos da história do livro e da leitura, apresento reflexões acerca da materialidade e dos conteúdos apresentados nos catecismos. Destarte, dediquei-me a olhar o catecismo por dentro de modo a apreender indícios de saberes e práticas educacionais e religiosas embutidas no conteúdo dos impressos, bem como a olhar o catecismo por fora, buscando características materiais, exige atenção quanto ao título, autor, editor, quantidade de páginas, local de publicação, presença ou ausência de ilustração, características gerais da capa, disposição gráfica da primeira página. Desse modo, analisar os catecismos, por dentro e por fora, implica indagar: que escolhas foram efetuadas entre os conteúdos veiculados? Como eles são expostos, organizados?

A imprensa teve significativa responsabilidade pela circulação de práticas e saberes, uma vez que possibilitou a socialização da palavra impressa, rompendo com a posse da cultura letrada somente daqueles mais abastados. Segundo Hébrard (1999, p. 44), “as Reformas, primeiro a protestante e, algumas décadas mais tarde, a católica, desembocaram no primeiro projeto de alfabetização geral” haja vista que, saber ler ou, sobretudo, “reler um *corpus* limitado de textos, pronunciados muitas vezes nos rituais, parecia um bom meio de imprimir nas consciências das crianças uma marca tão mais indelével quanto mais precoce”.

De origem grega, a palavra *katechismós* significa instrução. Nas palavras de Nascimento (2006, p. 2-3), “o catecismo é uma publicação de instrução religiosa que adota o modo particular de exposição de diálogo, através de perguntas e respostas, transmitindo de maneira acessível conhecimentos complexos a crianças ou a iniciantes”. Através da memorização, “ensina a doutrina, as regras e as normas das igrejas católicas e protestantes, inculcando hábitos, valores religiosos e morais, modelando comportamentos”. Nessa perspectiva, Bertinatti (2011, p.1) investigou o “modelo de educação oferecido pelas Escolas Dominicais Presbiterianas no período de 1909 a 1928” e, no tocante aos conteúdos ensinados nas referidas instituições, evidenciou o uso intenso do catecismo.

A partir da trilogia ler-escrever-contar, Jean Hébrard (1999, p. 43) retoma o século XVI para refletir as relações com a escrita, tomando como cenário “um mundo onde as Igrejas

estavam divididas e os dogmas eram objeto de guerras sem piedade [...]”, mostrando a necessidade de instrução religiosa e, conseqüentemente, o surgimento do catecismo, visto que “[...] não bastava mais, para formar um cristão, batizá-lo no seu nascimento, na comunidade religiosa a qual pertencia. Era preciso ‘formá-lo’, quer dizer, instruí-lo nas verdades da sua religião”. Para tanto, era necessário

[...] fixar a ‘letra’ da doutrina e fazê-lo memorizar exatamente, de maneira que os fiéis não considerassem verdadeiras as proposições heréticas ou sacrílegas. Para fixar a ‘ciência da salvação’ em fórmulas que todos poderiam ‘confessar’, os grandes reformadores protestantes, e depois os bispos católicos, escreveram os catecismos. Esses manuais eram primeiramente guias para os que ensinavam, nos quais as orações e os principais elementos da doutrina eram apresentados sob a forma de perguntas e respostas alternadas. Esse ensino oral (escutar/memorizar/recitar) era uma primeira iniciação à cultura escrita, porque o pastor devia fazer decorar ‘letra por letra’ um texto escrito, impresso, estável. Um século depois, o catecismo não era mais o ‘livro do mestre’, mas, um livro do aluno (HÉBRARD, 1999, p. 43-44).

De tal modo, para o autor citado anteriormente, a universalização da escrita tem um fundo religioso. No que diz respeito ao uso de textos religiosos, no Brasil e em Portugal, Algranti (2004) faz menção à memorização e ao reconhecimento dos textos por parte daqueles que não sabiam ler. Segundo a autora, era comum que algumas religiosas acompanhassem a leitura coletiva no coro ou, “dado o caráter repetitivo da leitura dos textos sagrados [...] podiam declamá-los por memorização – ‘reconhecendo’ o texto e não exatamente lendo-o [...]” (ALGRANTI, 2004, pp. 55-56).

Nesse sentido, Nascimento (2007) afirma que em decorrência da Reforma Protestante, a partir do século XVI, uma identidade, ao mesmo tempo religiosa e cultural, desenvolveu-se em torno dos mesmos livros que sustentavam os diferentes exercícios religiosos: a leitura da Bíblia, a oração, o canto em comum, a escuta do sermão e a ceia. Por serem versificados, com perguntas e respostas breves e diretas, os catecismos alcançaram a popularidade no cenário brasileiro oitocentista e em meados do século XX. Conforme discussão de Nascimento (2006, p. 2), os catecismos

[...] funcionaram como um importante veículo de difusão e inculcação dos preceitos religiosos definidos pelos seus líderes. A ânsia de encaminhar as crianças ao conhecimento da fé foi um grande estímulo para a expansão da literatura catequética. A função dos manuais era concentrar a instrução face a face. O catecismo também foi utilizado tanto como um método pedagógico, como um guia e encorajador cristão pelos reformadores protestantes, principalmente por luteranos, anglicanos e presbiterianos.

A *Coleção Folhetos Evangélicos* contém 10 catecismos, dos quais oito foram encadernados no volume de número 11, juntamente com oito hinos. Os outros três títulos foram encadernados em volumes distintos, 28 e 47. Em cada volume da coleção, os títulos foram listados num sumário manuscrito; no volume de número 10 consta apenas do registro do *Catecismo de Doutrina Christan para a Instrução dos Meninos* (1924), no entanto, o referido impresso não foi encontrado. Por esse motivo, analisei 10 catecismos da coleção, dos quais nove são protestantes e, o *Catecismo da Expição* (1882), é uma publicação católica.

QUADRO 7. CATECISMOS DA COLEÇÃO FOLHETOS EVANGÉLICOS

TÍTULO	AUTOR	ANO	EDITORA	LOCAL
Catecismo da Expição	Kenelm Vaughan	1882	Typographia do Apostolo	Rio de Janeiro
Breve Catecismo	Belmiro de Araujo	1892	Typographia e Lithographia d” “O Pelicano”	Paraíba
Catechismo Biblico para as Classes Infantis – Leite para Crianças	Samuel B. Schieffelin	1895	Typographia de J. de A. Almeida &C	Maranhão
Catechismo da Nova Jerusalem ou Nova Igreja Christã	L.C. da La Fayette	1906	Pap. Sul –Americana	Rio de Janeiro
Catecismo de Doutrina Christan	--	1907	Weiszflog Irmãos &C	São Paulo
O Breve Catecismo – Symbolos da Fé da Igreja Presbyteriana	--	1927	Estabelecimento Graphico Irmãos Ferraz	São Paulo
Breve Catechismo de Doutrina Cristã	Miguel Flexa	--	Livraria Evangelica, Rua Esperança 7-C	São Paulo
Catecismo Anti-Sabbatico	Rev. Benedicto Hirth	--	Estabelecimento Graphico “Cruzeiro do Sul”	São Paulo
Cartilha com Estampas	--	--	Sociedade de Tratados Americana	Nova York
Um Novo Catechismo	--	--	Casa Publicadora Methodista	Rio de Janeiro

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Das 10 publicações analisadas, nove são protestantes, dos quais, quatro são de denominação presbiteriana, e uma é católica. A análise dos catecismos demonstra a circulação de impressos protestantes no Maranhão e na Paraíba, no final dos oitocentos.

O texto e os seus suportes de apresentação e circulação estão intrinsecamente ligados à produção de sentido, “cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção

do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações” (CHARTIER, 2002, p. 44-45). Desse modo, os impressos guardam em sua composição ferramentas de conformação da leitura e do modo como ele é utilizado, sobretudo, no que tange à construção do sentido. Do ponto de vista material, poucos indícios foram deixados nos catecismos analisados, visto que sofreram modificações no processo de encadernação, mas permitem traçar um perfil quanto ao formato de composição do texto e os conteúdos. O suporte material do texto é embutido de significações para o leitor, visto que as formas materiais estão ligadas às práticas de leitura, à produção de sentido.

Entre os 47 volumes que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*, figura no 28º volume o *Breve catechismo*, de autoria de Belmiro de Araújo, publicado em 1892, pela Typographia e Lithographia d’O Pelicano, na Província da Paraíba. Ministro do Evangelho, o autor do referido título, iniciou a obra com uma introdução prestando esclarecimentos ao leitor, na qual afirma ter o objetivo de facilitar a compreensão da religião protestante para leigos interessados.



Figura 9: Capa do Breve Catechismo (1892)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

O referido catecismo contém 28 páginas e 107 perguntas e respostas. O parágrafo introdutório, seguido de três perguntas, anuncia a divisão deste catecismo em duas partes, acrescidas de observações ao longo do texto. A doutrina agrupa-se em duas partes, seguindo o método de perguntas e respostas simples, claras e concisas. Inicialmente, desenvolve-se numa abordagem teológica com ensinamentos acerca da Palavra Sagrada. Nessa primeira parte são apresentadas cinco perguntas e repostas acerca de Deus e a criação do mundo e das três pessoas da divindade (Pai, Filho e Espírito Santo).

O caráter didático e pedagógico do texto segue fincado às perguntas e respostas, seguidas de pequenos trechos com observações do autor, dedicadas por inteiro ao resumo da temática abordada. A perspectiva que se desenvolve é histórica, orientada pela principal fonte

– a Bíblia –, com o objetivo declarado de explicitar claramente e, de forma convincente, “que devemos crer em Deus” (ARAÚJO, 1982, p. 1). Nesta primeira parte, os temas explorados são relativos a Deus e a criação do homem e do mundo. É notória a preocupação em explicar com clareza as pessoas da divindade:

P. Quem é Deus?

R. Deus é um Espírito infinito, eterno, imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade.

P. Há mais de um Deus?

R. Há um só Deus, o Deus vivo e verdadeiro.

P. Quantas pessoas há na Divindade?

R. Há três pessoas na Divindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo e estes três são um Deus, da mesma substância, iguais em poder e glória (ARAÚJO, 1982, p. 4-5).

Na segunda parte, composta por seis lições distribuídas em 96 perguntas e respostas, o texto segue uma divisão temática com o objetivo de explorar diferentes condições do homem perante Deus, desde a sua criação até a sua glorificação no céu. Segundo Orlando e Dantas (2008, p. 9), o principal objetivo do catecismo é “ensinar os preceitos da Igreja como verdades absolutas e, para um aprendizado mais efetivo, é preciso que esses ensinamentos sejam enraizados nos indivíduos sem dar margem a maiores questionamentos”. Destarte, o tema mais explorado é relativo aos dez mandamentos, com 62 perguntas e repostas, além deste, são abordados a criação, pecado, salvação, morte e ressurreição. Nesta parte, as seis lições expressam estados vivenciados pelo homem.

1º Estado

P10. Como criou Deus o homem?

R. Deus criou o homem macho e fêmea, conforme a sua própria imagem, em conhecimento e santidade, com domínio sobre todas as criaturas.

2º Estado

P12. Que ato especial de providência exerceu Deus para com o homem no estado em que ele foi criado?

R. Quando Deus criou o homem fez com ele um pacto de vida com a condição de perfeita obediência: proibindo-lhe de comer da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de morte.

3º Estado

P13. Conservaram-se nossos primeiros pais no estado em que foram criados?

R. Não. Nossos primeiros pais, sendo deixados à liberdade de sua própria vontade, caíram do estado em que foram criados, pecando contra Deus (ARAÚJO, 1982, p. 6-7).

O texto dá relevo à criação do homem, obediência e pecado. A divisão do texto em seis estados, cada um com apenas uma pergunta e resposta, expressa o desejo de clarificar e

afastar falsas interpretações acerca dos dez mandamentos e da salvação. O terceiro e quarto estados são compostos por 56 e 44 perguntas e respostas, respectivamente.

Publicado em 1927, pelo Estabelecimento Graphico Irmãos Ferraz, no Estado de São Paulo, *O Breve catecismo Symbolos da Fé da Igreja Presbyteriana*, é composto por 107 perguntas e respostas, distribuídas em 32 páginas.

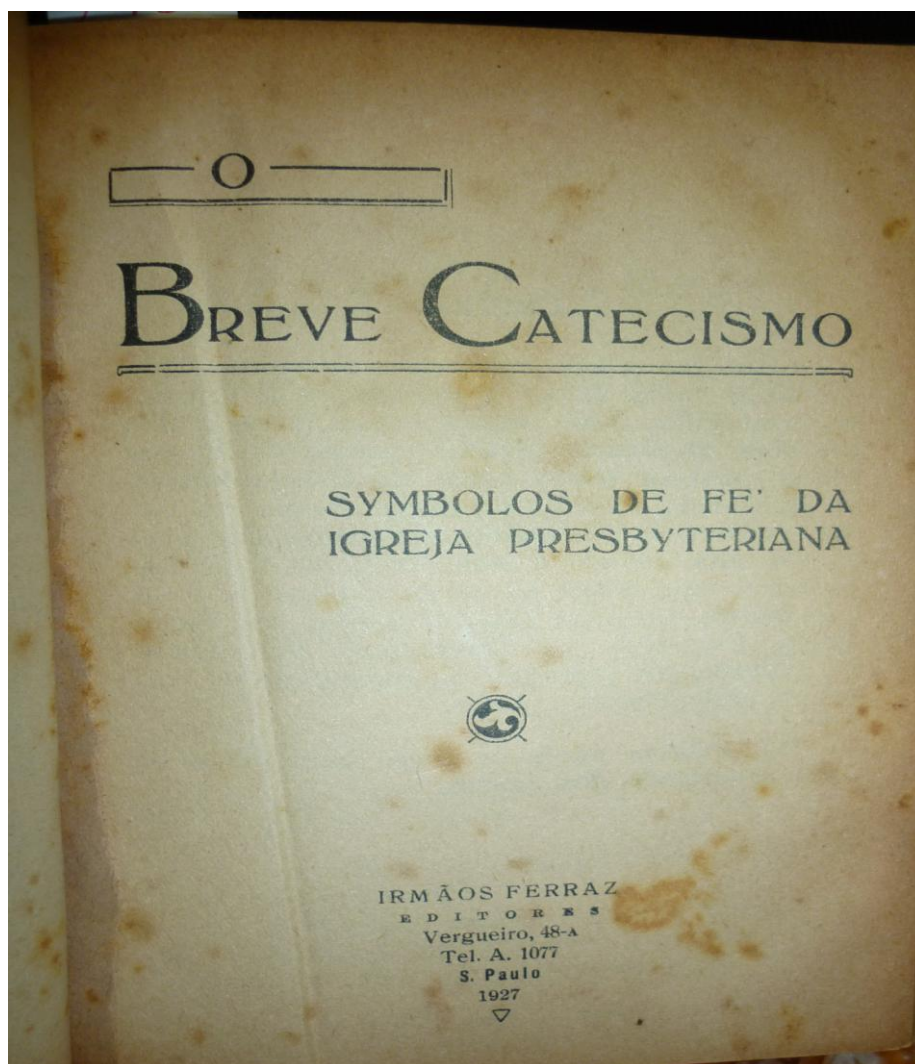


Figura 10: Capa do O Breve Catecismo (1927)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Esse impresso é dirigido aos adeptos do Presbiterianismo. A oração do Credo precede às 107 questões. Ressalto a presença de um dispositivo de controle e conformação da leitura, nesse caso, a nota de rodapé dedicada a explicar o significado de palavras que poderiam ser desconhecidas do público alvo ou, provavelmente, para levar o leitor, não apenas a recitar a oração diariamente, como também a compreender o sentido das palavras proferidas.

Pergunta 1- Qual é o fim principal do homem?

Resposta- O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.

P 2- Que regra deu Deus para nos dirigir a sua maneira de o glorificar e gozar?

R- A palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Velho e do Novo Testamento é a única regra para nos dirigir a sua maneira de o glorificar.

P 3- Qual é a coisa principal que as Escrituras nos ensinam?

R- A coisa principal que as Escrituras nos ensinam é que o homem deve crer acerca de Deus, é o dever que Deus requer do homem.

P 4- Quem é Deus?

R- Deus é o espírito, infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça e verdade (S/A, 1927, p. 03).

O trecho extraído do catecismo analisado reflete os saberes e práticas educacionais e religiosas que foram veiculados na *Coleção Folhetos Evangélicos*. Esses saberes, embutidos nos impressos, estão intimamente ligados às experiências práticas e propiciam o conhecimento de si, do que somos, como somos, o que fazemos, porque fazemos. Nessa publicação é possível apreender a circularidade saberes e práticas que norteiam o sentir, fazer, pensar das pessoas e grupos sociais. A adoração ao Senhor, a leitura da Palavra Sagrada, a obediência aos mandamentos, são saberes que permeiam a construção do sujeito protestante e que são praticados formas de sentir, pensar, e fazer num determinado contexto social.

Analisando os títulos e seus respectivos conteúdos, a *Coleção Folhetos Evangélicos*, traz três catecismos intitulados *Breve Catecismo* (1892), *O Breve Catecismo* (1927) e *Breve Catecismo de Doutrina Cristã* (S/D) e, o *Catecismo de Doutrina Cristã* (1907) que, apesar de possuir título diferente, contém a doutrina presbiteriana do Breve Catecismo.

Em termos de comparação, foram encontradas pequenas diferenças quanto à organização e quantidade das perguntas, apresentação do Credo e ano de publicação e autoria. Apesar da diferença em relação ao período de publicação, encontramos as mesmas perguntas e a mesma grafia, com exceção do título. De acordo com Nascimento (2006, p. 2), “o sucesso do *Catecismo Breve* de Lutero, de 1529, deveu-se em parte, à possibilidade de acesso direto a ele por parte dos leitores leigos, sendo considerado a Bíblia do homem comum”.

O catecismo mais antigo – *Breve Catecismo* (1892) – contém questões, 28 páginas, apresenta observações do autor, prioriza a divisão temática e não segue a ordem numérica das perguntas. O catecismo de publicação mais recente – *O Breve Catecismo* (1927) –, que não dispõe de informações acerca da autoria, segue uma ordem numérica sequencial na apresentação das questões, expondo, a cada resposta a referência bíblica, ao longo de 32

páginas. Já no *Breve Catechismo de Doutrina Cristã* (S/D), as perguntas foram destacadas com a fonte em itálico ao longo de 27 páginas. Enquanto as três publicações possuem 107 questões, O *Catecismo de Doutrina Cristã* (1907) apesar de possuir a mesma doutrina, distribuída em 148 questões.

As 107 perguntas e respostas, idênticas aos títulos acima mencionados, estão dispostas ao longo das 27 páginas que compõem o *Breve Catecismo de Doutrina Cristã* (S/D), escrito por Miguel Flexa e publicado pela Livraria Evangélica, situada na Rua da Esperança, cidade de São Paulo.

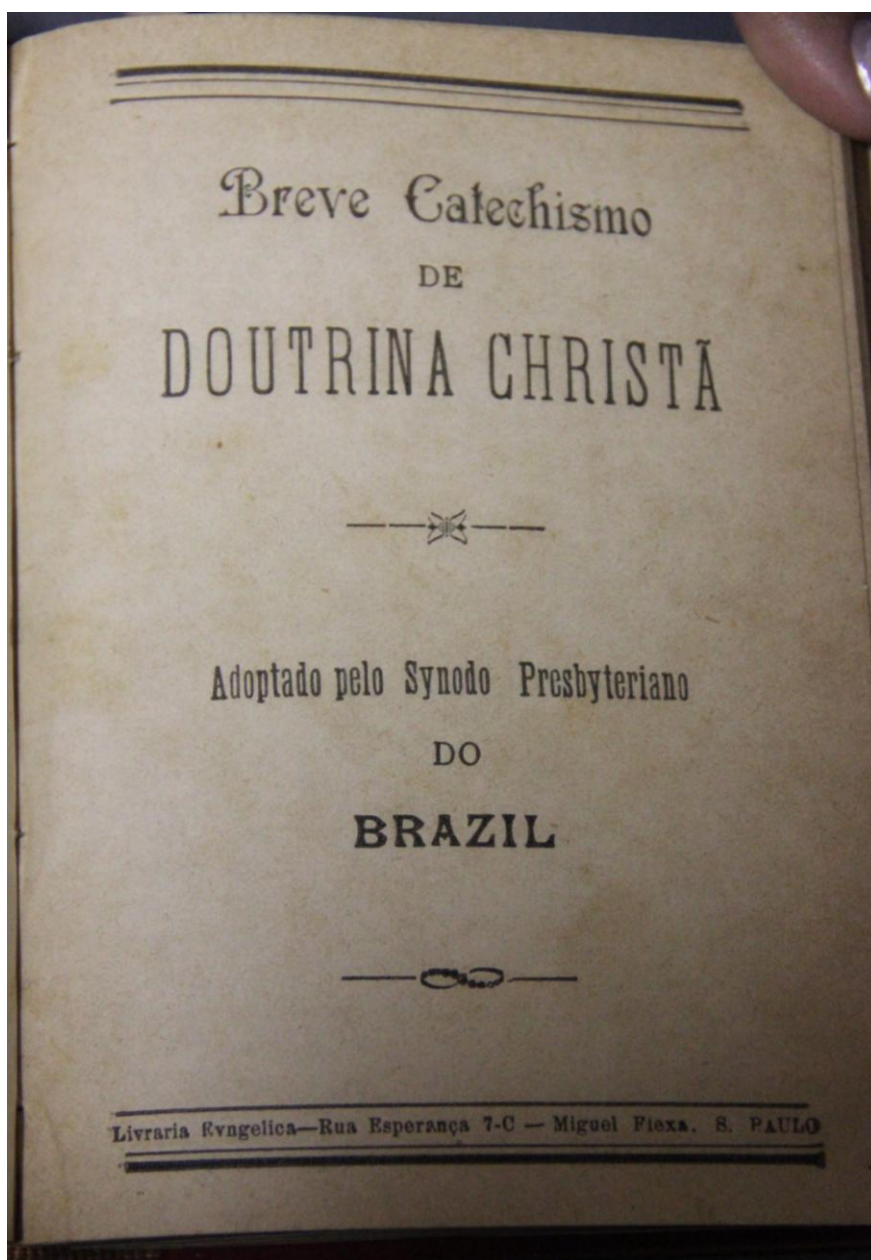


Figura 11 – Capa do Breve Catechismo de Doutrina Christã (S/D)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Além da vinheta na capa, as letras estilizadas e fontes diversificadas ganham destaque na apresentação do catecismo que, na composição das perguntas e respostas dispõe de alguns dispositivos que o diferenciam dos demais. As perguntas não seguem a ordem numérica sequencial, foram destacadas com a fonte em itálico. Todas as páginas seguem com uma vinheta apresentando o título da obra em caixa alta, na parte superior, centralizado. No tocante ao conteúdo, os mandamentos são explorados em 40 questões, além de destas, no final do catecismo os dez mandamentos seguem listados, acompanhado de um resumo escrito em quatro linhas, com referência bíblica.

P. Que revelou Deus primeiramente ao homem para a regra da sua obediência?

R. A regra que Deus revelou primeiramente ao homem para sua obediência foi a lei moral.

P. Onde está a lei moral resumidamente compreendida?

R. A lei moral esta resumidamente compreendida nos dez mandamentos.

P. Em que se resumem os dez mandamentos?

R. Os dez mandamentos resumem-se em amar ao Senhor nosso Deus de todo o coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento; e ao próximo como a nós mesmos (FLEXA, S/D, p. 10).

As perguntas são breves, objetivas e, em sua maioria, são repetidas de modo afirmativo para completar a resposta. Outro tema destacado no referido título é sobre oração, são dedicadas 11 perguntas e respostas que reafirmam a importância da oração na vida do cristão, além destas, o subtítulo ‘oração dominical’ segue com a oração do Pai Nosso. A leitura propicia a aquisição de saberes que devem ser praticados.

P. Como se torna a palavra eficaz para a nossa salvação?

R. O Espírito de Deus torna a leitura e especialmente a pregação da palavra, meios eficazes para convencer e converter pecadores, para os edificar em sua santidade e conforto, por meio da fé para a salvação.

P. Como se deve ler e ouvir a Palavra afim de que ela se torne eficaz para a salvação?

R. Para que a palavra se torne eficaz para a salvação devemos entender a ela com diligência, preparação e oração; recebê-la com fé e amor, guardá-la em nossos corações e praticá-las em nossas vidas (FLEXA, S/D, p. 10).

A obra é finalizada com a apresentação do credo, com duas notas de rodapé dedicadas à explicação do significado de duas palavras: ‘hades’ que, segundo o autor do título, a palavra é de origem grega e é usada para indicar o lugar dos mortos; e ‘catolica’ segundo consta no

texto, não se refere à Romana, quer dizer universal, a igreja composta de todos os verdadeiros cristãos em todo lugar.

O *Catecismo de Doutrina Cristan*, publicado em São Paulo, em 1907, não apresenta informações acerca de sua autoria.

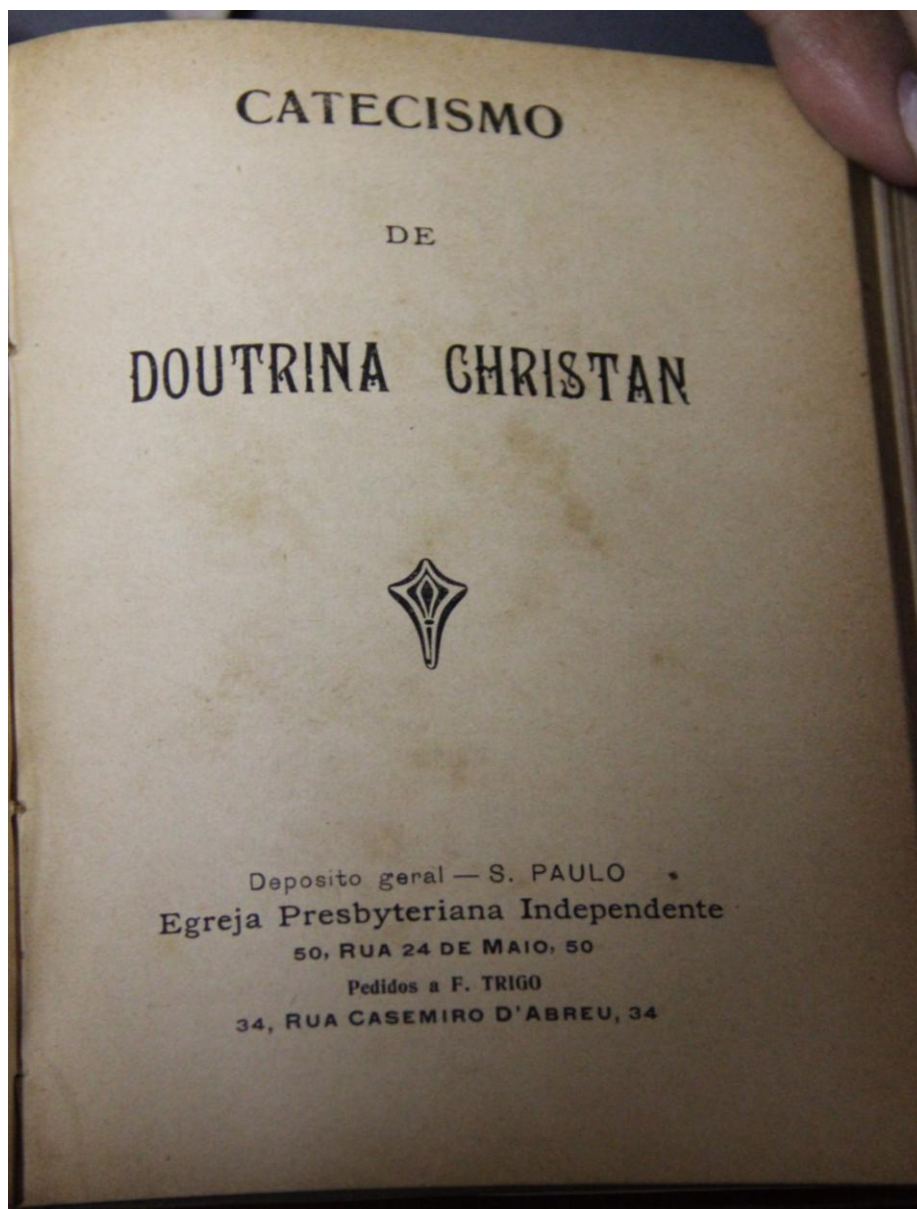


Figura 12 – Capa do Catecismo de Doutrina Cristan (1907)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Composto por 31 páginas, o *Catecismo de Doutrina Cristan* (1907) está dividido em duas partes, sendo que a primeira apresenta 148 questões, destas 25 são dedicadas aos

mandamentos, que são explicados um a um, 13 à apresentação da oração dominical (Pai Nosso). Ao longo das questões, a oração é desmembrada, frase por frase, visando a um maior entendimento e interpretação do texto. Os catecismos de doutrina cristã eram caracterizados por conter rudimentos gerais da doutrina protestante e, geralmente, eram projetados para uso da 1ª, 2ª e 3ª classes da escola dominical que compreende a faixa etária entre cinco e nove anos de idade. Deus e a criação do mundo, a trindade, pecado, salvação, bem como personagens bíblicos a exemplo de Adão e Eva são temas que figuram ao longo das primeiras 19 páginas.

89. P. Que dia da semana é o descanso dos cristãos?

R. É o primeiro dia da semana, chamado domingo.

90. P. Porque é chamado domingo?

R. Porque significa dia do Senhor, e neste dia Cristo Nosso Senhor ressuscitou os mortos.

91. P. Como deve ser santificado o domingo?

R. Fazendo oração à Deus, dando-lhe louvores, ouvindo e lendo sua palavra e fazendo o bem aos nossos semelhantes (S/A, 1907, p. 12-13).

A prática da oração, enfatizada nas entrelinhas das perguntas e respostas que compõem o referido catecismo, também é destacada na segunda parte dessa publicação, na qual são apresentadas orações para diferentes situações no culto doméstico.

ORAÇÕES para serem usadas em família

Culto doméstico

Reunida a família, o pai ou a mãe, uma das pessoas para isto habilitada é designada para ler um capítulo da Bíblia, depois dirá as seguintes orações de joelhos ou em pé (S/A, 1907, p. 20-21).

A obra é finalizada com a exposição de orações, o trecho acima reproduz a ênfase da palavra oração, em letra maiúscula e em negrito, e nas palavras em itálico ‘culto doméstico’. O próprio texto sugere como a oração deve acontecer nas reuniões familiares, sempre com a leitura da Bíblia. Em itálico, o título que separa uma oração da outra sugere a situação para na qual deve ser utilizada: *Pai Nosso; Orações para a Manhã: Ação de Graças pela misericórdia e providencia de Deus, especialmente durante a noite finda; Dedicção das nossas almas e corpos ao serviço de Deus, com resolução de crescer diariamente em bondade; Oração para suplicar a Deus a graça de guiar-nos e proteger-nos no decurso do dia e sua benção sobre os nossos negócios; Oração para a Noite: Confissão dos pecados, com súplica para a contradição e perdão; Oração para suplicar a graça de reforma e*

crescimento; Intercessão; Ações de Graças; Oração para pedir proteção durante a noite. Na sequência o Credo e a oração de uma criança ao deitar e, por fim, um lembrete: “salvo qualquer inconveniente, o culto deve começar sempre pela leitura de um capítulo ou parte da Escritura Sagrada, a qual se pode acrescentar um hino” (S/A, 1907, p. 31).

A formação religiosa deveria começar o mais cedo possível, por isso foi produzido o *Catechismo Bíblico para as Classes Infantis – Leite para Crianças* – de autoria de Samuel B. Schieffelin, produzido pela Typographia de J. de A. Almeida & C , em 1895, no Maranhão.

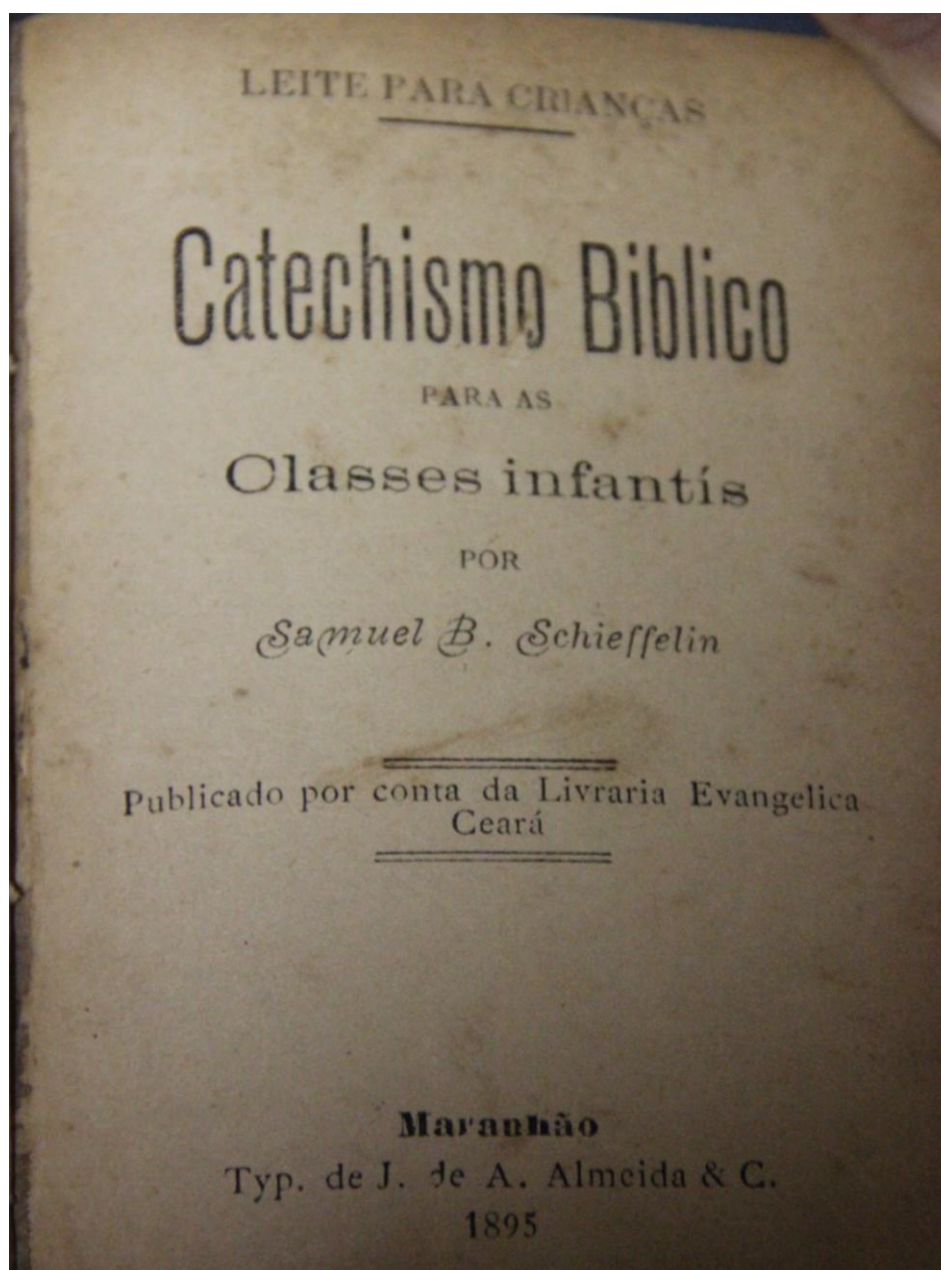


Figura 13 – Capa do Catechismo Bíblico para Classes Infantis (1895)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Além de demonstrar a circulação de impressos no Maranhão oitocentista, essa publicação permite inferir uma parceria entre protestantes do Maranhão e do Ceará, conforme consta na capa do catecismo. A comparação do catecismo com o leite materno, trazida no título, sugere a necessidade de conhecer a Palavra Sagrada, desde a tenra idade. Ao longo de 75 páginas e 537 questões, são explorados 49 temas com perguntas e respostas breves, seguidas da referência bíblica que pressupõe o aprofundamento do estudo da temática. Apesar de ser um impresso projetado para o público infantil, esse catecismo não possui nenhuma ilustração. As perguntas, precedidas de um índice apresentando os temas e suas respectivas páginas, estão dispostas em fonte menor, comparado às respostas e versam acerca de Deus e criação do homem e do mundo, da Bíblia, Fé, Salvação, Pecado, entre outros.

Além do destaque dos mandamentos, desmembrados em 52 perguntas e respostas, do subtítulo acerca de Jesus Cristo, com 56 questões, as histórias de personagens bíblicos como Caim e Abel, Adão e Eva, Salomão, Josué, João, Moisés, Samuel, Jesus, entre outros ganharam visibilidade nos 162 quesitos apresentados. A importância da oração é apresentada aos pequenos leitores no questionário e a sua prática é, novamente, incentivada nas últimas páginas do catecismo, pois são apresentados os mandamentos, o resumo dos mandamentos, o credo, a oração dominical, e a oração da noite:

Oração da Noite

Agora me deito para dormir,

Guarda-me, ó Deus, em teu amor:

E se eu morrer sem acordar

Recebe minha alma, ó Senhor (S/A, 1895, p. 75).

A apresentação de orações no catecismo o caracteriza como ferramenta de meditação da Palavra Sagrada, instrumento de estudo, de composição de um ser que se faz religioso no momento em que se debruça sob a leitura. É relevante destacar que a própria composição do texto, com frases curtas e palavras de fácil entendimento, favorece a memorização por parte das crianças e, sobretudo, incentiva a prática diária da oração desde a infância.

Voltados para a formação sólida dos adeptos ao Protestantismo, os catecismos foram projetados para facilitar a memorização e o aprendizado dos princípios religiosos e, muitos deles, elaborados de acordo com a faixa etária do público alvo. A formação religiosa deveria começar o mais cedo possível, para atrair a atenção e despertar o interesse das crianças foram produzidos catecismos com textos breves e ilustrações, é o caso da *Cartilha com Estampas*

(S/A, S/D), produzido pela Sociedade de Tractados Americana, situada à Rua de Nassau, nº 150, em Nova York, além de trazer perguntas e respostas, apresenta o alfabeto completo acompanhado de ilustrações, estas associadas à objetos ou personagens bíblicos.

A *Cartilha com Estampas* foi projetada para um público iniciante, tanto na cultura letrada como no conhecimento dos princípios religiosos. A presença de 52 ilustrações ao longo da obra, fazendo referência às letras, palavras e textos apresentados, bem como o vocabulário simples e claro reflete a preocupação em facilitar a assimilação do conteúdo ensinado.

As imagens são instrumentos relevantes para a circularidade de saberes e práticas educacionais e religiosas. Segundo Ginzburg (1989, p. 121), era através das imagens que se travava a relação circular entre práticas diferenciadas, “havia a consciência, cada vez mais nítida, da função decisiva das imagens, numa propaganda voltada às massas compostas predominantemente de iletrados. [...]”. Nesse sentido, a presença de ilustrações na *Cartilha com Estampas* (S/D) está associada não somente ao despertar da atenção e interesse das crianças, como também, a possibilidade de acesso a pessoas que não sabiam ler.

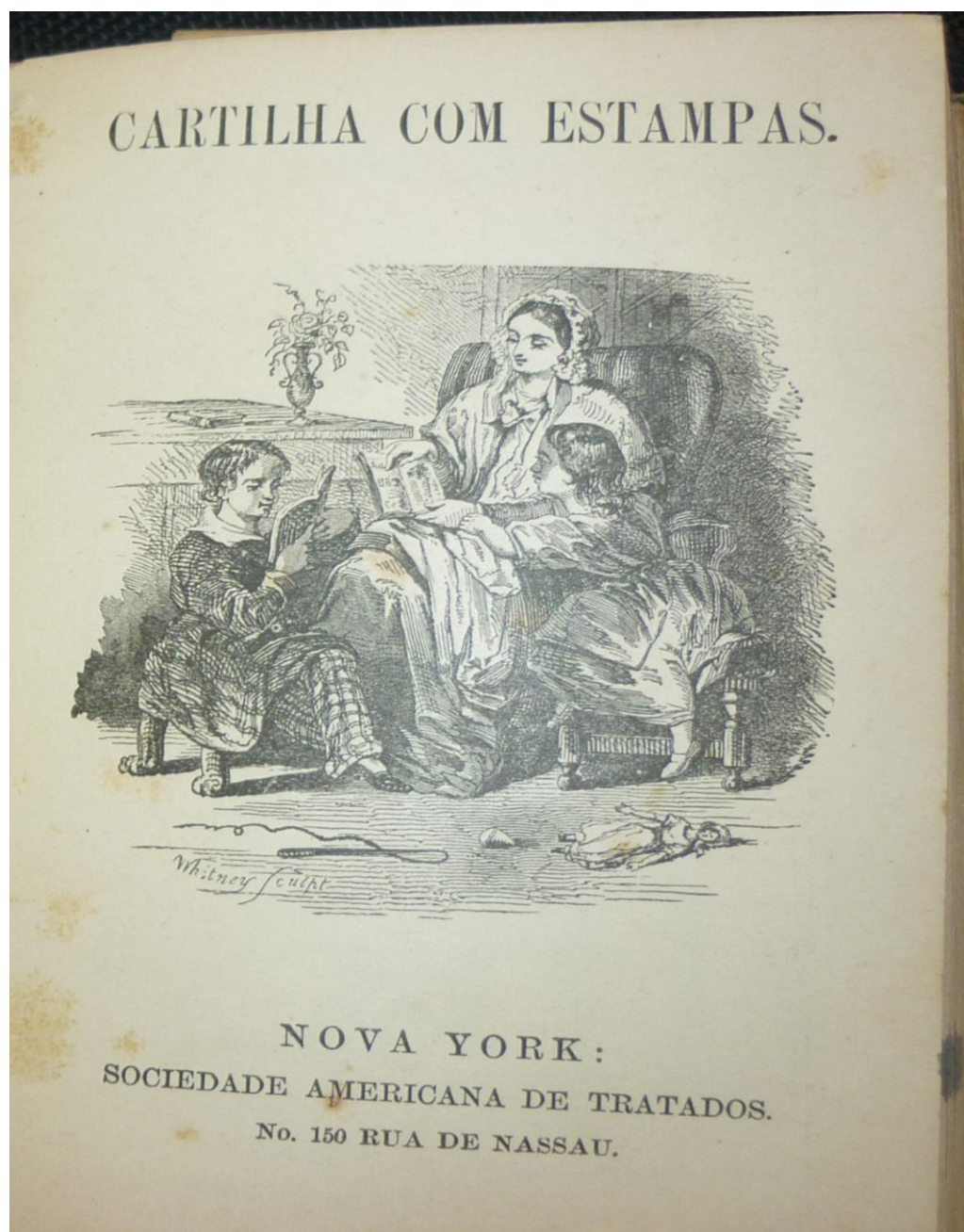


Figura 14 – Cartilha com estampas (contracapa)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Abreu (2003, p. 270), ao discorrer sobre os impressos religiosos, afirma que através da narração de vidas de personagens bíblicos é possível “[...] conhecer a trajetória de homens e mulheres que cumprem os mandamentos, que temem a Deus. É a partir da imitação do comportamento dessas pessoas que se pode atingir o ideal cristão”. Na *Cartilha com Estampas*, a preocupação pela instrução perpassa toda a obra. Além do alfabeto ilustrado, diferenciando letras maiúsculas e minúsculas, vogais e consoantes, a referida cartilha é

composta de orações, mandamentos, pequenos textos bíblicos e exercícios voltados à interpretação de princípios religiosos protestantes. Os indícios encontrados nas 84 páginas que compõem a *Cartilha com Estampas* permitem o gradual delineamento de parâmetros elencados para a instrução religiosa. As ilustrações e frases curtas que acompanham todas as letras do alfabeto, diferenciando vogais e consoantes, maiúsculas e minúsculas sugerem, inicialmente, o ensino da leitura de forma gradual.

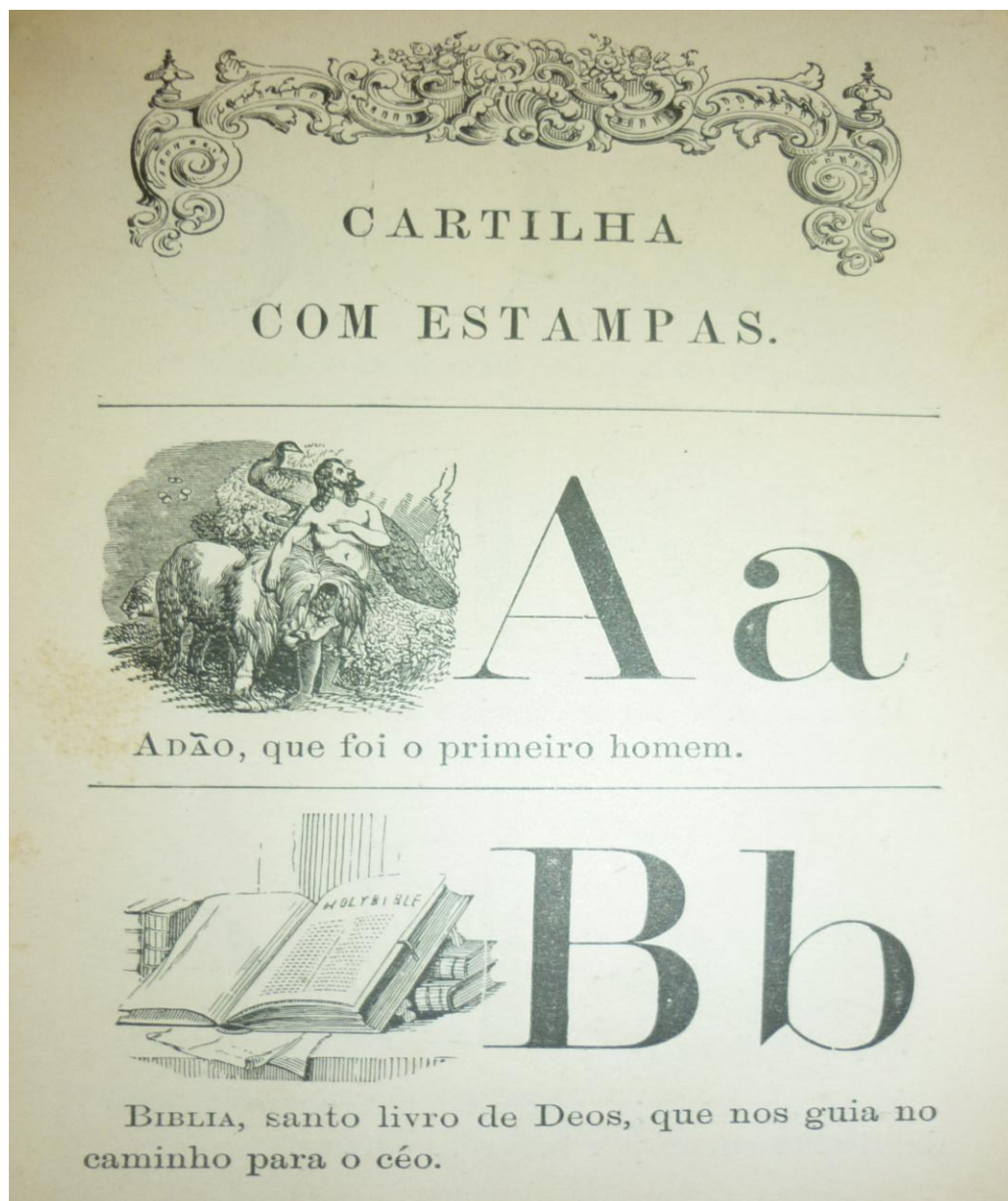


Figura 15- Cartilha Com Estampas (p.1)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

As ilustrações e frases curtas que acompanham todas as letras do alfabeto, diferenciado vogais e consoantes, maiúsculas e minúsculas sugerem, inicialmente, o ensino da leitura de forma gradual. Para Vasconcelos (2010, p. 105), este gênero de textos também “era dirigido aos pais, que os leriam em voz alta, mas seguido em silêncio com os olhos da criança que escuta. O catecismo, assim, seria um suporte da memória”. A autora afirma que o uso do catecismo indica o predomínio de uma “estratégia na qual a oralidade predomina sobre a leitura. As edições destinadas às crianças, com suas gravuras inclusive, pretendiam que a memorização precedesse à explicação” (VASCONCELOS, 2010, p. 105).

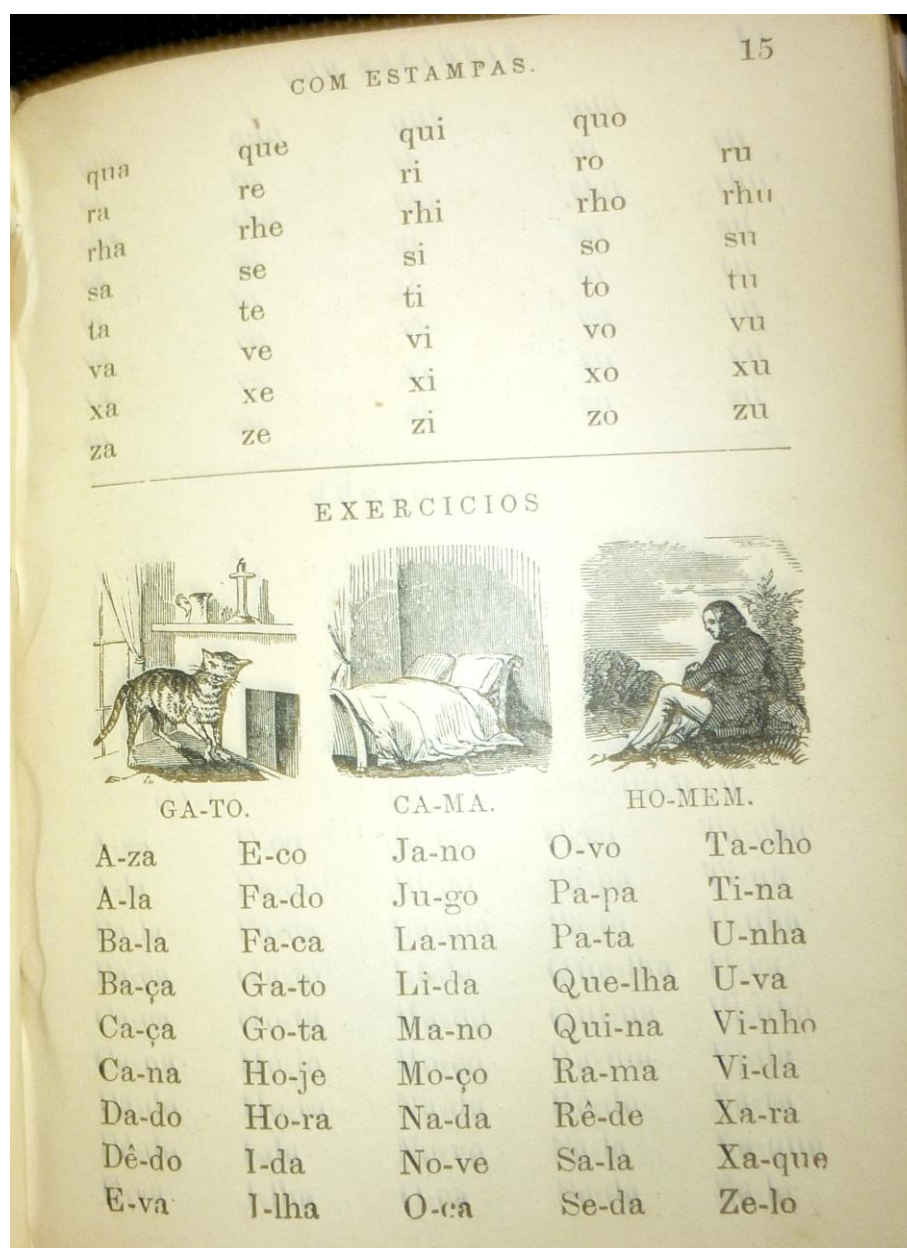


Figura 16- Cartilha Com Estampas (p. 15)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Seguindo o traçado do ensino da leitura, são apresentadas sílabas simples, seguidas de exercícios voltados à soletração de palavras com duas sílabas, apresentadas junto à ilustração, para facilitar a assimilação. O desafio seguinte é o aprendizado das sílabas complexas, apresentadas separadamente e, em seguida, com exercícios para soletração de palavras maiores, com mais de duas sílabas. O sujeito se constrói protestante por meio da leitura e esse motivo provavelmente justifique a ênfase dada ao ensino da leitura.

No que concerne ao conteúdo da *Cartilha com estampas*, além do conhecimento das primeiras letras, figuram os sinais de pontuação, os numerais, a tabuada de multiplicação, os meses do ano e os dias da semana; sucedidos dos dez mandamentos, orações, hinos e salmos.

29

COM ESTAMPAS.

TABOADA.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24
3	6	9	12	15	18	21	24	27	30	33	36
4	8	12	16	20	24	28	32	36	40	44	48
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60
6	12	18	24	30	36	42	48	54	60	66	72
7	14	21	28	35	42	49	56	63	70	77	84
8	16	24	32	40	48	56	64	72	80	88	96
9	18	27	36	45	54	63	72	81	90	99	108
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	110	120
11	22	33	44	55	66	77	88	99	110	121	132
12	24	36	48	60	72	84	96	108	120	132	144

ANNO.

O anno compõe-se de doze mezes :

No.	Nome.	Dias.
1	Ja-nei-ro	31
2	Fe-ve-rei-ro	28
3	Mar-ço	31
4	A-bril	30
5	Mai-o	31
6	Ju-nho	30
7	Ju-lho	31

Figura 17- Cartilha Com Estampas

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Esta tabela foi criada por Pitágoras, filósofo e matemático grego, do século VI a.C. Na composição da tabela é possível realizar operações de multiplicação. Na primeira coluna encontram-se os resultados da tabuada do número um (1), na segunda coluna os resultados da multiplicação do número dois (2). Desse modo, o multiplicando encontra-se na primeira linha e o multiplicador na primeira coluna, o resultado está no encontro da linha com a coluna²³.

A cartilha analisada não está organizada apenas com perguntas e respostas, mas concentra a atenção, sistematicamente, nos ensinamentos da Palavra Sagrada em conformidade com o nível etário de um público infantil. A aprendizagem dos valores cristãos é facilmente identificada ao longo da cartilha, não somente na apresentação de orações e mandamentos, mas também, nos textos apresentados.

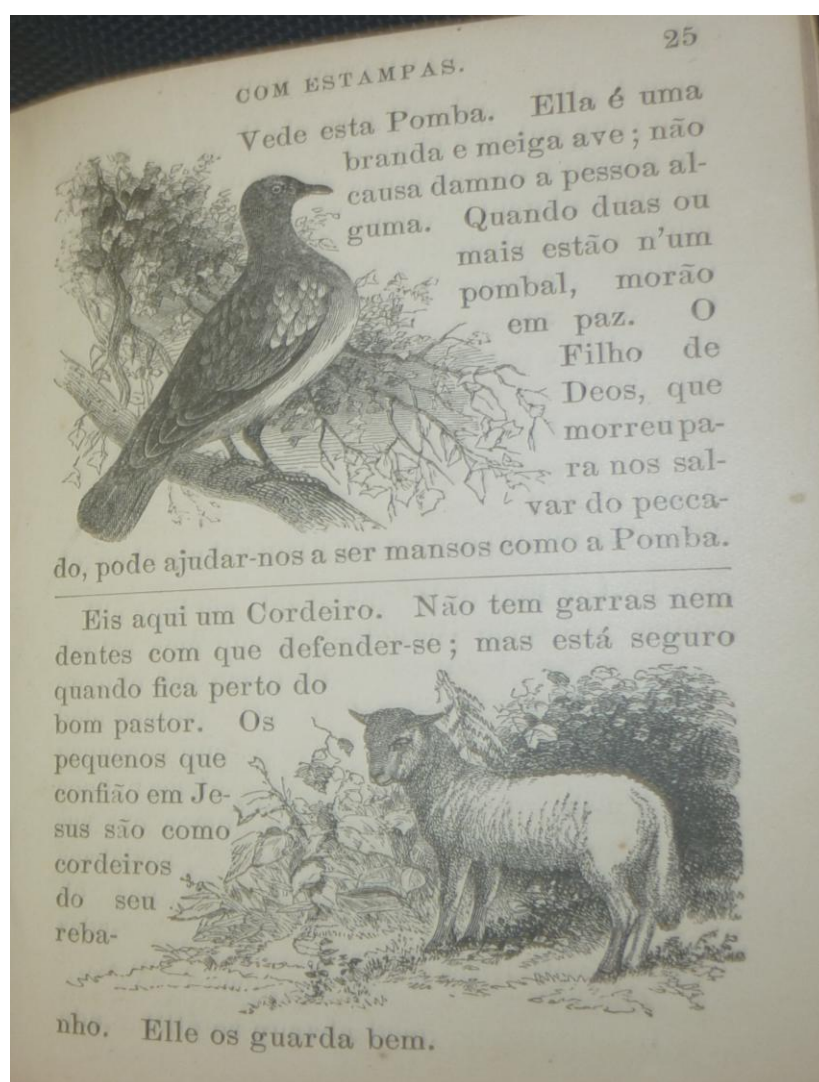


Figura 18- Cartilha Com Estampas (p.25)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

²³ Para se multiplicar seis por cinco (6x5), por exemplo, localiza-se o multiplicando (6) na primeira linha e o multiplicador (5) na primeira coluna. O resultado, nesse caso 30, está no encontro da linha com a coluna.

Além da composição, com frases curtas e palavras de fácil entendimento, a própria organização dos textos e a leitura da primeira frase apresenta a ilustração de uma pomba e um cordeiro, exibidos ao lado dos textos, despertam a atenção e facilita a assimilação. As pistas de um ensino gradual visando à instrução religiosa são perceptíveis à medida que os animais inofensivos são apresentados e, posteriormente, comparados ao pequeno aprendiz, ambos protegidos pelo “Senhor quando seguem Seu caminho e Nele confiam” (S/A, S/D).

Apesar de não saber o ano de publicação da *Cartilha com Estampas* (S/D), é possível lançar comparativos com o *Catecismo Bíblico*, levando-se em consideração que das 10 publicações que figuram na *Coleção Folhetos Evangélicos* essas duas foram projetadas para o público infantil. A organização do texto, priorizando os mandamentos e as histórias de personagens bíblicos como Caim e Abel, Adão e Eva, Salomão, Josué, João, Moisés, Samuel, Jesus, entre outros, aproxima os dois catecismos. A ênfase na prática diária da oração está posta nos dois títulos, de maneiras distintas. Na *Cartilha com Estampas* (S/D), as orações são apresentadas junto a outros pequenos textos, acompanhados de ilustrações, que associam animais inofensivos, que precisam de proteção com as crianças, que encontram proteção na Palavra do Senhor, seguindo os mandamentos e confiando Nele. No *Catecismo Bíblico*, a prática da oração é incentivada ao longo das questões dedicadas a explicar o que é oração, a necessidade de praticar diariamente, além de apresentar diferentes orações, como o Pai Nosso e o Credo, ao longo das questões elas são desmembradas e, esclarecidas frase por frase. Nos dois catecismos, a oração é associada a uma conversa com o Senhor, uma maneira de estar mais próximo Dele. O *Catecismo Bíblico* não possui ilustrações, em contrapartida, na *Cartilha com Estampas* contem 52 ilustrações. As duas publicações expressam valores morais, associando o conhecimento da Palavra Sagrada com a prática dos mandamentos, da oração, de modo que “não bastava ler a Bíblia; era preciso observar, praticar e experimentar o que nela estava escrito” (BERTINATTI, 2011, p. 69).

A ênfase na experiência, na prática dos ensinamentos, reflete o embasamento, no que tange à concepção de ensino, nos cânones da Pedagogia Moderna. Discorrendo acerca dos métodos de ensino da Escola Dominical Presbiteriana, Bertinatti (2011, p. 70) afirma que a importância dada a experiência coaduna-se, “a utilização do método de ensino intuitivo, [...] ponto crucial para a Escola Dominical Presbiteriana solidificar e atrair novos fiéis para a nova religião implantada no Brasil”. Para a autora, a vivências de novas práticas, desencadeava também “novas ideias e conhecimentos, que deveriam estar relacionados a angariar, neste

contexto, adeptos ao Protestantismo”. Com base nessa concepção, recursos como a ilustração eram empregados para atrair o público alvo.

O Protestantismo é dividido em várias denominações, grande parte dos ensinamentos teológicos é comum às denominações como a Trindade, crença de a Bíblia ser isenta de erros e prática, a salvação através da graça, o sacrifício do Jesus Cristo na Sua ressurreição, entre outros. Todavia, algumas diferenças distinguem determinadas denominações, é o caso dos Adventistas, conhecidos pela observância do sábado, dia de oração e descanso. A solidificação dos grupos protestantes sempre esteve atrelada ao conhecimento da Palavra Sagrada, que embasa os comportamentos dos fiéis. Nesse sentido, o *Catecismo Anti-sabbatico* foi produzido para instruir os cristãos contra a guarda do sábado.

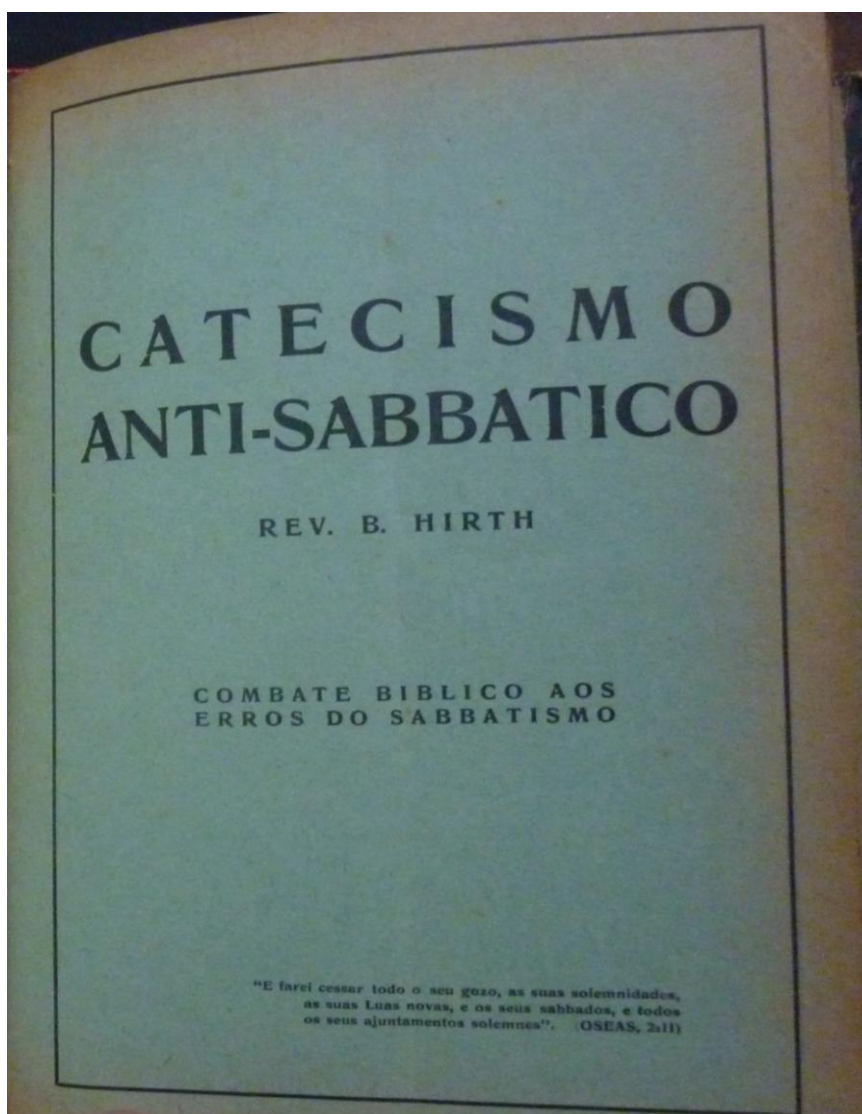


Figura 19- Catecismo Anti-Sabbatico (1927)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

O *Catecismo Anti-sabbatico* (1927) foi publicado em São Paulo, pelo Estabelecimento Graphico “Cruzeiro do Sul” e escrito pelo Rev. Bnedicto Hirth. Como a própria capa anuncia, esse título condensa interpretações bíblicas que apontam o sabbatismo como uma prática errada perante a Bíblia e sugere o domingo como o dia do Senhor. As perguntas e respostas são precedidas de um prefácio, escrito pelo autor da obra, com fonte em itálico, ocupa uma página, dedicado a apresentação da obra e seu objetivo:

Cooperar com a causa da evangelização no combate ao sabbatismo que tenta destruir traiçoeiramente as igrejas evangélicas [...] com o fim de prevenir e auxiliar aos queridos irmãos foi que tomamos a resolução de publicar o presente *Catecismo Anti-sabbatico*, numa linguagem simples e clara, ao alcance de todas as inteligências dando-nos por felizes se si, com as bênçãos dos céus, atingirmos o alvo desejado [...]
São Paulo, maio de 1927 (HIRTH, 1927, p. 1).

No impresso Hirth (1927) sugere a leitura do livro *Sabbatismo à Luz da Palavra de Deus*, como uma das melhores obras contra o sabbatismo, baseado exclusivamente na Bíblia. Ao longo de 39 páginas estão expostas 188 questões, as respostas seguem com referências bíblicas para estudos mais aprofundados.

A obra, dedicada a criticar a guarda do sábado, está dividida em seis partes, cada uma em média com 30 a 35 questões acerca do sabbatismo, pontos doutrinários e seu significado. Nos intervalos, entre uma parte e outra, o conteúdo é recapitulado numa espécie de resumo, intitulado Observações ao Leitor. O dia de sábado é comparado ao domingo: o significado da palavra sábado “quer dizer descanso” e domingo “dia do Senhor”. Assim, o embasamento teológico imprime práticas no cotidiano dos fiéis, de modo que devem ser assíduos a sua igreja, o domingo é tempo sagrado, exclusivamente reservado às práticas religiosas.

Composto por 238 perguntas e respostas, distribuídas em 39 páginas, o *Catecismo da Nova Jerusalém ou Nova Igreja Cristã* foi publicado no Rio de Janeiro, em 1902. Na capa do impresso, a marca de um carimbo, provavelmente, informa o endereço da sede da Nova Igreja Cristã, localizada na Rua Maria José, nº 10.

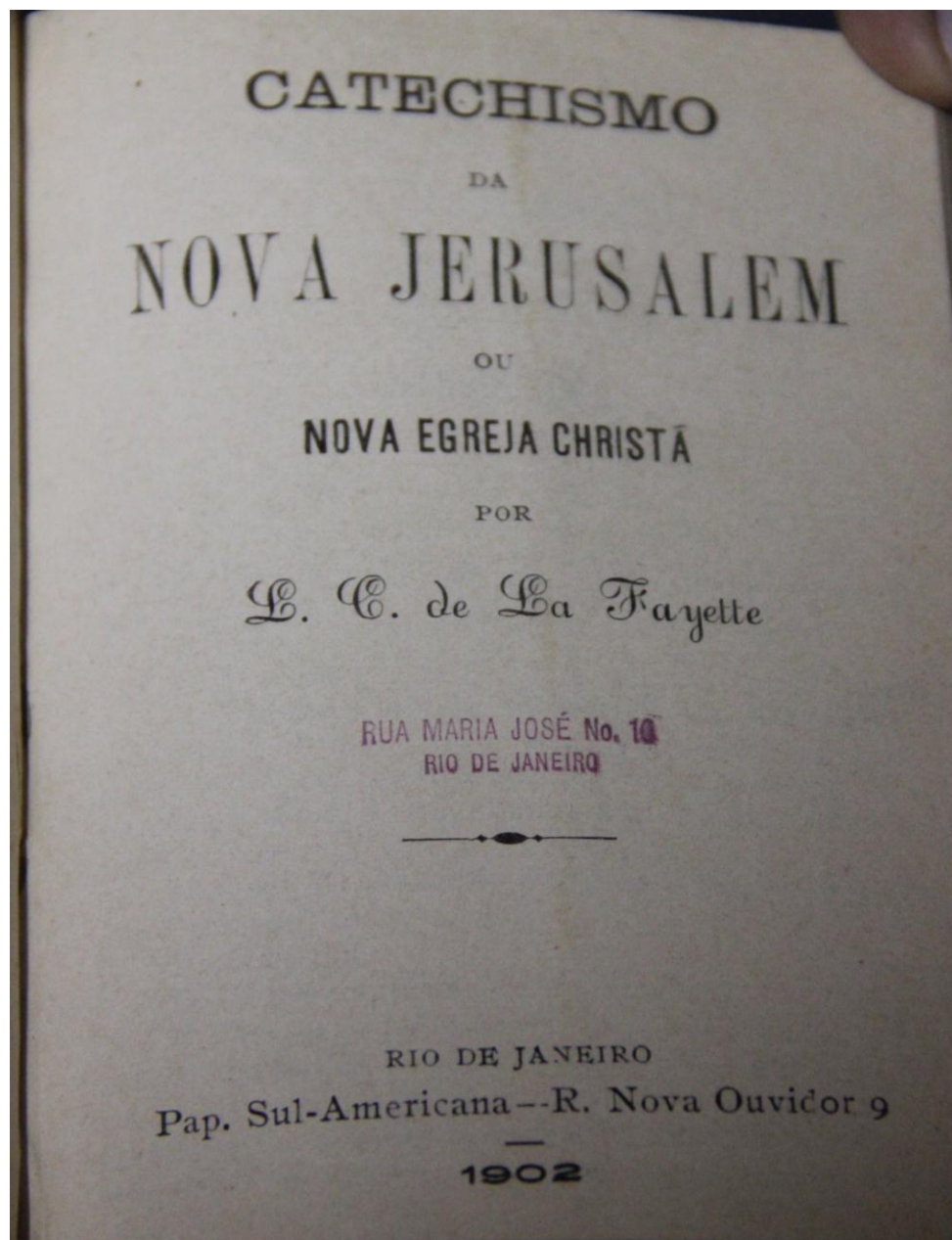


Figura 20- Catechismo da Nova Jerusalem ou Nova Igreja Cristão (1902)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

As questões não seguem ordem numérica, são anunciadas apenas pelas iniciais P e R que antecedem a pergunta e a resposta, respectivamente. O referido título está dividido em três partes, acrescido de uma introdução que segue o formato pergunta e resposta. A organização da introdução em 29 questões, dispostas em 10 páginas, sugere um diálogo inicial acerca da regeneração do homem por meio de uma reforma espiritual. Segundo Lafayette (1902, p. 06), “[...] a regeneração vem da oração. O homem ora só a Jesus, porque o mais é idolatria. Todas as ciências e religiões nada são sem o conhecimento de Deus”. Como a própria citação

extraída do catecismo sugere, a crença na salvação do homem pela graça divina é recebida individualmente pela fé, entre Deus compassivo e o homem crente, nem santos, nem anjos, nem Maria, nem padre, nem papa: somente Jesus Cristo mediador, redentor, sumo sacerdote.

Autor do catecismo apresentado, Levindo Castro de La Fayette foi professor de português, organizador de dicionários da língua portuguesa, cônsul e dirigente da Associação Geral da Nova Jerusalem no Brasil. A recorrência do termo ‘nova’ no título da referida obra anuncia a revelação que “foi prevista por João, no livro do Apocalipse, pela visão da abertura do livro selado com sete selos que somente podia ser feita pelo Cordeiro” (LA FAYETTE, 1902, p. 4), o Senhor Jesus Cristo. A abertura ou revelação da Palavra constitui a Segunda Vinda do Senhor ao mundo, vindo Ele, agora, como o Espírito da Verdade. A essência da Nova Igreja é reconhecer o Senhor como Deus do céu e da terra, bem como a comunhão com Ele pela “observância dos Mandamentos da Palavra” (LA FAYETTE, 1902, p. 04). O catecismo segue com uma divisão em três partes, acrescida de uma introdução, também apresentada em forma de perguntas e respostas.

PARTE I

P. Quem vos deu a vida?

R. Nosso Pai do Céu.

P. Que fez Ele mais?

R. Fez o céu e a terra, tudo que vive, todas as coisas.

P. Porque Deus vos fez?

R. Para eu fazer o bem enquanto viver neste mundo e ir para o céu quando morrer.

P. Que é o céu?

R. É o mundo superior onde Deus habita. É a morada dos seres que vivem no amor e são felizes perto do seu Pai Celestial (LA FAYETTE, 1902, p. 11).

A primeira parte, composta por 28 questionamentos e suas respectivas respostas, versa sobre Deus e a criação do homem, além da oração, os mandamentos e as verdades da Escritura Sagrada, estas listadas em numerais ordinais. O formato pergunta e resposta foi substituído pela listagem, em algarismos romanos maiúsculos, dos mandamentos que encerra a primeira divisão. A disposição das questões, com enunciados breves e respostas objetivas, pressupõe a facilitação da memorização. Os mandamentos e as verdades da Bíblia são conteúdos privilegiados, desmembrados em maior número de questões e, por fim, listados um a um com observações para sanar possíveis dúvidas ou equívocos. No caso dos mandamentos, antes de serem citados minuciosamente, são explorados em questões simples, com respostas menores, seguidas da seguinte frase que antecede a explanação: “Deus falou todas essas

palavras dizendo: I- Eu sou o Senhor teu Deus [...] Não terás outros deuses diante de mim [...] II- Não tomarás o Nome de Jeová, teu Deus, em vão, porque não considerará Jeová inocente aquele que tomar seu Nome em vão [...]” (LA FAYETTE, 1902, p. 13).

A segunda parte é composta por perguntas e respostas mais densas e longas sobre a igreja e a sua importância na vida do ser humano, os ensinamentos que nela devem ser apreendidos, as verdades da fé e os sacramentos da igreja. A terceira e última parte versa sobre Deus e a sua existência a partir de subdivisões da temática como: Fé, Salvação, Oração, Trindade e Observação quanto aos Mandamentos.

P. Basta crer no Senhor para ser salvo?

R. Não, porque o entendimento por si só não constitui o homem, é necessário que haja união entre o pensamento e a afeição. Não há crença verdadeira e capaz de modificar o homem, se tal benção não estiver unida a afeição. É por isso que não pode haver fé sem caridade. Crer em Nosso Senhor deve compreender tudo isso, porque o homem crê verdadeiramente no que ama e o que se ama se pratica [grifo meu] (LA FAYETTE, 1902, p. 18).

A citação acima reflete as marcas de uma educação para a religião que extrapola a instituição religiosa, embutida da necessidade da prática que moldaria o comportamento dos fiéis, por isso a ênfase na fé e no amor – “o que se ama se pratica”. Além da apresentação dos mandamentos na primeira parte do catecismo, a vigilância quanto ao cumprimento, exposta na segunda parte, sugere que a atividade pastoral não se restringe ao púlpito, aos sacramentos e cerimônias públicas. No próprio catecismo é exposta, de maneira clara e objetiva, que “os pastores devem assistir os fiéis na residência dos mesmos, e com assiduidade” (LA FAYETTE, 1902, p. 13). Segundo Ribeiro (1981, p. 166), a “disciplina é parte da assistência pastoral que a Igreja deve a seus membros”, estão aí incluídos também “o ensino da Palavra, frequente e sistemático; o aconselhamento e o encorajamento em dias de enfermidade ou de outros sofrimentos”.

Intitulado *Um Novo Catecismo*, traduzido pelo Rev. J. M. Kinle, editado pelo Rev. Edmund A. Tilly, produzido pela Casa Publicadora Methodista – situada à Rua da Ajuda nº 20, Rio de Janeiro – o referido título não apresenta informações acerca da autoria nem do ano de publicação. As letras estilizadas, algumas em itálico e com fontes diferenciadas, ilustram a capa do referido título. No verso da capa, com fonte em itálico, um dispositivo de conformação da leitura: “para que todos sejam como tu, ó Pai; que eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Jesus” (S/A, S/D, p. 01).



Figura 21. Um Novo Catechismo (S/D)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

A novidade anunciada no título do catecismo exposto acima corresponde à tentativa de patentear as opiniões comungadas pelos ministros das igrejas evangélicas da Inglaterra. De tal modo, a obra foi projetada e escrita por uma comissão de teólogos de várias denominações (metodistas, batistas, presbiterianos e congregacionalistas) e condensa a doutrina da religião cristã aceita pelas várias comunhões evangélicas, sinônimo de união entre as diversas confissões, conforme explicação presente no prefácio: “este pequeno trabalho demonstra claramente a existência de uma perfeita unidade espiritual entre as igrejas evangélicas” (S/A, S/D, p. 2). O clima de harmonia dá lugar aos indícios de um provável embate, como resposta

a prováveis ofensas e acusações finalizam o Prefácio informando os objetivos: “escrevemos essa obra como dois fins: confundir os inimigos do evangelho, mostrando a sem razão de sua acusação e oferecer ao público um excelente resumo da doutrina cristã” (S/A, S/D, p. 2).

As 52 questões que compõem a obra foram distribuídas em 16 páginas, a organização das perguntas segue a ordem numérica, as respostas são breves, claras e objetivas, entretanto, algumas respostas foram suprimidas, provavelmente, para uniformizar o tamanho dos títulos para encadernação. Entre os temas que figuram no catecismo mencionado estão a Bíblia – fonte de alimento da alma –, Deus, salvação, pecado, oração, os dez mandamentos e a Igreja, crenças comuns as diferentes denominações.

1. Pergunta: - Que é a religião cristã?

Resposta: É a religião fundada por Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que nos trouxe o pleno conhecimento de Deus e da vida eterna.

2. P. – Que é Deus?

R. Deus é o Espírito Eterno, Criador e Sustentador de todas as coisas. Ele é amor; infinito em poder e sabedoria, perfeito em santidade, justiça, misericórdia e verdade.

3. P. – Qual é o nome dado a Deus por Jesus?

R. Nosso Pai do Céu (s/a, s/d, p. 3).

Os mandamentos são citados sequencialmente, em parágrafos longos, precedidos por uma frase, não mais uma pergunta como ocorre com os demais temas, que sugere a repetição e memorização. No que tange à Igreja, são apresentados questionamentos acerca dos sacramentos – o Batismo e a Ceia do Senhor – e dos direitos do Estado para com a igreja e vice-versa.

37. P. – Qual é o dever da Igreja para com o Estado?

R. Observar todas as leis do Estado que não forem contrárias ao ensino de Cristo; orar pelo povo e especialmente pelas autoridades; ensinar os eternos princípios da justiça à todas as classes e imbuir na nação o espírito do evangelho.

38. P. – Qual é o dever do Estado para com a Igreja?

R. Garantir a todos os ramos da Igreja, e a seus membros, a liberdade de culto, bem como a de empregar quaisquer esforços para a promoção dos interesses da religião de Cristo (s/a, s/d, p. 13).

Além dos deveres da Igreja para com o Estado e deste para com a instituição religiosa, o referido catecismo condensa explicações dos sacramentos (Batismo e Ceia do Senhor) como

meios de o homem estar ligar ligado à Igreja. Por conseguinte, os sacramentos possuem um valor pedagógico, pois eles são meios para salvação do homem pecador, longe da redenção.

O *Cathecismo da Expição* possui raízes católicas na sua escrita e produção, visto que foi publicado, em 1882, pela Tipografia do Apóstolo, sediada na Rua Nova do Ouvidor, atual Travessa do Ouvidor, área comercial nobre. Na referida tipografia, de denominação católica romana, era publicado semanalmente o jornal *O Apóstolo*, sob o comando do Monsenhor José Gonçalves Ferreira²⁴.

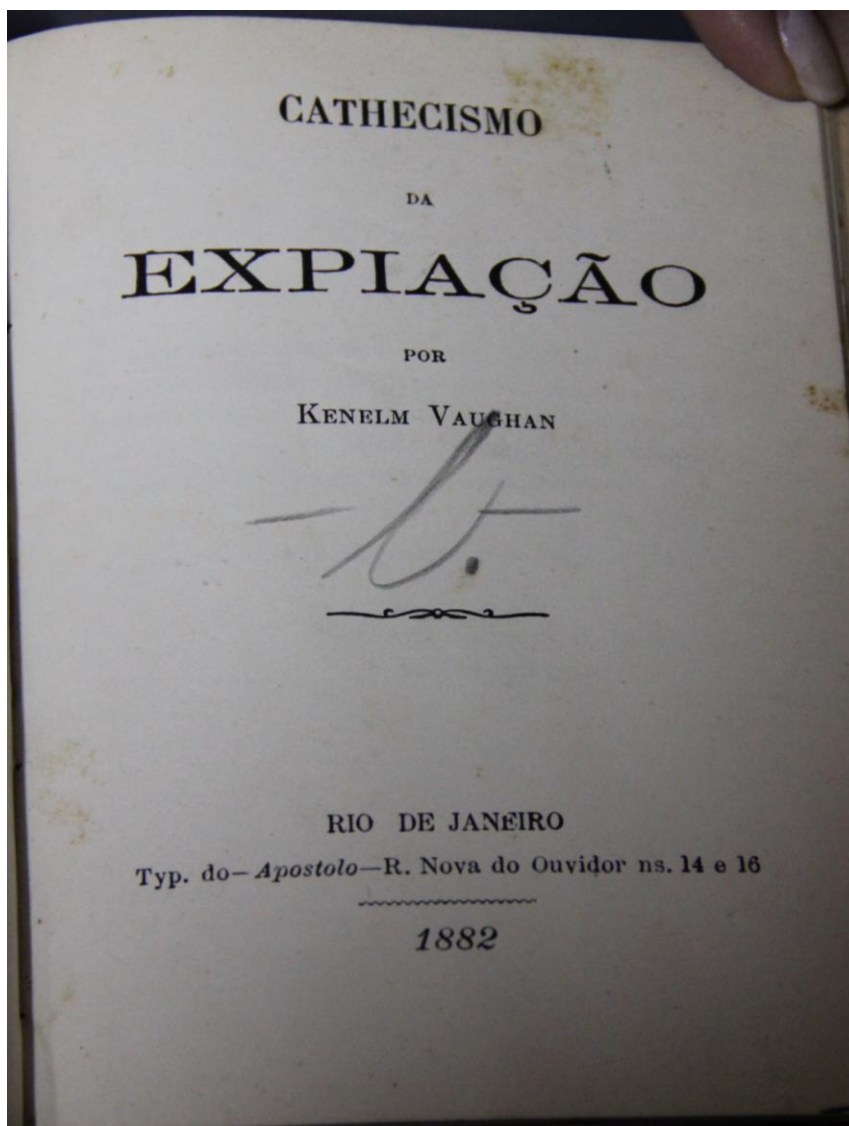


Figura 22- *Cathecismo da Expição* (1882)

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

²⁴ Nascido em 5 de agosto de 1826 e falecido no Rio de Janeiro em 19 de março de 1883. Dois anos depois de seu falecimento, *O Apóstolo* passou ao controle dos padres João Scalagero Augusto Maravalho, cearense, e José Alves Martins de Loreto, baiano.

O *Catecismo da Expição* foi escrito por Kenelm Vaughan, padre nascido em Londres, filho de John Francis Vaughan e Eliza Vaughan, esta integrante de uma família protestante, a dos Rolls, quando jovem, durante a sua permanência e educação na França, ficou comovida ao tomar conhecimento de obras realizadas pela Igreja Católica em prol dos pobres. Em 1830, após o casamento com o coronel John Francis Vaughan, Eliza, apesar da forte resistência dos seus parentes, converteu-se ao Catolicismo e, a partir de então, passou a rezar todos os dias durante uma hora diante do Santíssimo Sacramento, na Capela da residência de Courtfield, pedindo a Deus uma família numerosa e muitas vocações religiosas entre os seus filhos. Faleceu em 1853, pouco tempo depois de dar a luz ao décimo quarto filho. Dos treze filhos vivos, entre os quais oito rapazes, seis tornaram-se sacerdotes: dois em ordens religiosos, um sacerdote diocesano, um bispo, um arcebispo e um cardeal. Das cinco filhas, quatro tornaram-se religiosas.

A presença de um catecismo católico permite inferir que Vicente Themudo Lessa procurava compreender de que maneira a doutrina católica era apresentada no formato perguntas e respostas. Provavelmente, foi uma estratégia para conhecer os ideais de um adversário religioso.

A remissão dos pecados e a transformação radical do coração do pecador são eixos norteadores do *Catecismo da Expição*, projetado para auxiliar na transformação do indivíduo para que a sociedade em geral sinta o “benéfico influxo de uma piedade que corresponda melhor ao amor de Deus e traga felicidade” (VAUGHAN, 1882, p. 2). De acordo com o historiador do Protestantismo Brasileiro, o Reverendo Boanerges Ribeiro (1981, p. 280) “o valor essencial é a Vida Eterna, a comunhão com Deus. A Deus se reúnem os que aceitam pela fé a expiação dos seus pecados, efetuada na cruz por Jesus Cristo”. O catecismo analisado apresenta, na primeira questão, a seguinte definição para o entendimento acerca da expiação: “é o ato pelo qual fica aplacada a ira de uma pessoa ofendida e tirada a obrigação de punir a ofensa. As palavras reparação, reconciliação e paz são sinônimas da expiação” (VAUGHAN, 1882, p. 2).

As perguntas e respostas são precedidas de uma mensagem inicial, assinada pelo Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, datada a 16 de março de 1882, informando ao leitor e a toda comunidade religiosa que o *Catecismo da Expição* havia sido examinado com vistas a certificar-se de que o conteúdo não contrariava o ensino da fé e, portanto, a licença para publicação em nome da Diocese fora concedida. A dedicatória informa que a obra fora dedicada ao referido Bispo de São Sebastião, traduzida pelo Padre Anthelmo Goud e

escrita para sanar dúvidas acerca da obra da expiação. As 127 questões são apresentadas a partir de uma divisão temática – a expiação humana, a expiação divina e os atos expiatórios – exposta ao longo das 47 páginas. A apresentação do símbolo da expiação precede as perguntas e respostas.



Figura 23- Símbolo da Expição

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Na publicação, o cacto simboliza a expiação. A explicação para a escolha da planta é informada no próprio catecismo: “a planta de espinhos foi escolhida porque floresce somente a noite e reúne na sua flor as lágrimas do orvalho da natureza”. Assim a obra de “Deus há de

brilhar na noite da época de incredulidade, e juntar, com uma taça as lágrimas do mundo arrependido, afim de que Jesus possa oferecê-las com o cálice de seu precioso sangue e aplacar a ira de seu Pai” (VAUGHAN, 1982, p. 14). A presença de uma publicação católica, dentre os catecismos analisados, reflete o interesse de Vicente Themudo Lessa por outras instituições religiosas, fortes no Brasil e, sobretudo, uma estratégia para conhecer a apresentação da doutrina católica em outro formato, diferente da organização da Bíblia.

As páginas amareladas da *Coleção Folhetos Evangélicos* testemunham saberes e práticas postos em circulação através dos impressos, com vistas a moldar comportamentos. Os reflexos da educação extrapolam os muros da igreja e atingem o sentido lato, abrangendo a formação integral do ser humano, os modos de vida e a forma de se portar perante a sociedade. As publicações analisadas foram projetadas para auxiliar a prática docente pautados na Pedagogia Moderna, embasam os alicerces de instituições educacionais protestantes, desde a organização da sala ao método utilizado, a postura adotada pelo professor, bem como a educação no ambiente familiar e a instrução de leigos, em diferentes faixas etárias. Fundamentados na Bíblia, nos títulos analisados figuram saberes educacionais e religiosos que deveriam ser apreendidos e praticados no cotidiano. O compromisso com a igreja, a leitura da Bíblia, a guarda do domingo, os deveres e necessidades religiosas, a dedicação ao trabalho e eliminação da ociosidade, a supressão de bebidas alcoólicas, dos jogos de azar e das relações extraconjugais são moldes comportamentais veiculados nos impressos.

Os catecismos foram compreendidos como instrumentos pedagógicos utilizados para padronizar os modos de pensar, foram utilizados para modelar as práticas do meio evangélico, via educação. As publicações analisadas imprimem práticas religiosas que deveriam fazer parte no cotidiano dos fiéis, em diferentes faixas etárias, entre elas a oração, os mandamentos e leitura da Palavra Sagrada. Assim, a circulação de impressos protestantes favoreceu a propagação de saberes e práticas educacionais e religiosas, inculcando novos hábitos e valores na mentalidade dos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, procurei compreender a difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas, postas em circulação no Brasil oitocentista e em meados dos novecentos, tendo como fio condutor a *Coleção Folhetos Evangélicos*, sob os aspectos de produção, materialidade e conteúdo. Para compor a escrita destas considerações, revisei os capítulos anteriores, uma vez que eles materializam o esforço empreendido na construção da narrativa histórica para, de maneira articulada e inteligível, apresentar os resultados alcançados. No retorno ao texto, colhi elementos balizadores para este fechamento.

O corpus documental adotado como fonte fez jus ao sentido primeiro do termo fonte, posto que da *Coleção Folhetos Evangélicos* jorraram informações. Diante da impossibilidade de conhecer o leitor, Vicente Themudo Lessa, de carne e osso, segui uma das perspectivas da História da Leitura e investiguei o conteúdo dos impressos, sua materialidade e consegui apreender marcas do leitor. Essas marcas que sobrevivem à ação do tempo, como fios e rastros, testemunham uma vida guardada em papéis, eternizam a imagem de um sujeito que se fez protestante, que guardou os impressos para se eternizar, guardou para se guardar e para nos guardar do esquecimento. Desde a infância, o contato com a leitura, fez de Vicente Themudo Lessa um leitor e colecionador assíduo de diversos impressos.

A contribuição de Vicente Themudo Lessa para a consolidação do Protestantismo em terras brasileiras é refletido nas suas ações como pastor, professor, escritor de diversas obras sobre a religião e sobre personagens protestantes, mas também como leitor e colecionador de impressos preocupado com a salvaguarda desse material. Os grifos e anotações deixam uma representação de um intelectual que atuou na mediação e propagação de saberes e práticas religiosas protestantes. Dentre os 644 títulos, identifiquei temáticas que abrangem o Protestantismo, o Catolicismo, a Maçonaria e o Espiritismo, reflexos do interesse de Vicente Themudo Lessa por outras instituições religiosas, fortes no Brasil, possíveis adversários numa disputa pelo espaço religioso.

A conservação dos títulos revela a preocupação com a salvaguarda e a circulação deste material para difundir saberes e práticas educacionais protestantes. Para Chartier (1990, p. 22), o entendimento de práticas perpassa os modos como, em uma dada sociedade, “os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem [...]”.

Nesse sentido, a *Coleção Folhetos Evangélicos* foi compreendida como objeto cultural, projetado para difundir saberes e práticas educacionais e religiosas inculcar na mentalidade dos novos fiéis valores morais, fundamentados na Bíblia, que deveriam nortear o comportamento dentro e fora da igreja, abrangendo as relações sociais. Comprometidos com a causa religiosa, os convertidos deveriam dedicar atenção à leitura da Bíblia, para solidificar os saberes que eram refletidos nas ações cotidianas. Ir à igreja, guardar o domingo para Senhor, ler a Bíblia e orar para manter-se no caminho Dele, são exemplos de práticas veiculadas nos títulos investigados, estas deveriam fazer parte do cotidiano dos cristãos protestantes.

Projetados para fazer circular a Palavra Sagrada, as publicações investigadas conservam, em suas especificidades materiais, elementos de conformação e condução da leitura. Foram constatados 437 prefácios, 389 notas de referência, 282 notas explicativas, 61 apêndices, 35 obras com resumos para recapitular o assunto, 19 índices remissivos, 16 anexos e 11 notas do tradutor. Dispositivos como esses reafirmam o fato de os impressos terem sido utilizados como ferramenta de propagação de saberes e práticas educacionais e religiosas que fizeram “reconhecer uma identidade social” (CHARTIER, 1990, p. 21).

Apesar de muitas publicações terem sido produzidas sem informação quanto à autoria e local de publicação, a análise da *Coleção Folhetos Evangélicos*, sob o aspecto da produção, permitiu inferir também que além da circulação de impressos protestantes, o Brasil oitocentista e em meados dos novecentos foi palco da produção de títulos, visto que dos 644 títulos, 414 foram produzidos por tipografias brasileiras, 79 em Portugal, 45 nos Estados Unidos 49, cinco na Inglaterra, um na França e um na Escócia.

Na *Coleção Folhetos Evangélicos* foi possível apreender ideários que deveriam ser inculcados na população, imprimindo no cotidiano dos fiéis a prática da leitura e o exercício da fé, e estas são indissociáveis. As práticas educacionais e religiosas veiculadas nos impressos abrangem a formação do ser humano em âmbito físico, intelectual e moral. Entre impressos pedagógicos para orientar o professor quanto ao seu papel, os métodos que poderiam ser adotados, o papel do aluno, havia as publicações de instrução pastoral, sugerindo pistas de como conquistar novos adeptos à religião protestante; impressos destinados aos pais sobre a educação familiar, com orientações para conduzir a educação dos filhos no caminho do Senhor, catecismos projetados para difundir a doutrina religiosa para crianças e adultos refletem a amplitude das práticas educacionais e religiosas postas em circulação, destinadas ao lar, a escola, a igreja, a um contexto social. Além disso, a presença de hinários e catecismos também corrobora e configura a circularidade de saberes e práticas

educacionais e religiosas, pautada no movimento circular, pressupondo a possibilidade de acesso aos saberes e palavras impressas àqueles que, porventura, não soubessem ler e poderiam aprender a doutrina aprendendo as músicas ou o diálogo apresentado nos catecismos.

Garimpendo as fontes e lapidando os achados, segui o traçado de uma história eternizada nas páginas amareladas dos títulos analisados. Neles, apreendi saberes e práticas educacionais e religiosas postas em circulação no Brasil dos Oitocentos e em meados do século XX. Sem pretensão de esgotar o assunto, espero que esta dissertação contribua para a História da Educação, como campo de estudos e pesquisas, no sentido de estimular reflexões acerca da produção, circulação e usos de impressos, para que outras pesquisas sejam empreendidas.

Investigar e narrar os reflexos de uma educação eternizados nas páginas envelhecidas da *Coleção Folhetos Evangélicos* com base nas lentes da história foi a operação que me propus realizar, com consciência da responsabilidade, considerando os limites da proposta e, sobretudo, do que consegui realizar. Assim, finalizo com as palavras de Carlos Drummond de Andrade (1984, p. 11), no poema “A Verdade”:

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

FONTE E REFERÊNCIAS

FONTE

Coleção Folhetos Evangélicos. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

AFONSO, José António Martin Moreno. **Protestantismo e educação**: história de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX. Braga: Universidade do Minho, 2009.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Livros de devoção, atos de censura**: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821). São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2004.

ALMEIDA, Mirianne Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Nota prévia acerca da circulação de impressos no Brasil: a *Coleção Folhetos Evangélicos*. **Revista Leitura. Teoria & Prática**, v. 58, p. 1-7, 2012.

ALMEIDA, Mirianne Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Guardar a vida em papéis: traços de um leitor e colecionador de impressos. In: **Anais Eletrônicos do 18º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2012, p. 1-8.

ALMEIDA, Mirianne Santos de; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Vicente Themudo Lessa: leitor e colecionador de impressos – um intelectual? In: **Anais Eletrônicos do IV Encontro Norte e Nordeste de História da Educação**. Aracaju: Universidade Tiradentes. 2012, p. 1-14.

ALMEIDA, Mirianne Santos de; OLIVEIRA, Marcus Aldenison. Vicente Themudo Lessa e a sua biblioteca. In: **Anais Eletrônicos do V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão: UFS, 2011, p. 1-15.

ALMEIDA, Mirianne Santos de; BERTINATTI, Nicole; MAZÊO, Priscila Silva. O Educador Vicente Themudo Lessa e a Coleção Folhetos Evangélicos. In: **Anais Eletrônico do I Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente e IV Encontro Brasileiro da Rede Estrado**. Maceió: FITS. 2011, p. 1-13.

ALMEIDA, Mirianne Santos de. Vicente Themudo Lessa e a circulação de impressos protestantes. In: **Anais Eletrônico do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: USP, 2011, p. 1-12.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos plausíveis**. São Paulo: José Olympio, 1985.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural e História das Ideias - diálogos historiográficos. In: GEBRAN, Philomena. (Org.). **História Cultural**: várias interpretações. 1. ed. Goiânia: Editora Vieira, 2006 , p. 131-154.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 529-576.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-230.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUEFG, 2011.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2. ed. Brasília: UNB, 1998.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido** – cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 313-333.

DUTRA, Eliana de Freitas. A nação dos livros. In: DUTRA, Eliana de Freitas e MULLER, Jean-Yves (Orgs.) **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política. São Paulo: Annablume, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; INÁCIO, Marcilaine Soares (Org.). **Políticos, literatos, professoras, intelectuais: o debate público sobre educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A produção de estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a História da Educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 146-155.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira Galvão. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução: Maria da Penha Villalobos e Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.

HÉBRARD, Jean. “Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural”. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras/ALB; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 33-78.

LAJOLO, Marisa. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**. Brasília, nº 69, p. 1-7, 1996. Disponível em <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>>. Acesso em: 1 ago. 2012.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi: memória- história**. Porto Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. V. I, 1984, p. 95-106.

LESSA, Vicente Themudo. **1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)**. São Paulo, 1928.

LOPES, Eliana Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOPES, Marcos Antônio. Pena e espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: LOPES, Marco Antônio (Org). **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **O Barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate**. Fortaleza: UFC, 2011.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Zila Mamede, trajetórias literárias e educativas**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

MACHADO, Charlinton José dos Santos. **Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações**. João Pessoa: UFPB, 2009.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1998.

MATOS, Alderi Souza de. **Breve história do protestantismo no Brasil**. s.d. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Acesso em: 10 set. 2008.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MINDLIN, José. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 101-114.

MIGNOT, Ana Chrystina Vanancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (organizadoras). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; ALMEIDA, Mirianne Santos de. Circulação de impressos no Brasil: considerações sobre os catecismos protestantes. In: Miguel André Berger; Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento. (Org.). **Imprensa, Impressos e Práticas Educativas**: Estudos em História da Educação. Fortaleza: UFC, 2012, p. 23-44.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/NPED, 2007a.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **Educar, curar, salvar**. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007b.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil e Portugal: circulação de impressos protestantes. In: **Anais Eletrônicos do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Universidade do Porto, 2008. p. 1-10.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; AMORIM, Simone Silveira; BONFIM, Ellen de Souza. A correspondência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a História da Educação Brasileira (1818-1839). In: VASCONCELOS, José Gerardo et alli (Org.). **História da Educação**: real e virtual em debate. Fortaleza: Edições UFC, 2012, p. 481-500.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A formação do homem civilizado. **Revista Educar-se**. Ano I, nº1, março de 1997, p. 31-55.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada**. Londrina: UEL, 1999.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco. V. 19, p. 11-27, Jan/Dez, 2001.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico. In: **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**. São Cristóvão, Aracaju: Universidade Federal de Sergipe; Universidade Tiradentes, 2008, p. 1-16.

PEIXOTO, Silveira. **Falam os escritores**. Comissão Estadual de Literatura. Coleção textos e documentos. 2ª ed. São Paulo: Editora Conselho Estadual de Cultura, 1976.

PINHEIRO, Albertino. **Vicente Themudo Lessa**. São Paulo: Oficina de José Magalhães, 1941.

PINSKI, Carla Bassanezi, (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

RABACA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira**: aspectos da implantação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Brasileira, 1981.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão (Org.). **Intelectuais e processos formativos em Alagoas**: (séculos XIX – XX). Maceió: EDUFAL, 2008.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2ª Ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 183-212.

VENANCIO, Giselle Martins. Da escrita impressa aos impressos da biblioteca. In: DUTRA, Eliana de Freitas e MULLER, Jean-Yves (Orgs.) **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política. São Paulo: Annablume, 2006, p. 87-110.

VENANCIO, Giselle Martins. Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815-1900). BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 489-502.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2003.

DISSERTAÇÕES E TESES

ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo. **O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876)**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação – Mestrado em Educação).

BEDA, Ephraim de Figueiredo. **Editoração evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos**. São Paulo: USP/ECA, 1993. (Tese de Doutorado).

BERTINATTI, Nicole. **A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2011. (Dissertação – Mestrado em Educação).

FREITAS, Anamaria Bueno Gonçalves de Freitas. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas: UNICAMP, 2003. (Tese de Doutorado em Educação).

FREITAS JUNIOR, Cleófas Lima Alves de. **As Práticas e Representações Femininas no Protestantismo de Campina Grande: a Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960)**. Campina Grande: UFPB, 2010. (Dissertação – Mestrado em História).

LIMA, Éber Ferreira Silveira. **"Entre a sacristia e o laboratório": os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)**. Assis: UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, 2008. (Tese - Doutorado em História).

LIMA, Maria do Socorro. **República, Política e Direito: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação – Mestrado em Educação).

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação – Mestrado em Educação).

SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. **A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação – Mestrado em Educação).

SILVA, Sandra Cristina da. **Educação de papel: impressos protestantes educando mulheres**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SOUZA, Cristiane Vítório de. **As leituras pedagógicas de Sílvio Romero**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009. (Dissertação – Mestrado em Educação).

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. São Paulo: PUC, 2010. (Tese - Doutorado em História).

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. **Escritos nas fronteiras: os livros de história do Protestantismo brasileiro (1928-1982)**. Assis: UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, 2011. (Tese - Doutorado em História).